

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

FREDERICO DE SOUSA SILVA

APOCOLOCINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO
Tradução, notas e comentários

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

APOCOLOCINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

Tradução, notas e comentários

Frederico de Sousa Silva

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof^o. Dr^o. José R. Seabra F.

São Paulo

2008

S586 Silva, Frederico de Sousa
Apocolocintose do Divino Cláudio: tradução, notas e comentários/
Frederico de Sousa Silva; orientador: José Rodrigues Seabra Filho –
São Paulo, 2008.
145 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras
Clássicas. Área de Literatura latina) – Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo.

1. Sêneca, o jovem, ca. 4 a.C.-65 – 2. Tibério Cláudio César
Augusto Germânico, Imperador de Roma, de 41 a 54 - 3. Literatura
latina (Crítica e interpretação) - 4. Sátira menipéia I. Título

21ª CDD: 878

RESUMO: A *Apocolocintose do divino Cláudio* é a desconstrução da apoteose atribuída pelo senado romano a Cláudio, *princeps* morto em 54 d.C. e penúltimo César da dinastia Júlio-Claudiana. Este texto de Sêneca estrutura-se de acordo com o gênero sátira menipéia, em que se mesclam prosa e verso, coloquialismos e formas cultas, além de intensas relações que se estabelecem com outros textos greco-romanos. Para isso, Sêneca insere fatos da vida de Cláudio e relaciona-os com situações inesperadas no céu, na terra e no inferno, em um percurso fictício que o *princeps* romano realiza nesta dessacralização. O texto de Sêneca é uma reação ao exílio sofrido nas mãos deste mesmo *princeps*, a quem o filósofo veio a servir em 49 d.C. Também é uma reação aos desmandos e crueldades perpetradas por Cláudio e uma forma de enaltecer a imagem de Nero, alçado ao governo de Roma após a morte de Cláudio. Esta dissertação de Mestrado compreende uma introdução ao gênero sátira menipéia, seguida de tradução e notas da *Apocolocintose do divino Cláudio*, bem como de um comentário crítico-analítico em que se examinam as intenções de Sêneca nesta invectiva contra Cláudio.

PALAVRAS-CHAVE: Sátira menipéia; Sêneca; divinização; Cláudio; dessacralização.

ABSTRACT: *Divine Claudio's Apocolocintose* is the destruction of the apotheosis given by the Roman senate to Claudio, *princeps* who died in 54 after Christ, and the penultimate Caesar of the Julian-Claudian dynasty. The text by Seneca is, in its structure, in accordance with the genre menippean satire, in which prose and verse, colloquialism and erudite forms of composition are entwined. Besides, the text has intense links with other Greek-Roman texts. In order to do that, Seneca inserts facts of Claudio's life and relates them with unexpected situations in heaven, on earth and in hell, in a fictitious path the Roman *princeps* carries out in this dissacralization. Seneca's text is a reaction due to the exile he had to undergo through the hands of the *princeps* himself, who the philosopher served in 49 after Christ. It's also a reaction to the whimsy deeds and cruelties done by Claudio, and a way of highlighting Nero's image, who took the government after Claudio's death. This Master's degree paper comprehends and introduction to the genre menippean satire, translation and notes of *Divine Claudio's Apocolocintose* as well as a critic-analytic comment on which Seneca's intentions are examined in the invective against Claudio.

KEY WORDS: Menippean satire; Seneca; divinization; Claudio; dissacralization.

ÍNDICE

Introdução	5
A sátira menipéia e o texto de Sêneca	7
Apocolocintose do divino Cláudio. Tradução e notas	15
Comentário crítico	53
Considerações finais	140
Bibliografia	142

INTRODUÇÃO

Discussões políticas, costumes, relacionamentos entre personalidades do mundo romano da corte de Cláudio, à frente de Roma entre 41 e 54 d.C., e principalmente a zombaria em relação à figura do imperador entrelaçam-se na obra *Apocolocyntosis Diui Claudii*, escrita por Sêneca pouco depois da morte do soberano romano. Lúcio Aneu Sêneca, nascido entre 4 a.C. e o ano 1 de nossa era, dedicou-se a vários gêneros literários e em cada um deles mostrou versatilidade na arte da escrita. Brillhante e versátil naquilo que escrevia, grande orador, despertou a inveja de Calígula¹, foi hostilizado por Cláudio – que o exilou² – e, depois de ser o preceptor e principal conselheiro de Nero, suicidou-se por ordem do mesmo imperador a quem educara³. Ativo participante da sociedade e da política romanas, Sêneca nunca perdoou a Cláudio por este tê-lo exilado em 41 d.C. Com a morte do *princeps*, o filósofo tem a oportunidade de escrever uma invectiva, texto traduzido e comentado neste nosso trabalho de pesquisa. O texto de Sêneca põe em contestação o título de divino, atribuído a Cláudio postumamente, e o faz sugerindo não a transformação de Cláudio em um deus, mas sim em um escravo no inferno.

A *Apocolocintose* é a confluência de vários aspectos que se acumularam durante alguns anos, como o ressentimento de Sêneca, por ter sofrido o degredo determinado pelo próprio imperador Cláudio, a quem passou também a servir de 49 a 54 d.C. Além disso, a *Apocolocintose* mostra também o desprezo de Sêneca pela figura do imperador Cláudio, considerado não só incapaz para o cargo que ocupava, mas também tido como abobalhado por quase todos que o cercavam. A *Apocolocintose* é, desse ponto de vista, a própria cólera de Sêneca contra as atrocidades que Cláudio cometera contra o filósofo e contra o ideal de governo romano. De outro lado, o texto de Sêneca também pode ser lido como uma obra que enaltece novos tempos para os romanos, como o prenúncio de uma nova idade do ouro, com a elevação de Nero ao comando de Roma. Nesse sentido, a *Apocolocintose* também critica as atitudes de Agripina, mãe de Nero, que pretendia

¹ A eloquência de Sêneca nos discursos provocou a ira de Calígula e este só lhe poupou a vida porque o *princeps* escutou uma brilhante intervenção de Sêneca no senado e porque uma das amantes de Calígula afirmou que Sêneca morreria doente em pouco tempo. Cf. Suetônio (*Calígula*, 53), Dion Cássio (*LIX*, 19, 7) e o crítico moderno Ettore Paratore na obra *História da Literatura latina*, p. 581.

² Orador reconhecido, em 41 d.C., no governo de Cláudio, Sêneca foi acusado de adultério com Júlia Livila, irmã de Calígula. Mandado para a Córsega, Sêneca retornará a Roma em 49 d.C. A mágoa do exílio, juntamente com os desmandos de Cláudio, fornece matéria para a *Apocolocintose*. Cf. Tácito (*Anais*, XIII, 42), Dion Cássio (*LX*, 8) e Suetônio (*Cláudio*, 29).

³ Cf. Tácito, *Anais*, livros XIII e XIV.

ser a esposa de um deus, possibilidade que poderia contrapor-se os projetos de Nero. Entendida dessa forma, a *Apocolocintose*, por meio da derrisão, por meio da destruição da imagem de Cláudio, tem o propósito de colocar em posição de destaque o novo soberano dos romanos, ou seja, instalar Nero à altura dos deuses.

Este nosso trabalho de estudo e pesquisa apóia-se na teoria do gênero sátira menipéia apresentada por Mikhail Bakhtin, Northrop Frye e Enylton José de Sá Rego, com as respectivas obras *Problemas da poética de Dostoievski*; *Anatomia da Crítica*; *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Após o desenvolvimento da teoria a respeito da sátira menipéia, gênero textual utilizado por Sêneca para compor a *Apocolocintose*, apresenta-se a tradução do texto, acompanhada de notas. Em seguida, comenta-se a *Apocolocintose do divino Cláudio* à luz da sátira menipéia. Para a tradução desta obra latina, utilizou-se a edição estabelecida por René Waltz para a editora *Les Belles Lettres*. Como suporte para eventuais dúvidas em relação a alguns termos latinos, consultou-se a edição da *Apocolocintose* da editora *Loeb Classical Library*. Dicionários, gramáticas e livros referentes à literatura e história romanas completam o rol de obras utilizadas para a presente tradução, comentário e notas que perpassam esta pesquisa.

A SÁTIRA MENIPÉIA E O TEXTO DE SÊNECA

A antigüidade clássica fornece à posteridade uma gama de gêneros textuais, dentre os quais há um campo especialmente fértil que os antigos denominaram de sério-cômico, em oposição aos chamados gêneros elevados como a epopéia, a tragédia e a história, entre outros.

Entre as características dos gêneros do sério-cômico, reunidas e analisadas por Mikhail Bakhtin na obra *Problemas da poética de Dostoievski*, cita-se primeiramente o tratamento que é dado à realidade. Para Bakhtin, a história não se passa em um passado remoto ou absolutamente no campo das lendas: “O objeto da representação séria (e simultaneamente cômica) é dado sem qualquer distância épica ou trágica, no nível da atualidade, na zona do contato imediato e até profundamente familiar com os contemporâneos vivos (...)”⁴. A *Apocolocytosis Diui Claudii*, texto em estudo nesta pesquisa, foi escrita logo após ou poucos anos depois da morte do imperador Cláudio, motivo da invectiva de Sêneca. Portanto, grande parte dos acontecimentos relatados no libelo ora estudado era de conhecimento e de, até, testemunho da sociedade romana da época.

Outra peculiaridade do sério-cômico refere-se à análise crítica que se faz na obra: “(...) os gêneros do sério-cômico não se baseiam na ‘lenda’ nem se consagram através dela. (...) na maioria dos casos seu tratamento da lenda é profundamente crítico, sendo, às vezes, cínico-desmascarador”⁵. Mesmo que Sêneca tenha também o propósito de rebaixar o imperador morto para assim realçar as características de Nero, o novo imperador, em toda a *Apocolocintose* o autor põe a nu os defeitos de Cláudio com a clara intenção de destruir a imagem de divino, concedida pelo senado romano a Cláudio.

A terceira particularidade refere-se à pluralidade de estilos e tons em uma mesma obra. Há uma combinação do sublime com o vulgar, do elevado com o baixo, em uma variedade de gêneros intercalados. Há uma renúncia à unidade estilística ou unicidade estilística, segundo Bakhtin. Os gêneros elevados, como a epopéia e a tragédia, tratam de deuses e de personagens próximas à divindade, levando-se em conta as realizações humanas em sua dimensão ideal e grandiosa. Na *Apocolocintose*, pode-se perceber que a crítica a Cláudio e o conseqüente desprezo pela figura do imperador se

⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*, p. 108.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 108.

dão a partir da estrutura da obra, uma vez que o autor sabe que, ao fazer essa mistura de gêneros em um mesmo texto, está elaborando uma obra ‘baixa’, em contraposição aos gêneros elevados. Logo, a forma escolhida por Sêneca já remete o leitor da época para o ridículo ou a mediocridade, neste caso para Cláudio, descrito na obra como homem inferior e tolo.

A *Apocolocintose do Divino Cláudio* insere-se, portanto, no estilo do sério-cômico e especificamente no gênero sátira menipéia. A utilização da expressão sátira menipéia ainda é vaga, carecendo de estudos mais aprofundados. Entretanto, Mikhail Bakhtin, com sua obra *Problemas da poética de Dostoievski*, Northrop Frye e sua *Anatomia da Crítica* e a pesquisa de Enylton J. de Sá Rego⁶ norteiam o presente trabalho de pesquisa, visto que são críticos que se debruçaram sobre o gênero citado.

Quintiliano (*Institutiones Oratoriae*, X, 1, 93) afirma que a sátira é um gênero essencialmente latino. Tornou-se famoso e reconhecido o trecho *satira quidem tota nostra est*. Críticos e mais críticos debruçam-se sobre teorias acerca da sátira e, quase sempre, inscrevem como escritores satíricos latinos Lucílio, Horácio, Pérsio e Juvenal. Deixam de fora Sêneca, talvez por este ter-se firmado como grande filósofo e não satirista, ou por ter escrito um único texto satírico que não se enquadrasse na afirmação de Quintiliano, uma vez que a *Apocolocytosis Diui Claudii* guarda reminiscências gregas, não sendo considerada simplesmente uma sátira, mas uma sátira menipéia. O próprio Quintiliano, além dos críticos citados acima, faz menção a uma sátira de estilo diferente àquele formulado pelos romanos: *Alterum illud etiam prius saturae genus, sed non sola carminum uarietate mixtum condidit Terentius Varro, uir Romanorum eruditissimus*⁷ (Terêncio Varro, o homem mais erudito entre os romanos, estabeleceu também outro gênero de sátira anterior àquele, não somente de uma única variedade, como também de versos misturados).

A sátira portanto assume diferentes vertentes. No mundo romano, a sátira mais conhecida e reconhecida tem fundo moralizante, e o próprio Horácio expressa o *ridentem dicere uerum quid uetat?*⁸. Mesmo que o satirizar seja um sentimento universal, a sátira latina surge da observação dos vícios e das distorções sociais e morais. “Seus alvos são, ao mesmo tempo, morais, sociais e políticos, e seu espírito,

⁶ SÁ REGO, Enylton José de. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*.

⁷ *Instituições Oratórias*, X, 1, 95.

⁸ “Que impede, a quem ri, dizer a verdade?” Horácio, *Sermones*, I, 1, 24.

essencialmente conservador⁹”. Com a mudança abrupta da antiga vida campesina romana para a nova vida ao estilo dos helênicos, Roma presencia costumes até então desconhecidos. Os romanos, antes de conhecerem a Grécia e seus costumes, tinham como características o amor à própria terra e aos produtos dela, o amor à família e a sujeição ao *paterfamilias*, o *mos maiorum* – obediência incondicional aos mais velhos e às tradições –, que leva ao senso de moralidade e tinham, enfim, um apego à simplicidade no viver.

A vida e, conseqüentemente, os costumes romanos agrários sofreram profundas transformações com as conquistas territoriais e, principalmente, com o contato com civilizações tão díspares como a grega. Horácio, nas epístolas (II, 1, 156-157), remete a isso quando escreve *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio* (a Grécia vencida conquistou o fero vencedor e trouxe as artes ao Lácio agreste). Mesmo com essas revoluções sociais, a sociedade romana ainda podia ser considerada conservadora, de modo que os satiristas latinos conhecem o sucesso por meio da mordacidade e zombaria contra aqueles que iam de encontro aos traços originais da agrária civilização romana. De um lado então está a sátira exclusivamente em versos, dedicada a uma censura às vezes ferina, a uma invectiva mordaz e sem sutilezas contra aqueles que não correspondiam ao antigo padrão romano.

Por outro lado, surge também em Roma uma sátira que admite versos de variados metros mesclados à prosa, também invectiva, mas com direito à paródia refinada. Essa é a sátira menipéia, cujas origens remontam ao mundo grego, especificamente a Menipo de Gadara, que havia formulado um tipo especial de literatura, no século III a.C., mordaz, agressiva e polêmica. O romano Varrão, no século I a.C., escreveu, entre vários gêneros, textos que resultaram na união do sério com o jocoso. Varrão seguiu Menipo na mescla de prosa com versos, no uso de uma linguagem rica em recursos, como jogo de palavras, citações em grego, formas cultas aliadas a formas vulgares.

Sobre a sátira menipéia, Mikhail Bakhtin informa:

“Esse gênero deve a sua denominação ao filósofo do século III a.C. Menipo de Gadara, que lhe deu forma clássica. No entanto, o termo, enquanto denominação de um determinado gênero, foi propriamente introduzido pela primeira vez pelo

⁹ MINOIS, George. *A história do riso e do escárnio*, p 87.

erudito romano do século I a.C., Varrão, que chamou à sua sátira de *saturae menippeae*. (...). Uma “sátira menipéia” clássica é o *Apolokyntosys Claudii* de Sêneca. O *Satyricon*, de Petrônio, não passa de uma “sátira menipéia” desenvolvida até os limites do romance. A noção mais completa do gênero é, evidentemente, aquela que nos dão as “sátiras menipéias” de Luciano que chegaram perfeitas até nós (...). São uma “sátira menipéia” desenvolvida as *Metamorfoses (O Asno de Ouro)* de Apuleio (assim como sua fonte grega, que conhecemos pela breve exposição de Luciano). (...). Esse gênero carnavalizado, extraordinariamente flexível, capaz de penetrar em outros gêneros, teve uma importância enorme, até hoje ainda insuficientemente apreciada, no desenvolvimento das literaturas européias¹⁰.”

Northrop Frye, em *Anatomia da Crítica*, escreve que “anatomia”, no livro de Robert Burton – *Anatomy of Melancholy* –, significa dissecação ou análise, e que estas características pertencem também à menipéia. Frye adota, então, o termo anatomia para designar a sátira menipéia. Sobre ela, tece vários comentários que citamos:

“A sátira menipéia lida menos com pessoas, como pessoas, do que com atitudes espirituais. Profissionais de todos os tipos, pedantes, fanáticos, excêntricos, adventícios, virtuosos, entusiastas, rapaces e incompetentes, são tratados de acordo com seus liames profissionais com a vida, de modo distinto de seu comportamento social. (...). Em sua maior concentração, a sátira menipéia oferece-nos uma visão do mundo nos termos de uma simples configuração intelectual. A estrutura intelectual construída a partir da estória favorece violentas deslocções na costumeira lógica da narrativa, embora o surgimento da indiferença resultante reflita apenas a indiferença do leitor ou de sua tendência a julgar segundo um conceito de ficção centrado no romance. (...). O satirista menipeu, cuidando de temas e atitudes intelectuais, mostra sua exuberância em peculiaridades intelectuais empilhando enorme massa de erudição sobre seu tema ou soterrando seus alvos pedantescos sob uma avalanche de seu próprio palavreado. (...) mas a narração digressiva, as listas, a estilização da personagem por linhas de “humor”, a maravilhosa jornada do grande nariz [aqui ele se refere

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 112-113.

à obra *Tristram Shandy*], as discussões simposíacas e o constante escárnio de filósofos e de críticos pedantes são traços peculiares à anatomia¹¹.”

Na obra *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*, Enylton J. de Sá Rego faz um aprofundado estudo de algumas obras da segunda fase de Machado de Assis e relaciona-as como sátiras menipéias. Para isso, menciona, exemplificando, vários textos da Antigüidade e entre eles a *Apocolocintose*. Segundo ele, “Uma análise textual da *Apocolocintose* de Sêneca revelou-nos portanto algumas de suas [da menipéia] características principais: o caráter parodístico, a mistura de estilos populares e elevados, assim como o andamento irregular de sua forma narrativa¹²”. Ainda no estudo de Sá Rego, este cita:

“Na definição da sátira menipéia, no entanto, a afirmação de que ela é uma mistura de prosa e verso parece exigir uma certa modificação. De fato, não basta que o verso seja introduzido em meio à prosa, ... pois isto pode acontecer, por exemplo, no caso de citações ou de diálogo em muitas formas de composição. O que encontramos aqui é o próprio autor, falando em sua própria pessoa, mudando de um estilo de expressão a outro, sem nenhuma desculpa visível a não ser o seu tom coloquial. A essência da sátira menipéia é exatamente o seu andamento variado e desenfreado, andando, correndo e tropeçando, de vez em quando se permitindo até uma cabriola retórica.” Ball¹³, citado por Enylton José de Sá Rego, *apud O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*, p. 42.

A *Apocolocintose* é inegavelmente uma sátira menipéia tanto na forma como no conteúdo. Há na obra de Sêneca passagens em que se utiliza às vezes linguagem vulgar, outras vezes linguagem erudita. Ainda se fazem presentes citações gregas, e os gêneros sérios, como a epopéia, a tragédia, a história e a retórica clássica, são parodiados. Northrop Frye conceituou a sátira menipéia assim como Sá Rego também a relacionou em sua obra. Não há um estudo sistemático e detalhado dedicado exclusivamente à

¹¹ FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*, págs. 304 a 306.

¹² SÁ REGO, Enylton José de. Op. cit. p. 42.

¹³ Ball, *The Satire of Sêneca*, p. 62.

caracterização da sátira menipéia; entretanto, Bakhtin estudou e elencou quatorze particularidades da sátira menipéia, que arrolamos abaixo.

A primeira característica relacionada por Bakhtin liga-se ao elemento cômico. Na Menipéia, segundo o autor, há a presença acentuada do elemento cômico. A palavra cômico chegou até nós por meio dos gregos, via latim¹⁴. Pode-se afirmar que o cômico se dá pela conciliação de situações aparentemente incompatíveis, com a intenção de produzir o riso. O riso é oriundo da fusão de uma idéia lógica e, simultaneamente, absurda. “Aristóteles é o primeiro teórico a esboçar dois tipos de riso, um “riso vituperioso” que pressupõe por necessidade a invectiva pessoal, e um riso sem vitupério, sem dor, que o filósofo vincula de modo arbitrário à comédia (...)”¹⁵.

A característica seguinte diz respeito à “excepcional liberdade de invenção do enredo e filosófica. Isso não cria o menor obstáculo ao fato de os heróis da menipéia serem figuras históricas e lendárias¹⁶”. Além disso, a menipéia está livre das histórias que pretendem ser História e não há nela nenhuma exigência de verossimilhança.

Na terceira particularidade, “muito amiúde o fantástico assume caráter de aventura, às vezes simbólico ou até místico-religioso. Mas, em todos os casos, ele está subordinado à função puramente ideológica de provocar e experimentar a verdade¹⁷”. Portanto o recurso da fantasia é utilizado como instrumento para experimentar a verdade e, por meio desse recurso, as idéias e os temas apresentam maior importância. Dessa forma, com o objetivo de criar situações inesperadas, os heróis vão ao céu, ao inferno, a caminhos desconhecidos e são colocados em situações extraordinárias reais. Por fim, a fantasia serve à busca, à provocação e à experimentação da verdade.

Outro dado apresentado por Bakhtin diz respeito à conjugação ou mistura de elementos do fantástico com o mundo das camadas mais baixas da sociedade, ao submundo humano. “As aventuras da verdade na terra ocorrem nas grandes estradas, nos bordéis, nos covis de ladrões, nas tabernas, nas feiras, prisões, orgias eróticas dos cultos secretos, etc. Aqui a idéia não teme o ambiente do submundo nem a lama da vida¹⁸”. Bakhtin ainda afirma que essa característica da menipéia relacionada ao naturalismo desenvolveu-se de modo pleno no *Satyricon*, de Petrônio.

¹⁴ Do grego *κωμικός* para o latim *comicus*.

¹⁵ OLIVA NETO, João Ângelo. *Letras Clássicas*, nº. 7, p. 85

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 114.

¹⁷ Ibidem. P. 114.

¹⁸ Ibidem. P. 115.

Apresentar o homem na sua essência e na sua totalidade é a quinta característica da menipéia no estudo de Bakhtin. Importante atributo da anatomia – termo utilizado por Frye –, apresenta-se aqui uma extrema capacidade de ver o mundo. “Procura apresentar, parece, as palavras derradeiras, decisivas e os atos do homem, apresentando em cada um deles o homem em sua totalidade e toda a vida humana em sua totalidade¹⁹”. A menipéia, de acordo com essa característica, põe em oposição as atitudes finais do homem no mundo, já livre das conveniências sociais.

A sexta marca da menipéia traz como manifestação a estrutura em planos, a saber, da Terra para o Olimpo e deste para o inferno. Diálogos no limiar, ou seja, no limite ou entrada do céu e/ou do inferno são apresentados também como peculiares à sátira menipéia e o próprio Bakhtin exemplifica o texto de Sêneca em estudo nesta pesquisa como um dos melhores exemplos.

“Na menipéia surge a modalidade específica do *fantástico experimental*, totalmente estranho à epopéia e à tragédia antiga. Trata-se de uma observação feita de um ângulo de visão inusitado, como, por exemplo, de uma altura na qual variam acentuadamente as dimensões dos fenômenos da vida em observação²⁰.” Essa nova experiência ou novidade na escrita marca a sétima característica descrita por Bakhtin.

Os estados psicológico-morais anormais do homem – loucura do herói, amnésias, dupla personalidade, devaneios incontidos, sonhos extraordinários, paixões limítrofes com a loucura – marcam a oitava característica da sátira menipéia. A destruição da integridade e da perfeição do homem é facilitada pela atitude dialógica, que aparece na menipéia. “As fantasias, os sonhos e a loucura destroem a integridade épica e trágica do homem e do seu destino: nele se revelam as possibilidades de um outro homem e de outra vida, ele perde a sua perfeição e a sua univalência, deixando de coincidir consigo mesmo²¹.”

A nona característica está na linha da violação das normas. Cenas de escândalos, de comportamentos excêntricos, de declarações inoportunas também estão presentes. Incluem-se aí as violações do discurso com a mistura do formal com o informal, com os escândalos e manifestações extravagantes nas cenas descritas. “A palavra inoportuna é

¹⁹ Ibidem. P. 115.

²⁰ Ibidem. P. 116.

²¹ Ibidem. P. 117.

inoportuna por sua franqueza cínica ou pelo desmascaramento profanador do sagrado ou pela veemente violação da etiqueta²².”

O alto e o baixo, os contrastes agudos e jogos de oxímoros, a elevação e a decadência e as mudanças bruscas marcam a característica seguinte da menipéia, retratada por Bakhtin.

O elemento utópico também integra a menipéia, com a apresentação de lugares exóticos, misteriosos, com o mundo às avessas, marcando assim uma outra característica da sátira menipéia.

Importante traço é a décima segunda característica apresentada por Bakhtin, em que o autor relata que o uso de gêneros intercalados são uma constante nas menipéias. Além disso, há a fusão dos discursos da prosa e do verso, como já havia sido comentada por Quintiliano (*Inst. Or.* X, 1, 95) no século I d.C. e, sobre os versos, Bakhtin afirma: “As partes em verso se apresentam com certo grau de paródia²³”.

A variada gama de gêneros reforça a multiplicidade de estilos no interior da menipéia e essa é outra marca da sátira, assim como também, para finalizar as características apresentadas por Bakhtin, o enfoque em tom mordaz que o texto dá à atualidade, com discussão aberta com diversas escolas ideológicas, filosóficas e religiosas. Há uma constante presença de figuras atuais ou recém-desaparecidas e uma variada alusão a acontecimentos da época.

Portanto, levando-se em conta o que os três teóricos apresentaram a respeito da menipéia, pode-se dizer que há em comum, nesta teoria da sátira menipéia, uma técnica de desintegração, de corrosão, de um homem ou de um tema. Com isso, após a tradução do texto de Sêneca, acompanhada de notas e do texto latino, estudamos e aplicamos em nossa pesquisa sobre a *Apocolocintose* as características mais evidentes da sátira menipéia de que Sêneca fez uso e que os teóricos supracitados relacionaram.

²² Ibidem. P. 118.

²³ Ibidem. P. 118.

SÊNECA

APOCOLOCINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

TRADUÇÃO E NOTAS

A SÁTIRA SENEQUIANA

APOCOLOCINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO

ΑΠΟΚΟΛΟΚΥΝΤΩΣΙΣ ΔΙΥΙ ΚΛΑΥΔΙΙ

I. 1 Quid actum sit in caelo ante diem III. idus Octobris anno nouo, initio saeculi felicissimi, uolo memoriae tradere. Nihil nec offensae nec gratiae dabitur. Haec ita uera si quis quaesiuerit unde sciam, primum, si noluero, non respondebo. Quis coacturus est? Ego scio me liberum factum, ex quo suum diem obiit ille qui uerum prouerbiu fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere. 2 Si libuerit respondere, dicam quod mihi in buccam uenerit. Quis unquam ab historico iuratores exegit?

APOCOLOCINTOSE DO DIVINO CLÁUDIO²⁴

Lúcio Aneo Sêneca

I. 1 Desejo transmitir à história aquilo acontecido no céu no terceiro dia antes dos idos de outubro²⁵, em um ano-novo, no início de um século muito feliz. Sobre ofensa e sobre gratidão não será dito nada. Dessa maneira, essas são as verdades. Caso alguém pergunte de que lugar as conheço, primeiramente, se eu não desejar, não responderei. Quem é obrigado a falar? Quanto a mim, sei que me tornei livre desde que morreu aquele que fizera verdadeiro o provérbio “ser conveniente nascer ou rei ou tolo”. **2** Se for prazeroso responder, direi aquilo que me virá à boca. Quem avaliou alguma vez os juramentos de um historiador?

²⁴ A palavra grega ἀποκολοκύντωσις significa “aboborização” ou “transformação em abóbora”. O radical *apo-*, que aparece por exemplo em apoteose – transformação em deus –, juntou-se à palavra latina *colocynthis*, cujo significado é erva cabaça, da família das cucurbitáceas. A palavra latina *cucurbita* significa também abóbora. Como nesta obra senequiana não se trata de transformação literal do imperador Cláudio em abóbora, o termo adquire aqui os sentidos, também presentes nos dicionários, de bobo, fraco, tolo, abestalhado.

²⁵ Treze de outubro. Essa é a data oficial da morte de Cláudio. No calendário romano, os idos equivalem ao dia quinze nos meses de março, maio, julho e outubro. Nos demais meses, os idos correspondem ao dia treze.

Tamen, si necesse fuerit auctorem producere, quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum uidit: idem Claudium uidisse se dicet iter facientem “non passibus aequis”. Velit nolit, necesse est illi omnia uidere quae in caelo aguntur: Appiae Viae curator est, qua scis et Diuum Augustum et Tiberium Caesarem ad deos isse. 3 Hunc si interrogaueris, soli narrabit. Coram pluribus nunquam uerbum faciet: nam, ex quo in senatu iurauit se Drusillam uidisse caelum ascendentem et illi pro tam bono nuntio nemo credidit, quod uiderit, uerbis conceptis affirmauit se non indicaturum, etiam si in medio Foro hominem occisum uidisset. Ab hoc ego quae tum audiui certa, clara affero, ita illum saluum et felicem habeam.

Todavia se tiver sido necessário apresentar um fiador, procura aquele que viu Drusila, que ia para o céu²⁶: ele dirá ter visto que Cláudio percorria ‘com passos desiguais’²⁷ o mesmo caminho. Queira ou não, para aquele que viu Drusila ascender é inevitável ver todas as coisas que se passam no céu: ele é o encarregado da via Ápia, por onde sabes que não só o divino Augusto, mas também Tibério César foi para junto dos deuses. 3 Se a este tiveres interrogado, ele contará somente a ti. Na presença de muitos /Lívio Gemino²⁸/ não dirá uma palavra: pois, desde que no Senado jurou ter visto Drusila, que subia para o céu – e em prol de tão boa notícia ninguém acreditou nele²⁹ –, com palavras inflamadas afirmou que não revelaria o que teria visto, ainda que tivesse visto um homem assassinado no meio do Fórum. Dele, então, eu ouvi estes fatos, provados e esclarecidos, que conto. Dessa maneira, que eu o tenha saudável e feliz.

²⁶ *Quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum uidit*. Literalmente “procura da parte daquele que viu Drusila, que ia para o céu”. O verbo *quaerito* é marca textual através da qual Sêneca se dirige a um interlocutor. No Latim, a estrutura da segunda pessoa é uma das possibilidades de se exprimir o sujeito indeterminado. Além disso, a segunda pessoa pode ser influência diatríbica, recurso em que o dirigir-se a um interlocutor fictício faz parte do jogo persuasivo, com a intenção de retomar uma idéia, comprová-la ou ilustrá-la, como na passagem.

Júlia Drusila, irmã de Calígula. Segundo os historiadores Suetônio e Dion Cássio, Calígula tentou divinizar a irmã Drusila e, para conseguir isso, subornou Lívio Gemino, encarregado de inspecionar a via Ápia, por onde os cortejos fúnebres de Augusto e Tibério passaram. Lívio Gemino, depois de receber dinheiro de Calígula, jurou no Senado ter visto Drusila subir aos céus.

²⁷ Observa-se no trecho *Drusillam euntem in caelum idem Claudium* uma aliteração de *m* que, por ser bilabial, associa-se ao efeito de parar e prosseguir, referindo-se à passagem seguinte em que Cláudio chega mancando, com passos desiguais.

Non passibus aequis é parte de um verso de Virgílio retirado da *Eneida* (II, 724), em que o pequeno Iulo se agarra à mão de Enéias e o segue “com passos desiguais”, “trôpego”. Sêneca alude à deficiência física de Cláudio.

²⁸ Vide nota 26.

²⁹ *Et illi pro tam bono nuntio nemo credidit*. Trecho propositalmente ambíguo e irônico. Boa notícia divinizá-la ou, de forma irônica, boa notícia a irmã de Calígula ter morrido.

II. 1 *Iam Phoebus breuiore uia contraxerat ortum
Lucis et obscuri crescebant tempora somni;
Iamque suum uictrix augebat Cynthia regnum,
Et deformis Hiemps gratos carpebat honores
Diuitis Autumni, iussoque senescere Baccho
Carpebat raras serus uindemitor uuas.*

2 Puto magis intellegi si dixero: mensis erat october, dies III. idus octobris. Horam non possum certam tibi dicere: facilius inter philosophos quam inter horologia conueniet. Tamen inter sextam et septimam erat. 3 – Nimis rustice! Adquiescunt omnes poetae, non contenti ortus et occasus describere, ut etiam medium diem inquietent: tu sic transibis horam tam bonam?

II. 1 Febo já havia reduzido ao mais curto caminho a origem de luz, e os sons sombrios estendiam as horas, e a vitoriosa Cíntia³⁰ elevava seu reino. Também o disforme Inverno arrancava os agradáveis enfeites do rico outono e, com Baco ordenado a envelhecer, o tardio vindimadeiro colhia as últimas uvas.

2 Considero que serei mais bem compreendido se tiver dito: era o mês de outubro, terceiro dia de seus idos. Não posso dizer-te a hora exata: ajustar-se-á isso mais facilmente entre os filósofos do que entre os relógios. Todavia era entre a sexta e a sétima hora³¹. **3** – Muitas vezes grosseiro! Consentem todos os poetas, descontentes em descrever o nascer do Sol e o ocaso, que também atormentem o meio-dia. Tu, assim, passarás hora tão boa?

³⁰ Febo é também o nome de Apolo. Entre várias atribuições, Febo é o deus da luz e considera-se o Sol o seu carro. Também é deus guerreiro, capaz de, com seu arco e suas flechas, enviar a morte a alguém. Cíntia é identificada na Grécia com Ártemis e em Roma possui também o nome de Diana. Ela representa a Lua, além de ser irmã de Febo (Sol). Como o irmão, é implacável nas suas vinganças. Em Petrónio (*Satyricon*, CXXII), Cíntia também se apresenta em versos que são paródia da alta poesia: *parte alia plenos extinxit Cynthia uultus/ et lucem sceleri subduxit* (em outra parte, Cíntia ocultou-se toda e afastou sua luz do crime).

Todo este trecho em versos é uma crítica à poesia frívola e afetada da época.

³¹ A sétima hora latina equivale ao meio-dia atual, hora oficial da morte de Cláudio. Tácito, nos *Anais* (XII, 69), apresenta também a informação: *Tunc medio diei tertium ante Idus Octobris, fortibus palatii repente diductis, comitante Burro Nero egreditur ad cohortem, quae more militiae excubiis adest* (então ao meio-dia do terceiro dia antes dos idos de outubro, de repente se abrem as portas do palácio, e Nero, seguido por Burro, dirige-se à coorte que ali fazia, de costume, a guarda).

4 *Iam medium curru Phoebus diuiserat orbem
Et propior nocti fessas quatiebat habenas,
Obliquo flexam deducens tramite lucem.*

III. 1 *Claudius animam agere coepit, nec inuenire exitum poterat. Tum Mercurius, qui semper ingenio eius delectatus esset, unam e tribus Parcis seducit et ait: “Quid, femina crudelissima, hominem miserum torqueri pateris? Nec unquam tam diu cruciatus cesset? Annus sexagesimus quartus est, ex quo cum anima luctatur. Quid huic et rei publicae inuides? 2 Patere mathematicos aliquando uerum dicere, qui illum, ex quo princeps factus est, omnibus annis, omnibus mensibus efferunt.*

4 Já tinha dividido Febo com seu carro metade da órbita e, mais próximo da noite dirigindo por oblíquo caminho a inclinada luz, agitava as desgastadas rédeas.

III. 1 Cláudio começou a exalar sua alma e não encontrava uma saída³². Então Mercúrio, que sempre tinha sido agradado pelo engenho dele³³, chamou à parte uma das três Parcas³⁴ e disse: “Como, mulher crudelíssima, tu permites que um homem infeliz seja torturado? Nem alguma vez, depois de tanto tempo de suplício, /tu consentes que ele/ descansa³⁵? São sessenta e quatro anos com os quais ele luta com sua alma. Por que invejas a ele e à República? 2 Deixa que os astrólogos finalmente digam a verdade, aqueles que, desde que o príncipe foi nomeado, enterram-no todos os anos, todos os meses.

³² Há na passagem um possível jogo de palavras com o vocábulo *anima*, devido ao caráter irônico do texto. No trecho *Claudius animam agere coepit nec inuenire exitum poterat*, o termo *anima* significa tanto sopro, vento, exalação, cheiro, como também alma.

³³ Identificado com o deus grego Hermes, Mercúrio protege os viajantes e os comerciantes. Portanto o trecho faz uma ironia ao tratamento dispensado por Cláudio às relações comerciais.

³⁴ As Parcas são divindades do destino. Em número de três, Átropo, Cloto e Láquesis são representadas como fiandeiras na mitologia romana, imbuídas de regular a duração da vida desde o nascimento até a morte. Átropo fiava a vida, Cloto a enrolava e Láquesis a cortava, quando a existência de um ser chegava ao fim.

³⁵ *Nec unquam tam diu cruciatus cesset?* Poder-se-ia traduzir a passagem por “Nem alguma vez, depois de tanto tempo de suplício, ele descansará?” Neste caso, o verbo *cesso, cessare*, que no trecho está no presente do subjuntivo (*cesset*), traduz-se pelo futuro do presente do indicativo para manter a correlação verbal do português.

Et tamen non est mirum si errant et horam eius nemo nouit: nemo enim unquam illum natum putauit. Fac quod faciendum est: dede neci, melior uacua sine regnet in aula.”

3 Sed Clotho: “Ego, mehercules!” inquit, “pusillum temporis adicere illi uolebam, dum hos pauculos qui supersunt ciuitate donaret:constituerat enim omnes Graecos, Gallos, Hispanos, Britannos togatos uidere. Sed, quoniam placet aliquos peregrinos in semen relinquere et tu ita iuberes fieri, fiat.” **4** Aperit tum capsulam et tres fusos profert. Vnus erat Augurini, alter Babae, tertius Claudii.

Entretanto não é espantoso que os astrólogos erraram e ninguém soube a hora dele. Ninguém, com efeito, calculou que ele tivesse nascido³⁶. Faze aquilo que deve ser feito: *dede neci, melior uacua sine regnet in aula* (entrega-o à morte, consente que o melhor reine no palácio desocupado)³⁷.

3 Entretanto Cloto diz: “Eu, por Hércules, desejava aumentar um pouquinho a vida dele, até que premiasse aqueles poucos que restam com o direito de cidadania – ele tinha determinado, com efeito, que todos, gregos, gauleses, hispanos, britanos, fossem vistos com a toga³⁸. Mas é conveniente que alguns estrangeiros sejam conservados para semente e tu ordenas assim ser feito, então que se faça.” **4** Então ela abre uma caixinha e tira três rolos: um era de Augurino, outro de Baba e o terceiro de Cláudio³⁹.

³⁶ *Illum natum putauit*. A mesma idéia está presente também em Petrônio (*Satyricon*, LVIII): (...) *te natum non putat* (não te imagina nascido).

³⁷ Virgílio, *Geórgicas*, IV, 90. No texto de Virgílio, aconselha-se um apicultor, quando na colmeia houver dois “reis”, a matar o pior para que o melhor governe. Alusão a Cláudio e a Nero, o pior e o melhor, respectivamente, para Sêneca. Na passagem, Hermes aconselha a Parca a proceder como um apicultor.

³⁸ Cláudio concedeu, além da cidadania, o direito de outros povos serem nomeados para o senado romano. Tácito (*Anais*, XI, 24) reproduz o discurso de Cláudio a respeito do assunto; também Dion Cássio (*LX 17*) faz menção ao assunto da cidadania.

³⁹ *Vnus erat Augurini, alter Babae, tertius Claudii*. Sobre Baba, o mesmo Sêneca refere-se a ele nas *Cartas a Lucílio* (II, 15, 9) como um modelo que não deve ser seguido, devido à estupidez. Augurino é desconhecido, mas conjectura-se que Sêneca o tenha usado para formar o ABC (Augurino, Baba, Cláudio), em alusão crítica à reforma do alfabeto promovida pelo Imperador.

Tácito afirma nos *Anais*, XI, 13: *ac nouas litterarum formas addidit uulgauitque, comperto Graecam quoque litteraturam non simul coeptam absolutamque* (e novas formas de letras [Cláudio] acrescentou e propagou, reconhecendo como certo que do mesmo modo as letras gregas não tinham sido empreendidas e completadas ao mesmo tempo). Ainda nos *Anais*, XI, 14 o historiador relata: *quo exemplo Claudius tres litteras adiecit, quae usui imperitante eo, post obliteratae* (...) (Cláudio, seguindo o exemplo, acrescentou três letras que, estando em uso enquanto ele governou, depois esquecidas ...).

Suetônio também escreve sobre a reforma no alfabeto em *Cláudio*, 41: *nouas etiam commentus est litteras tres ac numero ueterum quasi maxime necessarias addidit* (inventou três novas letras e as adicionou ao antigo número de letras, como se fossem muito necessárias).

“Hos, inquit, tres uno anno exiguis interuallis temporum diuisos mori iubebo, nec illum incomitatum dimittam. Non oportet enim eum qui modo se tot milia hominum sequentia uidebat, tot praecedentia, tot circumfusa, subito solum destitui. Contentus erit his interim conuictoribus.”

IV. 1 *Haec ait et, turpi conuoluens stamina fuso,
Abrupit stolidae regalia tempora uitae.
At Lachesis, redimita comas, ornata capillos,
Pieria crinem lauro frontemque coronans,
Candida de niueo subtemina uellere sumit,
Felici moderanda manu, quae ducta colorem
Assumpsere nouum. Mirantur pensa sorores:
Mutatur uilis pretioso lana metallo;
Aurea formoso descendunt saecula filo.
Nec modus est illis: felicia uellera ducunt
Et gaudent implere manus; sunt dulcia pensa.*

“Ordenarei, diz, que esses três, neste ano, morram separados por pequenos intervalos de tempo, para não mandar este sem companhia. Com efeito não convém, de forma súbita, ser deixado sozinho aquele que há pouco via tantos milhares de homens que o seguiam, tantos que o precediam, tantos que o cercavam. Por enquanto, será enterrado com esses companheiros de mesa.”

IV. 1 Assim Cloto disse e, os fios das Parcas no disforme rolo envolvendo, interrompe os tempos de rei de uma vida insensata. Mas Láquesis, cingindo e enfeitando os cabelos, com o poético louro coroando a cabeleira e a face, toma de uma nívea lã os puros fios para serem temperados por mão feliz, os quais, conduzidos, adquirem cor nova. As irmãs admiram sua lã fiada: muda-se a lã comum em precioso metal, do fio formoso séculos de ouro aproximam-se. E não há limite para elas, que conduzem as favoráveis lãs. E alegram-se em encher as mãos com a lã, doces que são esses deveres.

*Sponte sua festinat opus nulloque labore
 Mollia contorto descendunt stamina fuso:
 Vincunt Tithoni, uincunt et Nestoris annos.
 Phoebus adest cantuque iuuat gaudetque futuris,
 Et laetus nunc plectra mouet, nunc pensa ministrat.
 Detinet intentas cantu fallitque laborem;
 Dumque nimis citharam fraternaue carmina laudant,
 Plus solito neuere manus humanaue fata
 Laudatum transcendit opus. "Ne demite, Parcae,
 Phoebus ait; uincat mortalis tempora uitae
 Ille mihi similis uultu similisque decore,
 Nec cantu nec uoce minor. Felicia lassis
 Saecula praestabit legumque silentia rumpet*

Por sua própria vontade, Láquesis apressa a obra. Sem nenhum esforço, os flexíveis fios saem do emaranhado rolo. Eles em anos excedem os de Titono e de Nestor⁴⁰. E enquanto numerosas vezes louvam a cítara e os fraternos versos, presente está Febo e, com seu canto, auxilia e alegra-se com o que há de acontecer e, satisfeito, ora toca a lira, ora dirige as tarefas. Com seu canto deleita as aplicadas Parcas e alivia o trabalho. Mais habituadas as mãos fiam, e os destinos humanos a excelente obra perspassam. “Não lançais nada, ó Parcas, diz Febo, que ele dos mortais exceda o tempo de vida a mim semelhante em rosto e em beleza semelhante, nem em canto nem em voz inferior. Aos desventurados, felizes séculos oferecerá e romperá o silêncio das leis.

⁴⁰ Titono é esposo de Aurora. Ela, depois de vários amores, raptou-o e levou-o para a Etiópia, país do Sol nas antigas lendas. Aurora solicita a Zeus a imortalidade para Titono, mas se esquece de pedir em prol deste a eterna juventude. Por fim, Aurora transforma em cigarra Titono, envelhecido pelos anos. Já Nestor vivera, segundo a mitologia, até uma idade muito avançada por vontade de Apolo, que por ter tirado a vida das tias e tios de Nestor, recompensou-o com o número de anos dos parentes. Sua idade avançada permitiu-lhe desempenhar o papel de conselheiro na *Iliada*. Foi a ele que Menelau pediu conselho, logo após o rapto de Helena. Além disso, Nestor acompanhou Menelau por toda a Grécia enquanto este reunia os heróis.

*Qualis discutiens fugientia Lucifer astra
 Aut qualis surgit redeuntibus Hesperus astris,
 Qualis, cum primum tenebris Aurora solutis
 Induxit rubicunda diem, Sol aspicit orbem
 Lucidus et primos a carcere concitat axes,
 Talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem
 Aspiciet. Flagrat nitidus fulgore remisso
 Vultus et adfuso ceruix formosa capillo.”*

2 Haec Apollo. At Lachesis, quae et ipsa homini formosissimo faueret, fecit illud plena manu, et Neroni multos annos de suo donat. Claudium autem iubent omnes χαίροντας, εύφημοῦντας έκπέμπειν δόμων. Et ille quidem animam ebullit, et ex eo desiit uiuere uideri. Exspirauit autem dum comoedos audit, ut scias me non sine causa illos timere.

Como Lúçifer dissipando os astros que fogem ou como Héspero levantando-se aos astros que tornam a vir, como a Aurora vermelha quando das trevas dissolvidas conduz o dia, o Sol, radiante, contempla a terra e lança do nascente seus primeiros raios. Tal César está presente, agora Roma olhará tal Nero. Brilha com límpida honra seu resplandecente rosto, e com o cabelo solto sua bela nuca.”⁴¹

2 Essas coisas disse Apolo. Mas Láquesis, para que ela mesma favorecesse ao formosíssimo homem, com a mão cheia fez Nero e com muitos anos o brinda. Contrariamente, a Cláudio todos desejam χαίροντας, εύφημοῦντας έκπέμπειν δόμων. (alegres e entusiastas levá-lo para fora de casa)⁴². E ele, com efeito, morreu e, desde isso, deixou de viver e de ser visto. Expirou, seguramente, enquanto ouvia atores cômicos, para que saibas que não é sem motivo que os receio.

⁴¹ O último período indica uma semelhança entre Apolo e Nero. O próprio imperador se dizia parecido com o deus, como relata Suetônio (*Nero*, 53): *quia Apollinem cantu, Solem aurigando aequiperare existimaretur (...)* (porque igual a Apolo no canto, ao guiar um carro tinha julgado comparar-se ao Sol...)

⁴² Verso de uma tragédia perdida de Eurípedes, citado por Cícero (*Tusculanas 1, XLVII, 115*). Enterrar logo o morto, isto é, livrar-se dele, é a intenção da passagem.

3 *Vltima uox eius haec inter homines audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua facilius loquebatur: “Vae me! puto concacauit me.” Quod an fecerit nescio. Omnia certe concacauit.*

V.1 *Quae in terris postea sint acta, superuacuum est referre. Scitis enim optime, nec periculum est ne excidant memoriae quae gaudium publicum impresserit: nemo felicitatis suae obliuiscitur. In caelo quae acta sint audite: fides penes auctorem erit.*

3 Foi-lhe este o último som ouvido entre os homens, quando teria deixado escapar os maiores barulhos daquela parte, com a qual mais facilmente falava⁴³: “Ai de mim, creio que me caguei⁴⁴”. Não sei se ele fez isso⁴⁵. O certo é que emporcalhou todas as coisas.

V. 1 Aqueles fatos posteriormente acontecidos na Terra é desnecessário reproduzir. Com efeito, vós os conheceis perfeitamente⁴⁶, nem há risco de que sumam da memória aquelas coisas que a satisfação pública gravou. Ninguém se esquece de sua felicidade. Escutai o que acontecia no céu: a garantia do fato estará em poder de uma autoridade.

⁴³ Ironia senequiana (*cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua facilius loquebatur*) com uma possível lei que permitia soltar flatulências à mesa com convidados. Cf. Suetônio (*Cláudio*, 32).

⁴⁴ *Vae me! puto concacauit me*. Entre as características da menipéia, há a fusão do erudito com o coloquial. Na passagem, o termo chulo (*concacauit*) colocado na boca do imperador associa-se a uma estrutura formal. Da maneira como foi articulado, o período não apresenta o conectivo **ut** (*puto ut concacauit me*). Usando-se a conjunção **ut**, ter-se-ia uma oração subordinada desenvolvida em *ut concacauit me*. Entretanto, mesmo com a ausência da conjunção, o verbo não se apresenta no infinitivo, como é praxe nas orações subordinadas reduzidas (*puto me concacare*). Dessa forma, em *puto concacauit me* há duas orações que se justapõem.

⁴⁵ *Quod an fecerit, nescio*. Literalmente: Caso tenha feito isso, não sei. Na interrogativa indireta, o Latim usa freqüentemente o subjuntivo (*fecerit*); o português, o indicativo: “Não sei se ele fez isso”.

⁴⁶ *Scitis enim optime*. Sêneca opta pela forma plural e quebra, assim, a uniformidade do texto ao utilizar o verbo *scitis*. Até então, ele preferira a forma singular (nota 26) ao se dirigir a um interlocutor. Infere-se no trecho a vontade de expressar com o plural o quanto a fama de Nero é positiva e extensa; pois, ao se dirigir a vários interlocutores, deixa claro que são muitos os que conhecem Nero.

2 Nuntiatur Ioui uenisse quendam bonae staturae, bene canum; nescio quid illum minari, assidue enim caput mouere; pedem dextrum trahere. Quaesisse se, cuius nationis esset: respondisse nescio quid perturbato sono et uoce confusa. Non intellegere se linguam eius: nec Graecum esse nec Romanum, nec ullius gentis notae. 3 Tum Iuppiter Herculem, qui totum orbem terrarum pererrauerat et nosse uidebatur omnes nationes, iubet ire et explorare quorum hominum esset. Tum Hercules primo aspectu sane perturbatus est, ut qui etiam non omnia monstra timuerit: ut uidit noui generis faciem, insolitum incessum, uocem nullius terrestris animalis, sed, qualis esse marinis beluis solet, raucam et implicatam, putauit sibi tertium decimum laborem uenisse.

2 Anuncia-se a Júpiter que alguém de boa estatura, bem virtuoso, chegou; ignoro o que profere, pois incessantemente move a cabeça e arrasta o pé direito. Perguntaram-lhe de que nação era. Respondeu não sei o que com estrondoso ruído e confusa voz. Não se compreende a língua dele, não é Grego, nem Romano, nem de algum povo conhecido.

3 Então Júpiter ordena a Hércules⁴⁷, que tinha percorrido todo o orbe da Terra e parecia ter conhecido todas as nações, ir e verificar de que gênero humano Cláudio seria. Então, com um primeiro olhar, Hércules inteiramente se perturba, como quem não teria também temido todos os monstros. Quando Hércules viu a aparência da nova espécie, com passos desiguais, ouviu uma voz que não era de nenhum animal terrestre, mas era tal qual a que está habituado a ouvir de animais marinhos, retumbante e inarticulada, pensou que havia chegado o seu décimo terceiro trabalho⁴⁸.

⁴⁷*Herculem*, forma no acusativo. O verbo ordenar, com dois objetos, privilegia no Português o nome próprio como objeto indireto.

⁴⁸ Hércules casou-se com Mégara, filha do rei de Tebas, Creonte. Num acesso de loucura, matou os filhos que tivera com a esposa e, após isso, consulta o oráculo de Delfos. Este ordena que Hércules se coloque à disposição do primo Euristeu e, sob as ordens do próprio parente, realize doze trabalhos que tinham como finalidade libertar o mundo de alguns monstros.

4 *Diligentius intuenti uisus est quasi homo. Accessit itaque et, quod facillimum fuit Graeculo, ait:*

Τίς πόθεν εἶς ἀνδρῶν ; πόθι τοὶ πόλις ἡδὲ τοκῆες ;

Claudius gaudet esse illic philologos homines: sperat futurum aliquem Historiis suis locum. Itaque, et ipse homerico uersu Caesarem se esse significans, ait: Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεοσι πέλσεν. Erat autem sequens uersus uerior, aequae homericus: Ἐνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς.

4 Ao examiná-lo com mais atenção, o aspecto pareceu ser de quase um homem. Desse modo, aproximou-se dele e – aquilo foi muito fácil para um greguinho⁴⁹ – disse:

Τίς πόθεν εἶς ἀνδρῶν ; πόθι τοὶ πόλις ἡδὲ τοκῆες ; (Quem és? De que país vens? Onde estão tua cidade e teus pais?)⁵⁰. Cláudio alegre-se de ali haver homens eruditos⁵¹ e tem esperança de que deverá existir algum lugar para suas histórias⁵². Assim, ele mesmo, para parecer um César que expressa bem em verso homérico, disse: *Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεοσι πέλσεν* (o vento, afastando-me de Ílio, impeliu-me aos Cíconos)⁵³. Entretanto, o verso seguinte era mais correto, e igualmente homérico: *Ἐνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς* (lá eu saqueei a cidade e destruí os defensores).⁵⁴

⁴⁹ O herói mitológico é satirizado em todo o texto e na passagem o termo greguinho é usado de forma pejorativa.

⁵⁰ Várias vezes na *Odisséia*, Homero usa essa estrutura frasal para que uma personagem questione um estrangeiro de onde este vem. Na passagem há a intenção parodística.

⁵¹ Cláudio era um devoto da língua grega. Citava sempre versos de Homero no tribunal. Suetônio (*Cláudio*, 42) relata: *amorem praestantiamque linguae occasione omni professus. (...). Multum uero pro tribunali etiam Homericis locutus est uersibus* (e professava um poderoso amor em toda a ocasião pela língua [grega]. (...). Na verdade, pronunciava também muitos versos de Homero em seu tribunal).

⁵² Cláudio escreveu em grego a história dos Etruscos e a dos Cartagineses. Conforme Suetônio (*Cláudio*, 42), *denique et Graecas scripsit historias, Tyrrenicon uiginti, Carchedoniacon octo* (enfim, escreveu vinte livros em grego acerca das Histórias dos Tirrênios e oito sobre a dos Cartagineses). Além disso, Cláudio escreveu a história de Roma a partir da morte de Júlio César, uma defesa de Cícero e a própria biografia. Cf. Suetônio, *Cláudio*, 41.

⁵³ Verso da *Odisséia* (IX, 39). Cláudio responde a Hércules em grego como um sábio que se utiliza de passagens de Homero. Nesta citação, refere-se à ascendência troiana dos Júlios.

⁵⁴ Ironia de Sêneca. Ele transcreve o verso seguinte da *Odisséia* (IX, 40) com o intuito de criticar o imperador pela destruição de Roma. Portanto na passagem o termo *Ἐνθα* (lá) refere-se a Roma, numa insinuação de que a capital encontrava-se de forma caótica.

VI. 1 *Et imposuerat Herculi minime uafro, nisi fuisset illic Febris, quae, fano suo relicto, sola cum illo uenerat; ceteros omnes deos Romae reliquerat. “Iste” inquit “mera mendacia narrat. Ego tibi dico, quae cum illo tot annis uixi: Luguduni natus est. Munatii municipem uides. Quod tibi narro, ad sextum decimum lapidem natus est a Vienna, Gallus germanus. Itaque, quod Gallum facere oportebat, Romam cepit. Hunc ego tibi recipio Luguduni natum, ubi Licinus multis annis regnauit. Tu autem, qui plura loca calcasti quam ullus mulio perpetuarius, Lugudunenses scire debes et multa milia inter Xanthum et Rhodanum interesse.”*

VI. 1 E Cláudio havia enganado Hércules, de modo algum esperto, entretanto estava ali Febre⁵⁵, a única que, abandonando seu templo, tinha vindo com ele. Todos os outros deuses, Cláudio tinha-os deixado em Roma. “Este, diz Febre a Hércules, conta vulgares mentiras. Digo a ti, eu que vivi numerosos anos com ele: nascido em Lugduno⁵⁶, tu vês um cidadão de Munácio⁵⁷. Nascido a dezesseis milhas de Viena⁵⁸, o que eu te conto é que ele é um Galo genuíno⁵⁹. Desse modo, apossou-se de Roma, que era dever de um Galo⁶⁰ fazer. Eu te garanto que este nasceu em Lugduno, onde Licino⁶¹ reinou por muitos anos. Tu, todavia, que percorreste mais caminhos que algum muleiro em ação, deves conhecer os cidadãos de Lugduno e deves saber que o Xanto e o Ródano⁶² estão entre muitas milhas.”

⁵⁵ Divindade muito temida em Roma, principalmente nas regiões que permaneciam úmidas por muito tempo. Durante quase toda a infância e adolescência, Cláudio foi um doente. Suetônio (*Cláudio*, 2) relata que chegaram a considerá-lo inepto para qualquer função pública. *Infans autem relictus a patre ac per omne fere pueritiae atque adulescentiae tempus uariis et tenacibus morbis conflictatus est, adeo ut animo simul et corpore hebetato ne progressa quidem aetate ulli publico priuatoque muneri habilis existimaretur* (tinha ainda pouca idade quando lhe morreu o pai e durante quase toda a sua infância e a sua adolescência viu-se atacado de várias moléstias pertinazes que lhe enfraqueceram de tal modo o espírito que chegaram a considerá-lo inepto para toda e qualquer função pública ou privada).

⁵⁶ Cidade francesa de Lyon, muitas vezes aportuguesada para Lião. Fundada em 43 a.C. pelos romanos com a designação de *Lugdunum*, era a capital da província da Gália, hoje a França.

⁵⁷ Conjectura-se que seja Lúcio Munácio Planco, fundador em 43 a.C. da colônia romana de Lugduno.

⁵⁸ Capital da Gália Narbonense, província do Império Romano que abrangia as atuais Provença e Languedoc (França).

⁵⁹ Cláudio nasceu em Lugduno em 13 de agosto de 10 a.C. (Suetônio, *Cláudio*, 2).

⁶⁰ Os Gauleses invadiram e saquearam Roma por volta de 390-387 a.C.

⁶¹ Procurador nomeado em Lugduno por Augusto. Dion Cássio (*LIV*, 21) relata que Licino exercera o cargo tiranicamente. Sêneca (*Cartas a Lucílio*, XX, 119) e Marcial (VIII, 3) o retratam como símbolo de riqueza.

⁶² Por metonímia, o Xanto – um dos principais rios da antiga província romana da Lícia, na Ásia Menor – refere-se aí a Tróia; o Ródano, a Lugduno, pois banha esta cidade.

2 *Excandescit hoc loco Claudius et quanto potest murmure irascitur. Quid diceret nemo intellegebat; ille autem Febrim duci iubebat, illo gestu solutae manus, et ad hoc unum satis firmae, quo decollare homines solebat. Iusserat illi collum praecidi: putares omnes illius esse libertos, adeo illum nemo curabat.*

VII. 1 *Tum Hercules: “Audi me” inquit “tu desine fatuari. Venisti huc ubi mures ferrum rodunt. Citius mihi uerum, ne tibi alogias excutiam!” Et, quo terribilior esset, tragicus fit et ait:*

2 Cláudio irrita-se com esta situação e, o quanto pode com sons inarticulados, encoleriza-se. Aquilo que dissesse ninguém compreendia. Todavia ele ordenava que Febre fosse levada dali, com aquele gesto de mão frouxa⁶³, mas somente para isto bastante firme: porque estava habituado a degolar homens. Ele tinha decretado cortar o pescoço de outros: considerarias tu que todos fossem libertos dele, mas até o momento ninguém se importou com ele.

VII. 1 Então Hércules disse: “Escuta-me. Cessa tu de falar em excesso. Vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro⁶⁴. A verdade mais depressa para mim, para que eu não arranque de ti tolices.” E para que ficasse mais pavoroso, /Hércules/ se faz trágico⁶⁵ e diz:

⁶³ Cláudio balbuciava ao falar e era predisposto à raiva e ao ressentimento. *Irae atque iracundiae conscius sibi, utramque excusauit edicto distinxitque* (como se sentisse predisposto à cólera e ao ressentimento, pedia desculpas destes dois defeitos num édito), como escreve Suetônio em *Cláudio* 38.

⁶⁴ Frase proverbial indicando que não há facilidade no céu. No Latim *ubi mures ferrum rodunt* há uma assonância do *u* e uma aliteração do *r*. Conservou-se, em português, a aliteração com o *r*.

⁶⁵ Sêneca parodia com Hércules o estilo da tragédia.

2 “*Exprome propere sede qua genitus cluas,
 Hoc ne peremptus stipite ad terram accidas:
 Haec clava reges saepe mactauit feros.
 Quid nunc profatu uocis incerto sonas?
 Quae patria, quae gens mobile eduxit caput?
 Edissere. Equidem regna tergemini petens
 Longinqua regis, unde ab Hesperio mari
 Inachiam ad urbem nobile aduexi pecus,
 Vidi duobus imminens fluuuis iugum,
 Quod Phoebus ortu semper obuerso uidet,
 Vbi Rhodanus ingens amne praerapido fluit
 Ararque, dubitans quo suos cursus agat,
 Tacitus quietis adluit ripas uadis:
 Estne illa tellus spiritus altrix tui?”*

2 “Revela depressa em que cidade tu, gerado, serias famoso, isso para que não caias aniquilado sobre a terra por meu bastão. Esta clava bravios reis muitas vezes destroçou. O que de tua voz, com a pronúncia vacilante, murmuras agora? Que pátria, que região produziu volúvel indivíduo? Explica-te bem. Quanto a mim, atacando dos três reis os longínquos reinos, de onde, do mar Hespérico, trouxe para a cidade de Argos um conhecido rebanho⁶⁶, vi próxima de dois rios uma cadeia de montanhas que Febo vê sempre em oposição ao nascer. Flui o Ródano extenso em corrente muito veloz; e o Arar⁶⁷, que hesita para onde leve seu curso, banha silencioso com ondas mansas as margens. É nutriz de teu espírito aquela terra?”

⁶⁶ Dos doze trabalhos, o décimo foi matar o gigante Gerion, monstro de três corpos, seis braços e seis asas, e tomar-lhe os bois que se achavam guardados.

⁶⁷ Rio Saône atualmente. Rio do oriente da França, afluente do rio Ródano. César (*De Bello Gallico*, 1,12,1) define-o como um rio de incrível suavidade: *Flumen est Arar, quod per fines Haeduarum et Sequanorum in Rhodanum influit, incredibili lenitate* (há o rio Arar, que faz fronteira entre os Éduos e os Séquanos e que deságua no Ródano com incrível suavidade).

3 *Haec satis animose et fortiter; nihilo minus mentis suae non est et timet μωροῦ πληγῆν. Claudius, ut uidit uirum ualentem, oblitus nugarum, intellexit neminem Romae sibi parem fuisse, illic non habere se idem gratiae: gallum in suo sterquilino plurimum posse.*

4 *Itaque, quantum intellegi potuit, haec uisus est dicere: “Ego te, fortissime deorum Hercule, speraui mihi adfuturum apud alios, et, si qui a me notorem petisset, te fui nominaturus, qui me optime nosti. Nam, si memoria repetis, ego eram qui tibi ante templum tuum ius dicebam totis diebus mense Iulio et Augusto. Tu scis quantum illic miseriarum tulerim, cum causidicos audirem diem et noctem, in quos si incidisses, ualde fortis licet tibi uidearis, maluisses cloacas Augeae purgare: multo plus ego stercoris exhausti. Sed quoniam uolo.....”.*

3 Hércules diz essas coisas com bastante vigor e coragem, todavia não está em seu juízo perfeito e teme *μωροῦ πληγῆν* (um golpe do estúpido)⁶⁸. Quando viu aquele valente homem, Cláudio compreendeu, esquecido das frivolidades, que ninguém em Roma foi semelhante a ele próprio, mas ele mesmo ali não possuía o reconhecimento: um galo pode muito em seu monte de esterco⁶⁹. 4 Assim, do quanto pôde ser entendido, pareceu dizer estas coisas: “Eu tinha esperanças em ti, ó Hércules, o mais forte dos deuses, que eu estaria presente junto aos outros, e se alguém me tivesse pedido com insistência um avalista, eu te favoreceria devendo nomear a ti, que me conhecestes muito bem. Pois se voltas à memória, eu era aquele que diante de teu templo consagrava para ti a justiça o dia inteiro nos meses de julho e agosto⁷⁰. Tu sabes o quanto ali eu suportara de misérias, quando dia e noite ouvia advogados. Se tivesses caído no meio deles, sem dúvida ainda que pareças corajoso, terias preferido limpar os esgotos de Augia⁷¹. Eu tirei para fora muito mais esterco. Mas já que desejo.....”⁷²

⁶⁸ Trocadilho com a expressão ‘um golpe do deus’, presente na *Ilíada* (XVI, 816), aqui parodiada.

⁶⁹ *Gallum in suo sterquilino plurimum posse*. Período que apresenta propositalmente uma ambigüidade relacionada ao galináceo e à ascendência de Cláudio. Vide nota 59.

⁷⁰ Referência ao templo de Hércules em Tíbur, onde Cláudio muitas vezes exercia a Justiça. Suetônio (*Cláudio*, 14) relata: *ius et consul et extra honorem laboriosissime dixit, etiam suis suorumque diebus sollemnibus, nonnumquam festis quoque antiquitus et religiosis* ([Cláudio] exerceu a justiça com muito zelo, mesmo durante os dias solenes para si e para os seus e, muitas vezes, mesmo durante as festas e as cerimônias que remontavam à mais alta antigüidade).

⁷¹ Quinto trabalho de Hércules. O herói limpou em um dia os currais do rei Augias, que continham três mil bois e que havia trinta anos não eram limpos. Estavam tão fedorentos que exalavam um gás mortal. Para limpá-los, Hércules desviou o curso de dois rios.

⁷² Há uma lacuna no texto original. A continuação apresenta o concílio dos deuses. Infere-se que Cláudio conseguira o apoio de Hércules para sua apoteose e os deuses discutem a respeito disso.

VIII. 1 . . . “*Non mirum quod in curiam impetum fecisti: nihil tibi clausi est. Modo dic nobis, qualem deum istum fieri uelis. Ἐπικούρειος θεός non potest esse: οὔτε αὐτός πρᾶγμα ἔχει οὔτε ἄλλοις παρέχει. Stoicus? Quomodo potest rotundus esse, ut ait Varro, ‘sine capite, sine praeputio’? Est aliquid in illo stoici dei, iam uideo: nec cor nec caput habet. 2 Si mehercules a Saturno petisset hoc beneficium, cuius mensem toto anno celebravit Saturnalicus princeps, non tulisset illud, nedum ab Ioue, quem, quantum quidem in illo fuit, damnauit incesti. Silanum enim generum suum occidit, oro, propter quid? Sororem suam, festiuissimam omnium puellarum, quam omnes Venerem uocarent, maluit Iunonem uocare.*

VIII. 1 “Não é admirável aquilo que atacaste na Cúria⁷³: não há nada fechado para ti. Dize-nos agora que deus que tu desejas que este seja nomeado. Ἐπικούρειος θεός (um deus epicureu) não pode ser: οὔτε αὐτός πρᾶγμα ἔχει οὔτε ἄλλοις παρέχει (ele nem tem problemas nem causa problemas a outros)⁷⁴. Estóico? Como pode ser ‘redondo’, como disse Varrão, ‘sem cabeça e sem prepúcio’⁷⁵? Há algum traço de deus estóico nele, vejo agora: não tem coração nem cérebro. 2 Se, por Hércules, tivesse pedido com insistência essa graça a Saturno, cujo mês celebrava o ano todo, o príncipe das Saturnais⁷⁶ não teria obtido. Muito menos de Júpiter, quem decerto foi o máximo para Cláudio, já que condenou o deus por incesto. O Imperador, com efeito, matou seu genro Silano, eu pergunto, por causa de quê? Porque este preferiu chamar de Juno a própria irmã, a mais encantadora de todas as moças, a qual todas chamavam de Vênus⁷⁷.

⁷³ Cláudio, Hércules e divindades estão em uma espécie de Cúria celestial, paródia do Senado Romano. Infere-se que uma das divindades dirige-se a Hércules a respeito de Cláudio, uma vez que o herói dos doze trabalhos está, a partir da passagem, a favor da divinização do imperador.

⁷⁴ Ironia em relação à balbúrdia provocada por Cláudio no Olimpo, reflexo de sua conduta na Terra.

⁷⁵ Os estóicos identificavam os deuses e a sabedoria à esfericidade do universo. Na passagem, Sêneca alude a uma sátira menipéia de Varrão em que se ironiza também o estoicismo.

⁷⁶ As Saturnais romanas eram festas em dezembro em honra ao deus Saturno, associado à paz e à opulência, em que a ordem social vigente era quebrada e em que se permitiam alguns excessos. Segundo Suetônio (*Cláudio*, 32), o imperador ofereceu muitas festas o ano todo. *Conuiuia agitauit et ampla et assidua ac fere patentissimis locis, ut plerumque sesceni simul discumberent* (ofereceu notáveis e repetidos festins e quase sempre em lugares tão espaçosos que, ordinariamente, tomavam assento neles, ao mesmo tempo, seiscentos convivas).

⁷⁷ Lúcio Silano era noivo de Otávia, filha de Cláudio. Agripina, mãe do futuro imperador Nero, preparou intrigas incestuosas em relação a Silano e à irmã deste, Júnia Calvina. Cláudio o condenou e este se matou no dia do casamento do Imperador com Agripina. Cf. Tácito (*Anais*, XII, 8): *Die nuptiarum Silanus mortem sibi consciuit, siue eo usque spem uitae produxerat, seu delecto die augendam ad inuidiam* (no mesmo dia das núpcias se matou Silano, ou porque até aquele tempo ainda conservasse algumas esperanças de escapar, ou porque de propósito o escolhesse para fazer recair maior ódio sobre os seus inimigos). Suetônio (*Cláudio*, 29) também cita o caso.

‘*Quare*’ inquis ‘*quaero enim, sororem suam?*’ *Stulte, stude: Athenis dimidium licet, Alexandriae totum.* 3 ‘*Quia Romae*’ inquis ‘*mures molas lingunt*’, *hic nobis curua corrigit? Quid in cubiculo suo faciat nescio, et iam “caeli scrutatur plagas”!* *Deus fieri uult: parum est quod templum in Britannia habet, quod hunc barbari colunt et ut deum orant* *μωροῦ εὐιλᾶτου τύχην?*”

Dizes ‘Por que, pergunto, com efeito, sua irmã?’ Insensato, instrui-te⁷⁸: em Atenas isso é possível à metade; em Alexandria, a todos⁷⁹. 3 ‘Porque em Roma, dizes, os ratos lambem farinha’⁸⁰. Este conserta para nós o que não é direito? Desconheço o que faria em sua alcova⁸¹ e já ‘procura conhecer as extensões do céu’⁸²!

Quer ser feito deus: pouco é para quem tem um templo na Bretanha⁸³, pouco é para quem os bárbaros cultuam e suplicam a ele como a um deus *μωροῦ εὐιλᾶτου τύχην* (a fortuna de um estúpido bem propício)⁸⁴?

Entende-se, então, da passagem que Cláudio mostra-se contrário a Júpiter, pois o deus manteve relações com Juno, a própria irmã. A relação Júpiter/Juno é vista por Petrónio (*Satyricon* CXXVII), assim como por outros poetas dessa forma: *cum se concessio iunxit amori Iuppiter et toto concepit pectore flammis* (quando Júpiter se uniu a seu amor permitido e encheu todo o seu peito de chamas). Cláudio também teve seu casamento com Agripina, sua sobrinha, legalizado pelo Senado Romano, porque se constituía em incesto pelas leis romanas.

⁷⁸ Há, no Latim, uma paronomásia (*stulte, stude*). Tentou-se, em português, sugerir uma assonância com **insensato, instrui-te**.

⁷⁹ Cornélio Nepos, em *Cimon*, I, 2, nos diz que o casamento entre irmãos do mesmo pai era admitido em Atenas, portanto a metade citada no texto: [*Cimon*] *habebat autem matrimonio sororem germanam suam nomine Elpinicen, non magis amore quam more ductus. Namque Atheniensibus licet eodem patre natas uxores ducere* ([Cimon] tinha, todavia, a sua irmã de nome Elpinice por esposa, o uso disso não mais por amor do que por costume. Com efeito, aos atenienses era permitido aos pais mesmos tomarem as filhas como esposas). No Egito, a lei permitia para todos o casamento entre parentes.

⁸⁰ Em contraposição ao que foi dito por Hércules (*os ratos roem o ferro* – cf. nota 64), há aqui uma resposta colocada na boca de Cláudio para dizer que em Roma os ratos têm vez, ou seja, comem. Ironia senequiana com as condições de Roma na época, com os costumes licenciosos e com os diversos desgovernos.

⁸¹ Alusão irônica às traições de Messalina, esposa de Cláudio anterior a Agripina. O imperador ignorava completamente o que fazia Messalina. Tácito nos seus *Anais* (XI, 13) escreve: *At Claudius matrimonii sui ignarus...* (mas Cláudio ignorado de seu casamento...). Suetônio não deixa por menos em *Cláudio*, 29 ao nos informar: *Nam illud omnem fidem excesserit quod nuptiis, quas Messalina cum adultero Silio fecerat, tabellas dotis et ipse consignauerit, inductus, quasi de industria simularentur ad auertendum transferendumque periculum, quod imminere ipsi per quaedam ostenta portenderetur* (o que parece incrível é que, na questão do casamento de Messalina com o adúltero Sílio, ele (Cláudio) tivesse assinado de seu próprio punho as pranchetas do contrato, na certeza de que se tratava de uma simulação arranjada com o fim de afastar e de desviar para cima de outra cabeça um perigo de que ele próprio se achava ameaçado, pela manifestação de alguns prodígios).

⁸² *Caeli scrutatur plagas*. Fragmento do poeta Ênio (*Iphigênia*). Cícero cita este fragmento de Ênio em *De Re Publica*, I, 30 e em *De Divinatione*, II, 13, 30.

⁸³ O templo ficava em Camaloduno, na Bretanha. Tácito nos seus *Anais* (XIV, 31) informa que os habitantes consideravam o templo como um símbolo da escravidão imposta por Roma. *Ad hoc templum diuo Claudio constitutum quasi arx aeternae dominationibus adspiciebatur, delectique sacerdotes specie religionis omnes fortunas effundebant* (acrescia ainda outro motivo, qual era o considerarem o templo,

IX. 1 Tandem Ioui uenit in mentem, priuatis intra Curiam morantibus, nec sententiam dicere licere nec disputare. “Ego inquit P. C., interrogare uobis permiseram, uos mera mapalia fecistis. Volo ut seruetis disciplinam Curiae. Hic, qualiscumque est, quid de nobis existimabit?” 2 Illo dimisso, primus interrogatur sententiam Ianus pater. Is designatus erat in kal. Iulias postmeridianus consul, homo quantumuis uafer, qui semper uidet ἄμα πρόσω καὶ ὀπίσω. Is multa diserte, cum in Foro uiuebat, dixit, quae notarius persequi non potuit, et ideo non refero, ne aliis uerbis ponam quae ab illo dicta sunt.

IX. 1 Por fim, Júpiter lembra-se de que não é permitido⁸⁵, com particulares, dentro da Cúria⁸⁶ examinar nem pronunciar parecer dos morosos senadores. “Eu, diz, tinha permitido a vós, senadores, interrogá-lo, e vós fizestes daqui uma autêntica choça. Quero que conserveis o regulamento da Cúria. Este, qualquer que seja a natureza, o que pensará de nós?” **2** Com Cláudio dispensado, o primeiro a ter o pensamento questionado a respeito disso é o pai Jano⁸⁷. Nas calendas de julho⁸⁸, tinha sido designado cônsul da tarde ele, homem sagaz tanto quanto possível, que sempre vê ἄμα πρόσω καὶ ὀπίσω (ao mesmo tempo atrás e em frente)⁸⁹. Como quem vivia no Fórum, ele disse eloqüentemente muitas coisas que o escrivão não pôde acompanhar⁹⁰, e por isso não as reproduzo para não colocar outras palavras que por ele foram ditas.

dedicado ao divino Cláudio, como um monumento da sua eterna servidão, e o verem que os sacerdotes com mil pretextos religiosos lhe comiam quanto tinha).

⁸⁴ Sobre esta passagem, a edição estabelecida pela editora *Les Belles Lettres* confirma a difícil interpretação das palavras gregas.

⁸⁵ Literalmente: “vem à mente de Júpiter que não é permitido”.

⁸⁶ Para os romanos, a Cúria era de suma importância, pois nesse templo as autoridades senatoriais reuniam-se, formulavam e debatiam as leis romanas. No trecho citado, Sêneca evidencia a distinção entre os políticos e as pessoas comuns, representadas por Cláudio.

⁸⁷ Um dos deuses romanos mais antigos. Possui dois rostos, um virado para frente e outro para trás, o que lhe permite analisar tudo sob todos os aspectos. De seu nome vem janeiro, o primeiro mês, que metaforicamente olha para o passado e projeta-se para o futuro. A palavra latina *ianua* (porta) é também derivada de Jano. Em Roma, a porta de seu templo permanecia aberta em tempos de guerra, para que o deus pudesse socorrer os romanos, se necessitassem. No texto é particularmente irônica a presença de Jano, no sentido de salvar os romanos ao votar contra a transformação de Cláudio em deus.

⁸⁸ Segundo o costume romano, os cônsules trabalhavam na parte da manhã e folgavam à tarde. Como Jano é cônsul da tarde, Sêneca ironiza o trabalho político.

⁸⁹ Referência a Homero (*Iliada*, III, 109). Na obra grega, a expressão é aplicada a Príamo.

⁹⁰ Alusão sarcástica à verborragia dos políticos.

3 *Multa dixit de magnitudine deorum; non debere hunc uulgo dari honorem: “Olim, inquit, magna res erat deum fieri; iam Fabam mimum fecistis. Itaque, ne uidear in personam, non in rem dicere sententiam, censeo ne quis post hunc diem deus fiat ex his qui ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν aut ex his quos alit ζείδωρος ἄρουρα. Qui contra hoc senatus consultum deus factus, dictus pictusue erit, eum dedi Laruis et proximo munere inter nouos auctoratos ferulis uapulare placet.”* 4 *Proximus interrogatur sententiam Diéspiter, Vicae Potae filius, et ipse designatus consul, nummulariolus: hoc quaestu se sustinebat, uendere ciuitatulas solebat. Ad hunc belle accessit Hercules et auriculam illi tetigit. Censet itaque in haec uerba:*

3 Ele disse muitas coisas a respeito da magnitude dos deuses e que essa honra não deve ser entregue ao vulgo. “Outrora, diz, era grande coisa ser transformado em deus: agora vós fizestes a comédia em fava⁹¹. Assim, para que não pareça afirmar sobre esta pessoa e sobre esta sentença, prescrevo que ninguém após este dia seja feito deus daqueles que ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν (comem o fruto da Terra), ou daqueles que ζείδωρος ἄρουρα (a fecunda terra)⁹² alimenta. Quem contrariamente a este decreto do Senado ou for feito ou dito deus, ou pintado de deus, eu o ofertarei às Larvas⁹³ e no próximo espetáculo será do agrado que ele leve chibatadas entre os novos gladiadores.” 4 O próximo que tem o parecer questionado é o cônsul designado e também pequeno banqueiro Diéspiter, filho de Vica Pota⁹⁴: com esta renda ele se sustentava: tinha o costume de vender direitos de cidadão⁹⁵. Sutilmente Hércules aproximou-se dele e tocou-lhe a orelha⁹⁶. Dessa forma, Diéspiter manifesta-se com estas palavras:

⁹¹ Ou seja, a transformação de Cláudio em deus será algo ridiculamente grotesco, um embuste total, sem nenhum valor.

⁹² Citações de Homero retiradas da *Ilíada* VI 142 (comem os frutos da Terra) e *Ilíada* II 548, *Odisséia* XI 309 (a fecunda terra). Referência poética aos homens.

⁹³ Entre os antigos romanos, as Larvas eram um espírito malfazejo de um morto que vagueava entre os vivos para aterrorizá-los.

⁹⁴ Diéspiter: pai da luz. Antiga divindade confundida posteriormente com Júpiter.

Vica Pota: deusa da vitória, mãe de Diéspiter. Ambos são deuses genuinamente romanos.

⁹⁵ Nova referência à venda de cidadania, apreciada por Cláudio. Vide nota 38.

⁹⁶ Como costume romano, tocava-se a parte de baixo da orelha para se ter alguém como testemunha. Plínio (*Historia Naturalis*, XI, 103) considera a orelha a sede da memória: *Est in aure ima memoriae locus, quem tangentes antestamur* (é no pé da orelha o local da memória, local que tomamos por testemunha ao tocá-la). Horácio também faz menção ao costume em *Sermones* I, 9, 77: *‘Licet antestari?’ Ego uero oppono auriculam.* (‘posso tomar-te por testemunha?’ Eu, na verdade, apresento a orelha).

5 “*Cum Diuus Claudius et Diuum Augustum sanguine contingat, nec minus Diuam Augustam auiam suam, quam ipse deam esse iussit, longeque omnes mortales sapientia antecellat, sitque e re publica esse aliquem qui cum Romulo possit ‘feruentia rapa uorare’, censeo uti Diuus Claudius ex hac die deus sit, ita uti ante eum qui optimo iure factus sit, eamque rem ad Metamorphosis Ouidi adiciendam.*” 6 *Variae erant sententiae, et uidebatur Claudius sententiam uincere. Hercules enim, qui uideret ferrum suum in igne esse, modo huc, modo illuc cursabat et aiebat: “Noli mihi inuidere, mea res agitur; deinde tu si quid uolueris, in uicem faciam; manus manum lauat.”*

5 “Como o divino⁹⁷ Cláudio tenha relação de sangue não só com o divino Augusto como também com a divina Augusta, sua avó, que ele mesmo decretou ser divina⁹⁸, e que de longe ele exceda todos os mortais em sabedoria, e que seja na república alguém que possa ‘devorar nabos fervidos’ com Rômulo⁹⁹, declaro que o divino Cláudio, a partir deste dia, seja deus, assim como antes dele aquele que com todos os direitos tenha sido feito, e este fato acrescentado às Metamorfoses de Ovídio¹⁰⁰. 6 Várias eram as opiniões e Cláudio parecia ganhar a proposição. Com efeito Hércules, que examinaria seu ferro que estava no fogo¹⁰¹, pouco antes ali e agora aqui¹⁰² corria e dizia: “Não me queiras embarçar; meu interesse é exercer um cargo: depois se desejares, farei por ti igualmente. Uma mão lava a outra¹⁰³.”

⁹⁷ Observe-se que Diéspiter já trata Cláudio como ‘divino’, apostando assim na própria argumentação para transformá-lo em deus.

⁹⁸ Lívía, avó de Cláudio, fora divinizada no início do governo deste imperador. Suetônio diz em *Cláudio*, 11: *Auiaie Liuiiae diuinos honores et circensi pompa currum elephantorum Augustino similem decernenda curauit* (concedeu à sua avó Lívía honras divinas e, na pompa do Circo, um carro de elefantes semelhante ao carro de Augusto). Cláudio é filho de Antônia (filha de Otávia, irmã de Augusto) e de Druso (filho do primeiro casamento de Lívía, a qual depois se casou com Augusto).

⁹⁹ Rômulo foi divinizado. Cf. *Metamorfoses*, 772-828, de Ovídio. Ainda assim, segundo as tradições, Rômulo continuou a alimentar-se frugalmente. Marcial relata isso em *Xênia (XIII), 16: Haec tibi brumali gaudentia frigore rapa/ quae damus, in caelo Romulus esse solet* (estes rábanos, apreciadores do frio invernal,/ que te damos, costuma-os comer Rômulo no céu). Sêneca assim rememora ironicamente os hábitos alimentares e a ‘sabedoria’ de Cláudio. Relata Suetônio, *Cláudio*, 33: *Cibi uinique quocumque et tempore et loco appetentissimus* (a qualquer hora e estivesse onde estivesse, sentia sempre grande vontade de comer e de beber).

¹⁰⁰ Nas *Metamorfoses*, de Ovídio, já havia, como dito, a apoteose de Rômulo. Além disso, constava também a transformação de César em deus e a futura apoteose de Augusto.

Note-se que os dizeres de Diéspiter estão em oposição aos de Jano e isso se dá principalmente no que se refere à comida, pois Rômulo é deus e, mesmo assim, é um daqueles que *comem os frutos da Terra*, na citação da *Iliada*, VI, 142.

¹⁰¹ Ou seja, Hércules estava correndo o risco de suas artimanhas não darem certo, daí a metáfora do ferro no fogo.

¹⁰² *Modo huc modo illuc* é parte de um verso de Catulo (3,9). Apesar de ser uma expressão comum no Latim, é significativo aqui citar o poema de Catulo porque ele será retomado adiante por Sêneca.

¹⁰³ O usual adágio popular “uma mão lava a outra”, dito aqui por Hércules. Esse provérbio presentifica a característica da menipeia de mesclar o grandioso, Hércules, com expressões populares. No trecho Sêneca

X. 1 Tunc diuus Augustus surrexit sententiae suae loco dicendae et summa facundia disseruit. “Ego inquit P.C., uos testes habeo, ex quo deus factus sum, nullum me uerbum fecisse. Semper meum negotium ago. Sed non possum amplius dissimulare et dolorem, quem grauiorem pudor facit, continere. 2 In hoc terra marique pacem peperit? Ideo ciuilia bella compescui, ideo legibus Urbem fundavi, operibus ornavi, ut... Quid dicam, P.C., non inuenio: omnia infra indignationem uerba sunt. Confugiendum est itaque ad Messalae Coruini, disertissimi uiri, illam sententiam: ‘Pudet imperii.’ 3 Hic, P.C., qui uobis non posse uidetur muscam excitare, tam facile homines occidebat quam canis excidit. Sed quid ego de tot ac talibus uiris dicam?

X. 1 Então o divino Augusto ergueu-se do lugar e discorreu com extrema eloquência seu discurso: “Eu, diz, tenho a vós, pais conscritos, como testemunhas que nenhum discurso fiz desde que fui feito deus. Sempre me ocupo de minha obrigação. Entretanto não posso fingir por mais tempo nem guardar a dor que a vergonha faz mais insuportável. **2** Obtive a paz na terra e no mar para isto? Com que intenção contive as guerras civis? Com que intenção assentei solidamente a cidade, ornei-a com obras, para quê?¹⁰⁴ Pais conscritos, não encontro o que diga: todas as palavras são inferiores à minha indignação. Desse modo deve-se procurar auxílio naquela sentença de Messala Corvino, homem muito eloquente: ‘tenho vergonha do poder¹⁰⁵’. **3** Este¹⁰⁶, senadores, que a vós parece não poder despertar uma mosca, tão facilmente matava homens quanto um cão se assenta. Mas o que eu falarei de tantos e semelhantes homens?

faz crítica aos políticos e seus interesses pessoais em detrimento dos interesses coletivos. Também Petrônio (*Satyricon*, 45,13) escreve: ‘*Munus tamen*’, inquit, ‘*tibi dedi*’: ‘*Et ego tibi plodo. Computa, et tibi plus do quam accepi. Manus manum lauat*’ (‘eu dei um bom espetáculo a ti’; e eu te aplaudi. Faze as contas, eu dou a ti mais do que recebi. Uma mão lava a outra’.)

¹⁰⁴ Há uma mudança no tom com o discurso de Augusto. Deixa-se de lado o tom jocoso e assume-se uma inflexão mais séria, com uma ironia mais sutil. Percebe-se, ainda, que Sêneca deixa extravasar sua fúria pessoal contra Cláudio. O discurso de Augusto pode ser lido como um libelo de Sêneca contra Cláudio.

¹⁰⁵ Nos *Anais*, VI, 11, Tácito relata que, com a vastidão do Império, Augusto elegeu um magistrado para que tivesse todo o direito de castigar os escravos. Messala Corvino foi o primeiro eleito por Augusto, mas em poucos dias deixou o cargo alegando pouca aptidão para o ofício.

Em *Augusto*, 58, Suetônio afirma que Messala toma a iniciativa de outorgar a Augusto o nome de ‘Pai da Pátria’.

¹⁰⁶ Os ataques de Augusto são diretos a Cláudio, que parece estar novamente na Cúria.

Non uacat deflere publicas clades intuenti domestica mala. Itaque illa omittam, haec referam; nam, etiam si sormea graece nescit, ego scio: ἔγγιον γόνυ κνήμης.

4 *Iste quem uidetis, per tot annos sub meo nomine latens, hanc mihi gratiam rettulit, ut duas Iulias proneptes meas occideret, alteram ferro, alteram fame, unum abnepotem L. Silanum: uideris, Iuppiter, an in causa mala; certe in tua, si aequus futurus es. Dic mihi, diue Claudi, quare quemquam ex his quos quasque occidisti, antequam de causa cognosceres, antequam audires, damnasti? Hoc ubi fieri solet? In caelo non fit.*

Ele não emprega o tempo em chorar as desgraças públicas com a depravação familiar que o contempla. Dessa forma deixarei de lado aqueles fatos e trarei estes: pois mesmo que *** desconheça o grego, eu o conheço: ἔγγιον γόνυ κνήμης (o joelho está mais perto do que a panturrilha)¹⁰⁷.

4 Este, a quem vedes, por numerosos anos escondendo-se sob meu nome restituiu-me a graça, ainda que matasse duas Júlias, minhas bisnetas. Uma com o ferro, outra com a fome¹⁰⁸. E um trineto, Lúcio Silano, tu o terás visto, Júpiter, ou numa causa má, mas certamente numa causa tua, se hás de ser justo¹⁰⁹. Dize-me, divino Cláudio¹¹⁰, por que razão algum destes, os quais e as quais mataste antes de tomar conhecimento dos motivos, antes de ouvi-los, por que razão os condenaste? Em que lugar tem-se o costume de se fazer isso¹¹¹? No céu não há esse costume.

¹⁰⁷ *Nam, etiam si sormea graece nescit, ego scio.* Segundo a edição estabelecida pela Les Belles Lettres, *sormea* é palavra ininteligível. Outras edições consideram *soror mea*, traduzido então para “minha irmã”. Augusto, apesar de não falar o grego correntemente nem escrever, estudara a língua grega com Apolodoro de Pérgamo. Cf. Suetônio, *Augusto*, 89. Caso se pensar na hipótese de *soror mea*, Augusto faz um elogio a si mesmo e deprecia sua irmã, citada por Diéspiter (nota 98), por esta não saber o grego. Com o provérbio – *o joelho está mais perto do que a panturrilha* – expresso por Augusto, Sêneca indica que trará à tona a vida familiar de Cláudio e que o atacará diretamente.

¹⁰⁸ Júlia Livila, filha de Germânico, foi acusada de conduta imoral. Ela foi desterrada e privada de alimentar-se. Considerava-se Sêneca entre seus amantes, sendo essa acusação um dos motivos do exílio do filósofo. A segunda Júlia era filha de Druso e foi acusada de adultério. *Iuliasque, alteram Drusi, alteram Germanici filiam, crimine incerto nec defensione ulla data occidit* (matou as duas Júlias, uma filha de Druso, outra de Germânico, sob acusações vagas e sem lhes conceder o direito de defesa), conforme Suetônio, *Cláudio*, 29. Tácito, *Anais*, XIII, 32 e Dion Cássio, 18, 4 também relatam o acontecido.

¹⁰⁹ Silano era filho de Emília Lépidia, neta de Júlia, filha de Augusto. Cf. Tácito, *Anais*, XII, 3, 4, 8; Suetônio, *Cláudio*, 29; Dion Cássio, 31, 8. Vide também nota 77.

¹¹⁰ Diferentemente de Diéspiter, Augusto ironiza Cláudio com a palavra “divino”, depois de este ter mandado matar várias pessoas sem ao menos saber os motivos.

¹¹¹ Referência aos hábitos de Cláudio, irresponsável e imprevisível ao condenar indivíduos sem dar a eles a oportunidade de defesa. *Absentibus secundum praesentes facillime dabat, nullo dilectu culpane quis an aliqua necessitate cessasset* (pronunciava-se facilmente a favor dos presentes contra os ausentes, sem verificar se esta ausência era voluntária ou imperativa), em Suetônio, *Cláudio*, 15.

XI. 1 Ecce Iuppiter, qui tot annos regnat, uni Volcano crus fregit, quem Ῥῖψε ποδὸς τεταγῶν ἀπὸ βηλοῦ θεσπεσίοιο.

Et iratus fuit uxori et suspendit illam: numquid occidit? Tu Messalinam, cuius aequae avunculus maior eram quam tuus, occidisti. — Nescio, inquis. — Di tibi male faciant! adeo istuc turpius est, quod nescisti, quam quod occidisti.

XI. 1 Eis Júpiter, que por numerosos anos reina e que uma vez quebrou a perna de Vulcano, quando Ῥῖψε ποδὸς τεταγῶν ἀπὸ βηλοῦ θεσπεσίοιο (agarrou-o por um pé e levantou-o mais alto que o umbral dos deuses). E também Júpiter estava com raiva da mulher e a sacudiu¹¹²: acaso a matou? Tu mataste Messalina, cujo tio dos pais era eu, como tu eras tio dela. “Não tenho conhecimento”, dizes¹¹³. Que os deuses façam-te desgraçadamente! Muito mais torpe é este por ter ignorado do que por ter matado¹¹⁴.

¹¹² Citação de Homero, *Ilíada*, I, 591, seguida de uma menção a outra passagem da *Ilíada*, XV, 18, 24.

¹¹³ Messalina era filha de Barbato Messala, primo de Cláudio, como dito por Suetônio, *Cláudio*, 26. Na passagem, há um argumento de Augusto para que não se faça de Cláudio um deus quando compara a atitude de Júpiter, deus supremo, às atitudes e esquecimentos de Cláudio, incompatíveis com a divindade.

¹¹⁴ Alusão à indiferença de Cláudio em relação, neste caso, à morte de Messalina. Suetônio (*Cláudio*, 39) assim diz: *Inter cetera in eo mirati sunt homines et obliuionem et inconsiderantiam* (causava espanto, entre outras coisas, a sua faculdade de esquecer e a sua irreflexão). Sobre Cláudio e a morte de Messalina, Tácito (*Anais*, XI, 38) escreve desta forma: (...) *ullius denique humani adfectus signa dedit, non cum laetantis accusatores aspiceret, non cum filios maerentis* [(...) conservou-se sempre insensível a todos os sentimentos naturais, quer visse os acusadores exultando de alegria, quer seus próprios filhos abismados em pranto].

2 C. Caesarem non desiit mortuum persequi. Occiderat ille socerum: hic et generum. Gaius Crassi filium uetuit Magnum uocari: hic nomen illi reddidit, caput tulit. Occidit in una domo Crassum, Magnum, Scriboniam, /Tristionias, Assarionem,/ nobiles tamen, Crassum uero tam fatuum, ut etiam regnare posset. 3 Hunc nunc deum facere uultis? Videte corpus eius dis iratis natum. Ad summam, tria uerba cito dicat, et seruum me ducat. 4 Hunc deum quis colet? quis credet? Dum tales deos facitis, nemo uos deos esse credet. Summa rei, P.C., si honeste me inter uos gessi, si nulli durius respondi, uindicate iniurias meas. Ego pro sententia mea hoc censeo.” Atque ita ex tabella recitauit:

2 E ele não deixa de seguir os caminhos do morto Caio César¹¹⁵. Este havia assassinado o sogro. Aquele, também o genro. Caio proibiu que o filho de Crasso fosse chamado de Magno: Cláudio restituiu-lhe o nome, no entanto tirou-lhe a cabeça¹¹⁶. Matou, em uma só família, Crasso, Magno, Escribônia, os Tristiões, Assariões, todavia nobres e, na verdade, Crasso tão estúpido que também poderia governar¹¹⁷. **3** Agora quereis torná-lo deus? Vedes o corpo dele, nascido de uma cólera divina. Em suma, diga ele rapidamente três palavras e conduza-me como seu escravo. **4** Um deus? Este? Quem o honrará? Quem confiará nele? Enquanto fazeis tais deuses, ninguém acreditará que vós sois deuses. Em suma, ó pais conscritos, se me mantive honestamente entre vós, se eu nunca respondi a ninguém de forma mais dura, vingai minhas ofensas. Eu, diante da minha consideração, dou o seguinte parecer”: e desse modo leu em voz alta de uma tábua:

¹¹⁵ Caio César é Calígula. *C. Caesarem non desiit mortuum persequi*. O período refere-se à passagem anterior como à posterior. Calígula esquecia-se de que matara pessoas, como diz Suetônio (*Calígula*, 26): *citare nihilo minus ut uiuos perseuerauit, paucos post dies uoluntaria morte perisse mentitus* (sem embargo, continuou a referir-se às vítimas como se estas estivessem vivas ainda; poucos dias decorridos, atribuía-lhes mentirosamente uma morte voluntária). Calígula obrigou Marco Júnio Silano, seu sogro, a matar-se (cf. Suetônio, *Calígula*, 23). Da mesma forma Cláudio fez matar Ápio Silano, seu sogro, e os genros Cneu Pompeio e Lúcio Silano (cf. Suetônio, *Cláudio*, 29).

¹¹⁶ Cneu Pompeio, citado na nota anterior. Segundo Suetônio (*Calígula*, 35), Calígula anulou os títulos de família de nobres e cassou o cognome Magno do nobre Cneu Pompeio, sendo que isso fora feito na ânsia de ser o único com poder. *Vetera familiarum insignia nobilissimo cuique ademit, Torquato torquem, Cincinnato crinem, Cn. Pompeio stirpis antiquae Magni cognomen* (cassou aos mais nobres cidadãos seus antigos títulos de família. A Torquato, o colar. A Cincinato, a cabeleira. A Cneu Pompeu, de antiga estirpe, o cognome de Magno).

¹¹⁷ Tristiões e Assariões são nomes desconhecidos, talvez alterados nos manuscritos. Crasso era pai de Cneu Pompeio Magno, genro de Cláudio. Escribônia era a esposa de Crasso e mãe de Cneu Pompeio Magno.

5 “*quandoquidem Diius Claudius occidit socerum suum Appium Silanum, generos duos Magnum Pompeium et L. Silanum, socerum filiae suae Crassum Frugi, hominem tam similem sibi quam ovo ouum, Scriboniam socrum filiae suae, uxorem suam Messalinam et ceteros quorum numerus iniri non potuit, placet mihi in eum seure animaduerti nec illi rerum iudicandarum uacationem dari, eumque quam primum exportari et caelo intra triginta dies excedere, Olympo intra diem tertium.*”

6 *Pedibus in hanc sententiam itum est. Nec mora, Cyllenius illum collo obtorto trahit ad Inferos,*

Vnde negant redire quemquam.

5 “Na verdade, o divino Cláudio matou seu sogro Ápio Silano, seus dois genros, Magno Pompeio e Lúcio Silano, o sogro de sua filha, Crasso Frugi, homem tão similar a ele quanto um ovo a outro¹¹⁸, a sogra de sua filha, Escribônia, sua esposa Messalina e outros cujo número não pode ser estabelecido, por isso agrada-me que ele seja castigado severamente, nem seja dado o perdão dos fatos a serem julgados e que na primeira ocasião ele seja deportado. Que se retire do céu dentro de trinta dias e do Olimpo em três dias¹¹⁹.”

6 Acatou-se a sentença rapidamente. Sem demora, Mercúrio¹²⁰, apertando o pescoço de Cláudio, arrasta-o para os infernos, *Vnde negant redire quemquam* (de onde negam que alguém volte)¹²¹.

¹¹⁸ Nova comparação de Crasso Frugi a Cláudio, em que ambos são considerados ineptos para realeza que possuíam.

¹¹⁹ Julgado ao próprio estilo: sem deixar o réu se defender. O longo discurso de Augusto, parecido mais com um desabafo de Sêneca, chega ao fim.

¹²⁰ *Cyllenius*. Monte Cilene, no qual nasceu Mercúrio. CF. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal. No texto latino, *Cyllenius* por metonímia é Mercúrio.

¹²¹ *Vnde negant redire quemquam* é verso extraído de Catulo (3, 12). Catulo, ao referir-se à morte do pássaro de sua amada Lésbia, indica que o animal não pode retornar do inferno. Sêneca, ironicamente, faz a mesma referência, trocando o pássaro de Lésbia por Cláudio.

XII. 1 Dum descendunt per uiam Sacram, interrogat Mercurius quid sibi uelit ille concursus hominum, num Claudii funus esset? Et erat omnium formosissimum, et impensa cura, plane ut scires deum efferri. Tubicinum, cornicinum, omnis generis aenatorum tanta turba, tantus conuentus, ut etiam Claudius audire posset. 2 Omnes laeti, hilares; populus romanus ambulabat tanquam liber. Agatho et pauci causidici plorabant, sed plane ex animo. Iurisconsulti e tenebris procedebant, pallidi, graciles, uix animam habentes, tanquam qui tum maxime reuiuiscerent. Ex his unus cum uidisset capita conferentes et fortunas suas deplorantes causidicos, accedit et ait: “Dicebam uobis: non semper Saturnalia erunt.”

XII. 1 Enquanto descem pela via Sacra¹²², Mercúrio¹²³ interroga-se o que desejaria ali aquele encontro de homens, acaso seria o enterro de Cláudio? Não só era o funeral todo ele o mais formoso como também o ofício era importante, que perfeitamente se sabia que um deus era enterrado. Tão grande multidão de todo o gênero de músicos, de tocadores de trombetas e de cornetas, tão grande assembléia que até mesmo Cláudio podia ouvir¹²⁴. **2** Todos felizes, risonhos: o povo Romano andava como um povo livre. Ágato e uns poucos advogados choravam, mas inteiramente de coração¹²⁵. Os jurisconsultos saíam das sombras, pálidos, franzinos, tendo apenas a vontade, como exatamente quem então tornasse à vida. Um desses juízes, quando teria visto os que se reuniam e os advogados que choravam suas sortes, aproximou-se e disse-lhes: “Eu vos falava: não haverá sempre as Saturnais¹²⁶”.

¹²² A Via Sacra, estrada mais importante em Roma, corria pelo Fórum romano. As cerimônias sagradas e políticas mais significantes da antiga cidade aconteceram ali e a mais evocativa destas era certamente a Procissão Triunfal. Mercúrio e Cláudio vão à direção do Campo de Marte, em que se acreditava haver uma entrada para os infernos.

¹²³ Mercúrio é também denominado de psicopompo, aquele que transporta as almas para o inferno.

¹²⁴ O enterro de Cláudio se fez com a mesma pompa do funeral de Augusto. Segundo Tácito (*Anais, XII, 69*), *caelestesque honores Claudio decernuntur et funeris sollemne perinde ac diuo Augusto celebratur* (decretaram-se a Cláudio as honras celestes e o seu funeral se fez com a mesma pompa com que já se havia feito o de Augusto). Suetônio também faz menção à morte de Cláudio em *Cláudio* 45. O imperador foi incluído no rol dos deuses e foi privado dessa honra logo depois por Nero. Na passagem acima, Sêneca ironiza o tamanho estrondo que produziam os músicos, de forma que até o Cláudio, morto, poderia ouvir.

¹²⁵ Ágato é desconhecido. Tácito (*Anais, XI, 5*) relata: *nec quicquam publicae mercis tam uenale fuit quam aduocatorum perfidia* (com efeito, nunca houve coisa alguma tão venal como a perfídia dos advogados daquele tempo). Cláudio dava condições favoráveis a alguns advogados e exercia opressão sobre juízes, ele mesmo sendo juiz em várias ocasiões e desprestigiando o trabalho dos magistrados.

¹²⁶ As Saturnais funcionavam como uma restauração provisória do reino de Saturno, deus romano da agricultura e das sementeiras. iam de 17 a 24 de dezembro e a ordem social vigente era quebrada, permitindo-se alguns excessos. A frase citada no texto alude à anarquia do governo de Cláudio. Vide nota 76.

3 *Claudius, ut uidit funus suum, intellexit se mortuum esse. Ingenti enim μεγάλῳ χορικῶ naenia cantabatur anapaestis:*

“Fundite fletus!

Edite planctus!

Resonet tristi

Clamore Forum:

Cecidit pulchre

Cordatus homo,

Quo non alius

Fuit in toto

Fortior orbe.

3 Cláudio, ao ver seu enterro, compreendeu que morreria. Com efeito, em poderoso grande coro (*μεγάλῳ χορικῶ*), uma nênia era cantada em versos anapésticos¹²⁷:

Derramai choros!

Expedi prantos!

Ressoe com triste

clamor o Fórum:

morreu belamente

um cordato homem,

pois nenhum outro

foi em todo o orbe

mais vigoroso.

¹²⁷ Nênia é um canto fúnebre. Verso anapéstico significa verso grego ou latino formado de três sílabas, as duas primeiras breves e a última longa. Cícero, *De Legibus, II, 62*, diz que nênia era uma canto lúgubre, em que não só se lamentava, como também se convidava a chorar a morte de um homem ilustre. Além disso, cantavam-se seus júbilos. *Honoratorum uirorum laudes in contione memorentur, easque etiam <et> cantus ad tibicinem prosequatur, cui nomen neniae, quo uocabulo etiam <apud> Graecos cantus lugubres nominantur* (as glórias dos homens honrados eram lembradas na assembléia, e junto do flautista as acompanhava um canto, cujo nome era nênia e pelo mesmo vocábulo também junto aos gregos os cantos lúgubres foram nomeados). Como não há registros de nênias, deduz-se que Sêneca parodia o canto fúnebre porque não se cantam os júbilos de Cláudio, mas seus defeitos.

*Ille citato
 Vincere cursu
 Poterat celeres,
 Ille rebelles
 Fundere Parthos
 Leuibusque sequi
 Persida telis,
 Certa que manu
 Tendere neruum
 Qui praecipites
 Vulnere paruo
 Figeret hostes
 Pictaque Medi
 Terga fugacis.*

Com passo veloz
 vencer na corrida
 ele podia aos velozes,
 podia derrotar
 os revoltosos Partos
 e, com rápidos dardos,
 perseguir os Persas;
 também com precisa mão
 podia estender
 os músculos, que varava
 com sutil ferida
 os inimigos ousados
 e as costas pintadas
 dos fugitivos Medos¹²⁸.

¹²⁸ Os Romanos enfrentaram muitas vezes os Partos, também chamados de Persas ou Medos, e sob Cláudio não foi diferente (Tácito, *Anais*, XII, 44). Povo da Cítia, os Partos tomaram a região romana de 250 a.C. a 226 a.C. Crasso foi derrotado em Carras e morto enquanto negociava com eles no século I a.C. Os romanos sentiram-se afrontados e quiseram se vingar. Horácio nas *Odes*, I, 2, assim declara: *hic magnos potius triumphos, / hic ames dici pater atque princeps, / neu sinas Medos equitare inultos / te duce,*

Ille Britannos
Vltra noti
Litora ponti
Et caeruleos
Scuta Brigantas
Dare romuleis
Colla catenis
Iussit et ipsum
Noua romanae
Iura securis
Tremere Oceanum.

Aos Britanos,
 além das praias
 do conhecido mar,
 e aos escudos
 dos Brigantos azulados,
 ordenou curvarem a cabeça
 às cadeias de Roma
 e também mandou
 às novas leis
 do poder Romano fazer
 tremer o próprio Oceano¹²⁹.

Caesar (mais te aprazam aqui os grandes triunfos,/ príncipe e pai; nem permitas jamais / cavalgar impune o Persa./ sendo tu o comandante, César).

¹²⁹ Em 43 d.C. Cláudio realizou o triunfo sobre a Bretanha, única expedição realizada por ele. Suetônio (*Cláudio*, 17) relata: *atque inter hostilia spolia naualem coronam fastigio Palatinae domus iuxta ciuicam fixit, traieci et quasi domiti Oceani insigne* (entre os despojos inimigos colocou, à frente do seu palácio, uma coroa naval ao lado duma coroa cívica, para assinalar que ele atravessara e, por assim dizer, domara o oceano). César (*De Bello Gallico*, V, 14) cita os guerreiros de pele azul: *Omnes uero se Britanni uitro inficiunt, quod caeruleum efficit colore* (verdadeiramente, todos os Britanos tingem-se com a planta pastel, que produz a cor azul).

*Deflete uirum,
 Quo non alius
 Potuit citius
 Discere causas,
 Vna tantum
 Parte audita,
 Saepe et neutra.
 Quis nunc iudex
 Toto lites
 Audiet anno?
 Tibi iam cedit,
 Sede relicta,
 Qui dat populo
 Iura silenti,*

Lastimai o homem,
 pois nenhum outro
 pôde com mais rapidez
 conhecer os processos,
 tanto uma parte
 sendo ouvida como,
 às vezes, nenhuma¹³⁰.
 Qual juiz agora
 ouvirá demandas
 o ano todo?
 Com a cadeira abandonada,
 Ceder-te-á aquele
 que dá as leis
 ao povo sem voz,

¹³⁰ Vide nota 111.

Cretaea tenens
Oppida centum
Caedite maestis
Pectora palmis,
O causidici,
Venale genus!
Vosque, poetae,
Lugete, noui;
Vosque in primis
Qui concusso
Magna parastis
Lucra fritillo!”

aquele que tem cem
 cidadelas em Creta¹³¹.
 Golpeai os peitos
 com palmas tristes,
 ó advogados,
 raça venal!
 E vós, poetas novos,
 gemei,
 e vós que, primeiramente
 ao agitar
 o copo de jogar,
 alcançais um grande lucro¹³².”

¹³¹ Minos, rei de Creta e um dos três juízes do inferno, onde tinha assento para julgar as almas dos mortos como legislador.

¹³² Advogados (vide nota 125), poetas novos e jogadores são aqueles que de fato deveriam chorar a morte de Cláudio. Sêneca termina a nênia de forma bastante depreciativa em relação a Cláudio. Primeira referência ao jogo, tão apreciado por Cláudio. Cf. Suetônio, *Cláudio*, 33: *Aleam studiosissime lusit, de cuius arte librum quoque emisit* (teve muita predileção pelos jogos de azar e, a este respeito, escreveu um tratado).

XIII. 1 Delectabatur laudibus suis Claudius et cupiebat diutius spectare. Inicit illi manum Talhybius deorum et trahit capite obuoluto, ne quis eum possit agnoscere, per Campum Martium, et inter Tiberim et uiam Tectam descendit ad Inferos. 2 Antecesserat iam compendiaria Narcissus libertus ad patronum excipiendum, et uenienti nitidus, ut erat a balineo, occurrit et ait: “Quid di ad homines?” “_Celerius!” inquit Mercurius, “et uenire nos nuntia.” Dicto citius Narcissus euolat. 3 Omnia procliuia sunt, facile descenditur. Itaque, quamuis podagricus esset, momento temporis peruenit ad ianuam Ditis, ubi iacebat Cerberus uel ut ait Horatius, “belua centiceps”.

XIII. 1 Cláudio era afagado por seus louvores e desejava avidamente assistir por mais tempo ao seu funeral. O Taltíbio¹³³ dos deuses lança a mão sobre ele e arrasta-o com a cabeça encoberta, para que ninguém possa reconhecê-lo, e através do campo de Marte, entre o Tibre e a via Tecta, desce para os infernos¹³⁴. **2** Já se havia adiantado por um caminho mais curto para receber o patrono o liberto Narciso¹³⁵, que vem limpo, como quem estava num banho, e aproxima-se e diz: “Quê? Deuses junto aos homens?” “Rápido. Anuncia que nós chegamos”, diz Mercúrio. Narciso sai apressadamente com a ordem. **3** Todos os caminhos são ladeiras e se desce facilmente¹³⁶. Assim, embora estivesse com gota, em um movimento do tempo Narciso chega à porta de Plutão, onde repousava Cérbero, ou como disse Horácio: “Animal de cem cabeças¹³⁷.”

¹³³ Taltíbio, arauto de Agamêmnon, participou da Guerra de Tróia. Taltíbio era considerado protetor do direito internacional e possuía um santuário em Esparta. Sêneca utiliza-se de dois nomes para a mesma função de transporte: Mercúrio e Taltíbio.

¹³⁴ Lugar em que se acreditava descer aos infernos, em contraposição à Via Ápia, cortejo para os deuses. Vide nota 26.

¹³⁵ Narciso era o encarregado da correspondência imperial e morreu pouco depois de Cláudio, mas chegou antes desse ao inferno porque se suicidou a mando de Agripina. Aliviava-se de problemas de gota no balneário em Sinuessa, na Campânia, quando foi instado a matar-se. Cf. Tácito, *Anais*, XII, 66. Narciso era leal a Cláudio e por isso a surpresa de ver um deus no inferno junto a homens.

¹³⁶ *Omnia procliuia sunt, facile descenditur* segue o mesmo padrão de *facilis descensus Auerno*, da *Eneida*, VI, 126. Na obra de Virgílio, a Sibila diz a Enéias: “Ó Troiano, filho de Anquises, (...), fácil é a descida para o Averno: noite e dia está aberta a porta do sombrio”. Aqui, todavia, Sêneca parodia o gênero épico.

¹³⁷ Plutão: deus dos infernos, o mesmo que Hades.

Cérbero: cão de três cabeças que guardava a entrada do Hades, impedindo os vivos de entrar e os mortos de sair. *Belua centiceps* é citação de Horácio retirada de uma *Odes* (II, 13, 34).

Pusillum perturbatur (subalbam canem in deliciis habere adsueuerat) ut illum uidit canem nigrum, uiliosum, sane non quem uelis tibi in tenebris occurrere. Et magna uoce: “Claudius” inquit “ueniet!” 4 Cum plausu procedunt cantantes: “Εύρήκαμεν, συγχάριωμεν.” Hic erat C. Silius consul designatus, Iuncus praetorius, Sex. Traulus, M. Heluius, Trogus, Cotta, Vettius Valens, Fabius, equites romani quos Narcissus duci iusserat. Medius erat in hac cantantium turba Mnester pantomimus, quem Claudius decoris causa minorem fecerat. 5 Ad Messalinam (cito rumor percrebuit Claudium uenisse) conuolant primi omnium liberti Polybius, Myron, Harpocras, Amphaeus, Pheronactus, quos Claudius omnes, necubi imparatus esset, praemiserat,

Narciso estava perturbado – acostumara-se com as delícias de ter um cachorro branco – porque viu aquele cão negro, cabeludo, que seguramente tu não desejarias¹³⁸ encontrar nas sombras e em alto som diz: “Cláudio chegará!” **4** Com aplauso cantores avançam: nós encontramos-lo, alegremo-nos (*Εύρήκαμεν, συγχάριωμεν*)!¹³⁹ Estavam ali Caio Sílio, cônsul designado, o pretor Junco, Sexto Traulo, Marco Hélvio, Trogo, Cota, Vétio Valente, Fábio e cavaleiros Romanos os quais Narciso tinha ordenado levar a juízo¹⁴⁰. Estava no meio daquela multidão de cantores o ator Mnester, a quem Cláudio fizera menor como motivo de enfeite¹⁴¹. **5** Para junto de Messalina – logo a notícia de que Cláudio chegara espalhou-se – correm: em primeiro lugar os libertos Políbio, Míron, Arpocra, Ampheo, Pheronacto, os quais todos, para que em nenhuma parte fosse surpreendido, Cláudio enviara antes¹⁴².

¹³⁸ Depois de uma longa narração, Sêneca dirige-se novamente ao leitor.

¹³⁹ Nos cultos a Ísis e a Osíris, celebravam-se os encontros com os deuses. Na passagem, o encontro é celebrado pelas pessoas mortas por Cláudio, as quais vislumbram vingança.

¹⁴⁰ Caio Sílio casou-se publicamente com Messalina. Ela e outros cúmplices foram mortos depois. Cf. Suetônio, *Cláudio*, 26; Tácito, *Anais*, XI, 12, 26-36. Os outros nomes que aparecem são também citados pelos historiadores, menos Marco Hélvio, Cota e Fábio, que são desconhecidos.

¹⁴¹ O ator Mnester já estava na corte no tempo de Calígula (Suetônio, *Calígula*, 55): *Mnesterem pantomimum etiam inter spectacula osculabatur* (em pleno espetáculo, [Calígula] beijava o pantomimo Mnester). Ao lado de outros citados, Mnester tinha sido amante de Messalina e conseqüentemente levado à morte. *Dum histrio cubiculum principis insultauerit* (enquanto um histrião insultava o leito conjugal do príncipe) é passagem de Tácito (*Anais* XI, 28).

¹⁴² Políbio é o famoso liberto de Cláudio a quem Sêneca se dirige em uma das três Cartas Consolatórias. Arpocra é citado em Suetônio, *Cláudio*, 28. Os outros são desconhecidos.

deinde praefecti duo Iustus Catonius et Rufrius Pollio, deinde amici Saturninus Lusius et Pedo Pompeius et Lupus et Celer Asinius consulares, nouissime fratris filia, sororis filia, generi, soceri, socrus, omnes plane consanguinei, et agmine facto Claudio occurrunt. 6 Quos cum uidisset, Claudius, exclamat: “Πάντα φίλων πλήρη!” Quomodo huc uenistis uos?” Tum Pedo Pompeius: “Quid dicis, homo crudelissime? Quaeris quomodo? Quis enim nos alius huc misit quam tu, omnium amicorum interfector? In ius eamus: ego tibi hic sellas ostendam.”

Depois dois prefeitos, Justo Catônio e Rufrio Polião¹⁴³. Em seguida os amigos Saturnino Lúcio, Pedo Pompeio e Lupo e Celer Asínio, cônsules¹⁴⁴. E por último a filha do irmão, a filha da irmã, genros, sogros, sogras, todos inteiramente consagüíneos¹⁴⁵. E em fila aproximam-se de Cláudio. 6 Quando ele os viu, exclama: “Πάντα φίλων πλήρη! (todo cheio de amigos!) Como vós viestes para cá¹⁴⁶?” Então Pedo Pompeio fala: “O que dizes, homem crudelíssimo? Perguntas como? Quem, com efeito, nos enviou para aqui senão tu, assassino de todos os amigos? Vamos à justiça. Eu, aqui, apresentar-te-ei aos tribunais.”

¹⁴³ O primeiro, Justo Catônio, é citado por Dion Cássio, *LX, 18*. Cláudio o matou induzido por Messalina, temerosa de que fossem revelados atos que ela cometeu. O segundo é citado pelo mesmo Dion Cássio, *LX, 23*, mas não se conhecem as circunstâncias de sua morte.

¹⁴⁴ Saturnino Lúcio e Cornélio Lupo foram condenados por Públio Suílio, o delator usado por Messalina. Celer Asínio foi cônsul em 38 d.C. Pedo Pompeio, que terá papel relevante no restante do texto, é desconhecido. Para Públio Suílio, cf. Tácito, *Anais, XIII, 43*.

¹⁴⁵ Júlia Livila (filha de Germânico), Júlia (filha de Livila), Lúcio Silano e Pompeio Magno, Ápio Silano e Crasso Frugi, Escribônia e Domícia Lépidia.

¹⁴⁶ A primeira parte da citação é paródia da fórmula dos filósofos gregos “Tudo está pleno de divindades”. Aristóteles (*De anima, 411a7*). Virgílio (*Bucólicas, III, 60*) usa de *Iouis omnia plena*. No trecho acima, Cláudio substitui por “amigos” a palavra “deuses”.

A pergunta do imperador remete, na segunda parte de citação, aos famosos esquecimentos do que já havia feito às pessoas.

XIV. 1 Ducit illum ad tribunal Aeaci. Is lege Cornelia quae de sicariis lata est, quaerebat. Postulat nomen eius recipiat, edit subscriptionem: “Occisos senatores XXXV, equites romanos CCXXI, ceteros ὅσα ψάμαθός τε κόνις τε.” 2 Aduocatum non inuenit. Tandem procedit P. Petronius, uetus conuictor eius, homo claudiana lingua disertus, et postulat aduocationem. Non datur. Accusat Pedo Pompeius magnis clamoribus. Incipit patronus uelle respondere. Aeacus, homo iustissimus, uetat et illum, altera tantum parte audita, condemnat et ait: Αἴκε πάθοι τά τ’ ἔρεξε, δίκη κ’ἰθεῖα γένοιτο. 3 Ingens silentium factum est. Stupebant omnes, nouitate rei attoniti; negabant hoc unquam factum. Claudio magis iniquum uidebatur quam nouum.

XIV. 1 Conduziu-o ao tribunal de Éaco¹⁴⁷, que buscava na lei Cornélia os dizeres a respeito de assassinos. [Pedo] solicita que acolha o nome de Cláudio. Entrega a acusação: 35 senadores assassinados, 221 cavaleiros Romanos e outros ὅσα ψάμαθός τε κόνις τε (tantos como a arena ou o povo)¹⁴⁸. **2** Cláudio não encontra advogado de defesa. Finalmente, apresenta-se Públio Petrônio¹⁴⁹, velho comensal de Cláudio, homem conhecedor da língua claudiana, e requer o ofício de advogar. Não é concedido. Pedo Pompeio acusa-o com grande indignação. O patrono de Cláudio começa a querer responder. Éaco, homem o mais justo, veta e somente com uma parte ouvida condena Cláudio e diz: Αἴκε πάθοι τά τ’ ἔρεξε, δίκη κ’ἰθεῖα γένοιτο (se sofres tuas próprias ações, far-se-á uma reta justiça)¹⁵⁰. **3** Profundo silêncio se faz. Todos estavam entorpecidos, atônitos com a novidade, e diziam que isso nunca tinha sido pronunciado. Para Cláudio isso parecia mais injusto do que inesperado¹⁵¹.

¹⁴⁷ Junto de Mínos e Radamante, Éaco é também no inferno juiz das almas dos mortos. Éaco baseia-se na *lex Cornelia de sicariis et ueneficiis*, de 81 a.C., que estabeleceu a pena de morte como sanção aplicável a quem praticasse envenenamento que resultasse em perda da vida, assim como a quem desse, preparasse, vendesse ou fabricasse o veneno. Além disso, havia ainda a punição para quem desse sentenças injustas.

¹⁴⁸ Os dados encontram-se também em Suetônio (*Cláudio*, 29). Ὅσα ψάμαθός τε κόνις τε é verso de Homero (*Ilíada*, IX, 385).

¹⁴⁹ Públio Petrônio aparece em Tácito (*Anais*, III, 49 e VI, 45).

¹⁵⁰ Éaco aplica a lei do olho por olho, dente por dente, comum nos juízos infernais. Ironicamente, Éaco, com uma injustiça, posto que Cláudio fora julgado sumariamente, faz a justiça.

¹⁵¹ Sêneca brinca com a personalidade de Cláudio, afirmando que o imperador, quando julgava apressadamente e de qualquer forma, sabia o que estava fazendo, por isso não era inesperado ser julgado rapidamente pelo juiz infernal.

4 De genere poenae, diu disputatum est quid illum pati oporteret. Erant qui dicerent Sisyphum iam diu laturam fecisse, Tantalum siti periturum nisi illi succurreretur, aliquando Ixionis miseri rotam sufflaminanda: non placuit ulli ex ueteribus missionem dari, ne uel Claudius unquam simile speraret. 5 Placuit nouam poenam constitui debere, excogitandum illi laborem irritum et alicuius cupiditatis speciem sine fine et effectu. Tum Aeacus iubet illum alea ludere pertuso fritillo. Et iam coeperat fugientes semper tesseris quaerere et nihil proficere.

4 Debateu-se por muito tempo a respeito do tipo de pena, aquela que fosse preciso que ele sofresse. Havia aqueles que diziam ter Sísifo feito o transporte por muito tempo, que Tântalo a morrer daquela sede deverá ser socorrido, que já finalmente é preciso frear a roda do infeliz Ixíon¹⁵². Não foi do agrado a resolução ser concedida a nenhum dos antigos condenados, para que nem mesmo Cláudio algum dia tivesse esperança similar. **5** Foi do agrado que uma nova pena devesse ser estabelecida, devendo ser encontrado para ele um trabalho inútil e uma aparência de algum desejo sem fim e sem consequência. Então Éaco ordena-o a divertir-se com o jogo de dados com um copo furado¹⁵³. E nesse instante Cláudio tinha começado a buscar incessantemente os dados fugitivos e de nada adiantar.

¹⁵² Sísifo foi o fundador de Corinto. Várias são as lendas que se relacionam com a sua astúcia. A *Odisséia* relata que Sísifo denunciara Zeus pelo rapto da filha de Asopo e o deus, irritado, envia Tânato (a Morte) ao encalço de Sísifo. Este, de surpresa, acorrenta a morte. Zeus teve que intervir para que a morte voltasse a desempenhar a sua missão. Sísifo é morto e convence Hades a deixá-lo retornar. Quando morreu de vez na velhice, foi condenado pelos deuses a rolar eternamente um enorme rochedo até o alto de uma montanha, caindo a pedra novamente das costas dele e ele recomeçando o trabalho eternamente. Tântalo foi castigado por seu orgulho, porque ao ser convidado a ceiar com os deuses teria revelado segredos divinos aos homens. Entre as lendas, dizia-se que seu suplício eram a fome e a sede eternas. Ixíon atreveu-se a namorar Hera e como castigo Zeus o amarrou a uma roda em chamas que girava sem parar.

¹⁵³ Cláudio tinha uma extrema predileção por jogos de azar a ponto de escrever um tratado sobre o assunto. Em Suetônio (*Cláudio*, 33), relata-se que o imperador chegou a adaptar o tabuleiro no carro em que viajava de tal modo que podia jogar tranquilamente. *Solitus etiam in gestatione ludere, ita essedo alueoque adaptatis ne lusus confunderetur* (costumava jogar até mesmo no carro em que viajava e o tabuleiro se achava tão bem ajustado à viatura que o jogo não se baralhava).

*XV. 1 Nam quotiens missurus erat resonante fritillo,
 Vtraque subducto fugiebat tessera fundo;
 Cumque recollectos auderet mittere talos,
 Lusuro similis semper semperque petenti,
 Decepere fidem: refugit digitosque per ipsos
 Fallax adsiduo dilabitur alea furto.
 Sic, cum iam summi tanguntur culmina montis,
 Irrita Sisyphio uoluuntur pondera collo.*

2 Apparuit subito C. Caesar et petere illum in seruitutem coepit. Producit testes, qui illum uiderant ab illo flagris, ferulis, colaphis uapulantem. Adiudicatur C. Caesari. Caesar illum Aeaco donat. Is Menandro liberto suo tradidit, ut a cognitionibus esset.

XV. 1 Pois cada vez que queria lançar os dados ao retumbante copo de jogar, um e outro dado passavam pelo fundo furado. E quando tentasse lançar os dados juntos, do mesmo modo que um jogador e sempre igual ao que busca os dados, a sorte enganava sua esperança: por entre os dedos o dado enganador foge e escapa num roubo eterno. Da mesma forma que, quando no instante em que as partes mais altas da montanha são tocadas, inúteis pesos são atirados do ombro de Sísifo.

2 Súbito, Caio César¹⁵⁴ apareceu e começou a suplicá-lo como seu escravo; apresentou testemunhas, que tinham visto Cláudio sofrer sob César com os chicotes, com as chibatadas e com as bofetadas¹⁵⁵. É oferecido a Caio César. Calígula presenteia Cláudio a Éaco. Este o passa a seu liberto Menandro, para que Cláudio fosse inquirido por ele¹⁵⁶.

¹⁵⁴ Caio César Calígula não foi divinizado e, portanto, só poderia estar no inferno, ainda mais por ter se indisposto com Sêneca a ponto de quase mandar matá-lo.

¹⁵⁵ Suetônio (*Calígula*, 23) relata: *Nam Claudium patrum non nisi in ludibrium reseruauit* (com efeito, não conservou Cláudio, seu tio paterno, a não ser para zombaria).

¹⁵⁶ Como diz Suetônio (*Cláudio*, 29), *His, ut dixi, uxoribusque addictus, non principem, sed ministrum egit* (ele, como eu disse, entregou às mulheres, representou o papel não de um príncipe, mas o de um escravo). Sêneca, assim, põe fim a Cláudio, reduzindo-o a escravo de um escravo.

COMENTÁRIO CRÍTICO

Em todo o texto que ora se estuda de Sêneca, há a presença do cômico, a começar pelo título *Apocolocyntosis Diui Claudii*. Mesmo que não haja uma transformação literal do imperador em abóbora – tema discutido mais à frente –, ao ridicularizá-lo, o autor atrai a atenção dos leitores para o texto (que seja lembrado não ser demasiado o público leitor, e pertencer este a uma classe social abastada). Desnudar os vícios e os estranhos costumes de um componente indesejado dessa mesma elite faria mais efeito de forma jocosa.

Ainda sobre o título *Apocolocyntosis Diui Claudii*, é possível uma análise da obra a começar daí. Segundo os textos estabelecidos pelas edições *Les Belles Lettres* e *The Loeb Classical Library*, os manuscritos titulam a obra de várias maneiras. De *Αποθέωσις Annaei Senecae per Saturam*, passando por *Ludus de Morte Claudii*, a simplesmente *Ludus*, ou ainda *De Obitu Claudii*. De outro lado, Dion Cássio, e somente ele, relata que Sêneca escreveu uma sátira com a intenção de criticar a divinização do falecido Cláudio e que esse texto recebeu o título de *Ἀποκολοκύντωσης*. O historiador afirma: *Συνέθηκε μὲν γὰρ καὶ ὁ Σένεκας σύγγραμμα Ἀποκολοκύντωσησιν αὐτὸ ὡσπερ τινὰ ἀθανάτισιν ὀνομάσας* (pois com efeito também Sêneca compusera uma obra que ele chamou de “Aboborificação” – uma palavra formada em analogia com deificação. – *Dion Cássio, LX 35, 3*).

Aceita-se hoje, comumente, o título de *Apocolocyntosis Diui Claudii*, que ora se traduz por *Apocolocintose do divino Cláudio*. A palavra apocolocintose é formada do radical *apo-* (que contém também a idéia de transformação), mais a palavra *colocynthis*, cujo sentido literal é erva cabaça, da família das cucurbitáceas. Cucúrbita é outra palavra latina que significa abóbora. Acrescente-se ainda na formação da palavra o sufixo *-osis*, cujo significado é ação, processo. Então o título da obra adquire o significado de aboborificação do divino Cláudio ou, ainda, transformação do divino Cláudio em abóbora. O termo apocolocintose, portanto, poderia suscitar dúvidas na leitura da obra porque não há, com efeito, o processo de transformação de Cláudio em abóbora. Entretanto o texto de Sêneca é extremamente irônico, e a ironia em literatura “torna-se muito comumente uma técnica de dizer o mínimo e de significar o máximo possível, ou, de modo mais geral, uma configuração de palavras que se afasta da

afirmação direta ou de seu próprio sentido óbvio”¹⁵⁷. Mesmo com a discussão pertinente a respeito do nome *Apocolocyntosis* – transformação em abóbora –, havia entre os romanos do mundo clássico a metáfora de indicar a alguém a designação abóbora com o sentido de sujeito bobo, de pessoa abestalhada, sem valor ou até mesmo débil. Interessante observar que, na língua latina, a palavra abóbora não representa somente o vegetal, mas também designa uma pessoa fora do padrão romano ou simplesmente um bobo. A partir desse raciocínio, o título da obra – embora não haja aí a transformação física de Cláudio em abóbora – faz sentido se se buscarem as críticas em que se ridiculariza o imperador morto, associando-o a um tolo. Ainda se observa que Cláudio vira um brinquedo, uma abóbora que passa de mão em mão, rechaçada no céu, na terra – evidenciado pelo canto fúnebre – e por último no inferno. O termo abóbora, com sentido de bobo, aparece também em outros autores latinos. Apuleio, por exemplo, nas *Metamorfoses* ou *O Asno de ouro* utiliza-se do termo com clara alusão pejorativa, como nas seguintes passagens:

*Quid? Tu, inquit, ignoras latronibus infestari vias, qui hoc noctis iter incipis?
Nam etsi tu alicuius facinoris tibi conscius scilicet mori cupis, nos cucurbitae
caput non habemus ut pro te moriamur.*

Quê? Tu, diz, que começa a viagem nesta noite, ignoras que os caminhos estejam infestados por ladrões? Com efeito, embora tu desejes morrer sem dúvida consciente de algum crime, não temos nós cabeça de abóbora para que morramos em prol de ti.¹⁵⁸

Em outra passagem, o mesmo Apuleio compara de forma pejorativa a abóbora a uma cabeça calva quando escreve: *At ego misera primum patre meo senioremaritum sortita sum, dein cucurbita caluiorem et quouis puero pusilliozem* (e eu, desgraçada, primeiramente caí-me por sorte um marido mais velho do que meu pai, depois mais calvo do que uma abóbora e mais anão que qualquer criança)¹⁵⁹.

Além do uso negativo do termo *colocyntis*, Dion Cássio (*LX*, 35, 3-4) afirma que Nero, ironicamente, deixou uma observação sobre a morte de Cláudio. Nero

¹⁵⁷ FRYE, Northrop: 1973, 46.

¹⁵⁸ *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro*, I, 15.

¹⁵⁹ *Ibidem*, V, 9.

declarou serem os cogumelos o alimento dos deuses, já que Cláudio, por intermédio dos cogumelos, tornara-se um deus, ou seja, fez uma insinuação sobre o que levou Cláudio à morte. Plínio¹⁶⁰, o jovem, é outro que escreve afirmando que Nero consagrou com desprezo Cláudio aos céus. Tácito (*Anais*, XII, 67) relata a cena da morte de Cláudio dessa maneira: *Adeoque cuncta mox pernotuere ut temporum illorum scriptores prodiderint infusum delectabili boleto uenenum* (de tal forma todas as coisas logo tornaram-se públicas que os escritores daquele tempo tenham revelado o veneno vertido em agradável cogumelo). Ainda sobre a relação de Cláudio com os cogumelos, o satirista Juvenal escreve: *minus ergo nocens erit Agrippinae/ boletus, siquidem unius praecordia pressit/ ille senis tremulumque caput descendere iussit/ in caelum et longa manantia labra saliuu* (portanto menos nocivo será o cogumelo de Agripina, visto que ele comprimiu as entranhas de um velho e ordenou sua cabeça trêmula, com os lábios contínuos de extensa baba, descer para o céu)¹⁶¹. Portanto Juvenal deixa claro para o leitor as circunstâncias da morte de Cláudio.

Quanto ao texto da *Apocolocintose*, Sêneca assim o inicia:

Quid actum sit in caelo ante diem III. idus Octobris anno nouo, initio saeculi felicissimi, uolo memoriae tradere. Nihil nec offensae nec gratiae dabitur. Haec ita uera si quis quaesiuerit unde sciam, primum, si noluero, non respondebo. Quis coactus est? Ego scio me liberum factum, ex quo suum diem obiit ille qui uerum prouerbium fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere.

Desejo transmitir à história aquilo acontecido no céu no terceiro dia antes dos idos de outubro, em um ano-novo, no início de um século muito feliz. Sobre ofensa e sobre gratidão não será dito nada. Dessa forma, essas são as verdades. Caso alguém pergunte de que lugar as conheço, primeiramente, se eu não desejar, não responderei. Quem é obrigado a falar? Quanto a mim, sei que me tornei livre desde que morreu aquele que fizera verdadeiro o provérbio “ser conveniente nascer ou rei ou tolo” (*Apocol.*, I,1).

¹⁶⁰ *Panegyricus*, XI, 1: *Dicauit coelo (...) Claudium Nero, sed ut irrideret* (Nero consagrou Cláudio ao céu, mas com zombaria).

¹⁶¹ Juvenal, *Sátiras*, VI, 620-623.

O autor utiliza-se da estrutura de um historiador, mas nela insere um elemento que remete para o fantasioso: o céu. Esse jogo marca o início da brincadeira proposta pelo escritor e mostra que a pilhéria, o gracejo, estará presente. Interessante observar que a pilhéria trata de um tema caro aos romanos: a morte. O respeito aos mortos pelos romanos era proveniente da *pietas* (piedade) e da idéia de que a vida poderia continuar nos infernos, daí as homenagens e as celebrações fúnebres. Sêneca estrutura seu texto dessacralizando essa idéia, característica presente na base da sátira menipéia, tanto que a palavra *céu* – *Quid actum sit in caelo ante diem III. idus Octobris anno nouo* (aquilo acontecido no céu no terceiro dia antes dos idos de outubro) – quebra a estrutura da passagem inicial da *Apocolocintose*. Um texto principiado por uma exposição séria, ao estilo dos historiadores, em que se propõem verdades, não se encaixa com a ficcionalidade proposta pelo termo *caelo* (céu).

O fantasioso, então, é instaurado, mas de forma séria, em uma linguagem de historiador. Uma crítica mais incisiva é pressuposta no trecho que noticia o início de um ano novo feliz, exatamente o dia 13 de outubro, a data da morte de Cláudio. Percebe-se portanto, de imediato, uma informação a respeito do principado de Nero, o novo imperador. Evoca-se também a idéia de um novo século de ouro na sentença *initio saeculi felicissimi* (no início de um século muito feliz). Esse mesmo parecer, negativo, sobre o período de Cláudio à frente dos romanos e a ascensão de Nero se encontra em outro trecho do mesmo Sêneca, no obra *De Clementia*, em que o autor assim se pronuncia:

Nunc profecto consentire decebat ad aequum bonumque expulsa alieni cupidine, ex qua omne animi malum oritur, pietatem integritatemque cum fide ac modestia resurgere et uitia diuturno abusa regno dare tandem felici ac puro saeculo locum.

Sem dúvida, agora, uma vez que se removeu a cobiça do alheio, origem de todos os males da alma, convinha pôr-se de acordo com a equidade e o bem, fazer ressurgir a piedade e a integridade junto à lealdade e à modéstia, e fazer os males praticados em longo período de soberania, finalmente, darem lugar a um século de felicidade e pureza¹⁶².

¹⁶² *De Clementia* (I, I, 4), de Sêneca. Tradução de Ingeborg Braren. Editora Vozes, p. 43.

Outro autor que se utiliza da mesma fórmula é Tácito, na obra *Vida de Agrícola*, quando informa: (...) *et quamquam primo statim beatissimi saeculi ortu Nerua Caesar res olim dissociabilis miscuerit, principatum ac libertatem (...)* [(...) e todavia primeiramente no início de um felicíssimo século sem demora o César Nerva tenha unido coisas outrora incompatíveis, o principado e a liberdade (...)]¹⁶³.

Na linha do escrito histórico, a seqüência *nihil nec offensae nec gratiae dabitur* (sobre ofensa e sobre gratidão não será dito nada) é particularmente irônica. O período acorda-se com o espírito histórico porque, para Sêneca, não havia mesmo ofensa, já que a conduta de Cláudio à frente de Roma não era, de acordo com o filósofo, merecedora de crédito.

Ainda na análise do primeiro trecho da *Apocolocintose*, Sêneca escreve: *Si noluerō, non respondebo. Quis coacturus est? Ego scio me liberum factum ...* (Se eu não desejar, não responderei. Quem é obrigado a falar? Quanto a mim, sei que me tornei livre...). A ironia neste trecho alude a uma possível obrigação de falar, de se pronunciar sob as ordens de Cláudio, ou de outro modo, de ter que se pronunciar sem concordar com aquilo que é expresso. Há portanto uma sutil denúncia de como eram as relações na corte de Cláudio. Assim, no período Sêneca constrói o trecho de forma antitética, opondo ‘obrigado’ a ‘livre’.

Na seqüência há um provérbio – também componente da menipéia – citado pelo preceptor de Nero. Essa máxima, *aut regem aut fatuum nasci oportere* (ser conveniente nascer ou rei ou tolo), tem uma dupla negativa em relação a Cláudio, uma vez que os romanos não viam com agrado o exercício do poder por um rei. Segundo o historiador moderno Géza Alföldy, os soberanos de Roma em seu início eram os etruscos, que ostentavam o título de reis, e “Roma foi efetivamente libertada do domínio dos reis etruscos por uma revolta contra a monarquia, que teve provavelmente lugar por volta de 508, ou alguns anos mais tarde¹⁶⁴”. Além disso, Cláudio também era visto como um tolo até por parentes próximos, como relata Suetônio em passagem em que a própria mãe do imperador o despreza¹⁶⁵. Tirania no poder exercido por um tolo é a crítica de Sêneca

¹⁶³ *Agricola*, 3, 1.

¹⁶⁴ ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. P. 20.

¹⁶⁵ *Mater Antonia portentum eum hominis dicitabat, nec absolutum a natura, sed tantum incohatum; ac si quem socordiae argueret, stultiorem aiebat filio suo Cláudio* (Antônia, a mãe, repetia muitas vezes ele /Cláudio/ ser um portento, nem sequer acabado pela natureza, mas simplesmente esboçado; e caso ela acusasse alguém de estupidez, dizia-lhe ser mais tolo do que seu filho Cláudio – Suetônio, *Cláudio*, 3). Interessante observar a possível ironia de Suetônio em relação a Cláudio nesta passagem ao empregar a

nesta passagem estudada da *Apocolocintose*. Ao inserir o provérbio, que é de cunho informal e popular, encontra-se no trecho uma característica da menipéia, e mais outra característica da mesma sátira na fusão deste provérbio com o texto culto que emula o texto histórico.

Na continuação de seu texto, Sêneca escreve:

Si libuerit respondere, dicam quod mihi in buccam uenerit. Quis unquam ab historico iuratores exegit? Tamen, si necesse fuerit auctorem producere, quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum uidit: idem Claudium uidisse se dicet iter facientem “non passibus aequis”. Velit nolit, necesse est illi omnia uidere quae in caelo aguntur: Appiae Viae curator est, qua scis et Diuum Augustum et Tiberium Caesarem ad deos isse.

Se for prazeroso responder, direi aquilo que me virá à boca. Quem avaliou alguma vez os juramentos de um historiador? Todavia se tiver sido necessário apresentar um fiador, procura aquele que viu Drusila, que ia para o céu: ele dirá ter visto que Cláudio percorria ‘com passos desiguais’ o mesmo caminho. Queira ou não, para aquele que viu Drusila ascender é inevitável ver todas as coisas que se passam no céu: ele é o encarregado da via Ápia, por onde sabes que não só o divino Augusto, mas também Tibério César foi para junto dos deuses (*Apocol.*, I, 2).

Na passagem acima, o termo *bucca* (boca) em *dicam quod mihi in buccam uenerit* (darei aquilo que me virá à boca) marca o coloquialismo. O vocábulo *bucca* é de cunho coloquial e popular e se opõe ao étimo latino *os*, que também significa boca, mas é de cunho erudito. A informalidade, a palavra solta e, às vezes, vulgar, é característica da sátira menipéia, como já visto neste estudo. Além disso, o segmento ‘dizer o que vier à boca’ é presença constante na literatura latina, principalmente em textos nos quais se permite uma maior informalidade, como as cartas que Cícero enviou a Ático. A título de exemplo, em uma das cartas, Cícero escreve ao amigo dessa forma: *Si rem nullam habebis, quod in buccam uenerit, scribito* (se não tens nenhum assunto, escreva o que

palavra *portentum* (portento), visto que essa palavra apresenta primeiramente sentido positivo, isto é, significa prodígio, maravilha, milagre ou indivíduo extraordinariamente talentoso, inteligente e capaz; gênio.

vier à boca – *Ad Att.* I, 12, 4). O mesmo Cícero repete a expressão em outra epístola: *tu, quaeso, crebro ad me scribe uel quod in buccam uenerit* (tu, por favor, escreva com frequência até mesmo o que vier à boca – *Ad. Att.* 7, 10). Nas epigramas, cuja estrutura além da maior informalidade e do despojamento ainda apresenta tom mordaz, Marcial assim se dirige a um homem chamado *Iuuatus*: *Hic mecum licet, hic, Iuuate, quidquid/ In buccam tibi uenerit, loquaris* (aqui comigo é permitido, aqui, Juvato, que tu fales qualquer coisa que te vier à boca – Marcial, XII, 24).

Na continuação de I, 2, a passagem *Quis unquam ab historico iuratores exegit?* (quem avaliou alguma vez os juramentos de um historiador?) retoma a idéia de que os dados a serem propostos são História. Entretanto da mesma forma que no início de seu texto Sêneca inseriu a palavra *céu* – quebrando dessa maneira a historicidade –, nesse trecho o autor sugere que um historiador deva jurar sobre aquilo que vai escrever, ou seja, a ironia de Sêneca está na absurda idéia de um historiador ter de colocar sob juramento aquilo que pesquisa e compõe.

No decorrer do excerto I, 2, o escritor apresenta seu fiador, Lívio Gemino, que com traços escarneceadores é relacionado como testemunha daquilo que o autor contará. Sem nomeá-lo, Sêneca reporta à passagem histórica em que o encarregado de cuidar da via Ápia havia sido subornado por Calígula para afirmar ter visto Drusila, irmã-amante do imperador, dirigir-se ao céu como divindade. De Sêneca, o trecho é: *quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum uidit* (procura aquele que viu Drusila, que ia para o céu). Acerca de Calígula, Suetônio relata essa estranha relação dele com as irmãs, em especial Drusila, da seguinte forma:

Cum omnibus sororibus suis consuetudinem stupri fecit plenoque conuiuio singulas infra se uicissim conlocabat uxore supra cubante. Ex iis Drusillam uitiasse uirginem praetextatus adhuc creditur atque etiam in concubitu eius quondam deprehensus ab Antonia auia, apud quam simul educabantur; (...) Eadem defuncta iustitium indixit, in quo risisse lauuisse cenasse cum parentibus aut coniuge liberisue capital fuit. (...) nec umquam postea quantiscumque de rebus, ne pro contione quidem populi aut apud milites, nisi per numen Drusillae deierauit.

Com todas as suas irmãs estabeleceu o hábito de estupro e, em pleno banquete, colocava-as uma a uma, alternadamente, debaixo de si com a esposa deitada por

cima. Em relação às irmãs, acredita-se que tenha violado a virgindade de Drusila ainda vestido com a pretexta e, também, acredita-se que ele tenha tido relações sexuais com ela, por vezes apanhado em flagrante por sua avó Antônia, na casa dela no tempo em que ele e Drusila eram educados; (...) Quando a mesma Drusila morreu, declarou luto público, durante o qual sorrir, lavar-se, jantar com os pais ou com a esposa ou com os filhos foi crime capital. (...) Nem alguma vez depois, por menor que fosse, nem sequer diante da assembléia do povo ou junto aos soldados, jurou a não ser a favor da divindade de Drusila (Suetônio, *Calígula*, 24).

Sobre Lívio Gemino, a ironia e a comicidade estão presentes na passagem da *Apocolocintose* devido ao encarregado da via Ápia ter visto Cláudio subir aos céus. Ora, Lívio Gemino só viu Drusila ascender mediante suborno realizado por Calígula em prol da irmã. Isso era notícia antiga e sabida por todos. Portanto chega-se à conclusão de que há a possibilidade de se transformar Cláudio em um deus somente por meio do aliciamento, da corrupção. Pressupõe-se também uma crítica sutil a Agripina, mãe de Nero e viúva do “deus Cláudio”, por motivar a divinização de Cláudio junto ao Senado. Da mesma forma há a crítica ao Senado pela divinização do *princeps* morto. Ainda do excerto *quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum uidit* (procura aquele que viu Drusila), percebe-se que o autor se dirige, pela primeira vez, a um interlocutor, numa espécie de jogo diatríbico, com intenção persuasiva.

No fragmento estudado, Lívio Gemino, nas palavras de Sêneca, *idem Claudium uidisse se dicet iter facientem “non passibus aequis”* (dirá ter visto que Cláudio percorria ‘com passos desiguais’ o mesmo caminho – *Apocol. I, 2*). Como traço marcante da menipéia, nesta seqüência há parte de um verso épico de Virgílio, retirado da *Eneida* (II, 724) e inserido na prosa deste texto do gênero do sério-cômico. Interessante notar que os passos desiguais de Iulo, na *Eneida*, e de Cláudio, na *Apocolocintose*, têm diferentes referenciais. Enquanto que Iulo tem seus passos comparados aos de seu pai, os passos de Cláudio são desiguais nele mesmo, configurando uma alusão irônica à deficiência do imperador. Além da alusão à deficiência, percebe-se no excerto uma outra idéia, que é a possibilidade de os passos desiguais equivalerem, por exemplo, à indecisão política, traço marcante de Cláudio. Para finalizar o excerto I, 2 e começar o I, 3, o autor novamente se reporta ao leitor, diminuindo a distância, característica da História, e se aproximando dos ouvintes em

uma relação tanto diatribica quanto satírica: *qua scis et Diuum Augustum et Tiberium Caesarem ad deos isse* (por onde sabes que não só o divino Augusto, mas também Tibério César foi para junto dos deuses).

Na seqüência, o narrador informa:

Hunc si interrogaueris, soli narrabit. Coram pluribus nunquam uerbum faciet: nam, ex quo in senatu iurauit se Drusillam uidisse caelum ascendentem et illi pro tam bono nuntio nemo credit, quod uiderit, uerbis conceptis affirmauit se non indicaturum, etiam si in medio Foro hominem occisum uidisset. Ab hoc ego quae tum audiui certa, clara affero, ita illum saluum et felicem habeam.

Se a este tiveres interrogado, ele contará somente a ti. Na presença de muitos /Lívio Gemino/ não dirá uma palavra: pois, desde que no Senado jurou ter visto Drusila, que subia para o céu – e em prol de tão boa notícia ninguém acreditou nele –, com palavras inflamadas afirmou que não revelaria o que teria visto, ainda que tivesse visto um homem assassinado no meio do Fórum. Dele, então, eu ouvi estes fatos, provados e esclarecidos, que conto. Dessa maneira, que eu o tenha saudável e feliz (*Apocol.*, I, 3).

É característica da menipéia a atualidade dos acontecimentos narrados¹⁶⁶, que podem até ser familiares dos leitores contemporâneos da escrita do referido texto. Neste trecho, Sêneca continua a rememorar até que ponto Calígula chegou para que sua irmã fosse divinizada. Importante notar a construção da figura de Lívio Gemino, cuja conduta é posta sempre em dúvida, cujo caráter é associado aos próprios interesses financeiros. Além disso, Sêneca realça a mediocridade e as contradições do encarregado da via Ápia, como em *quod uiderit, uerbis conceptis affirmauit se non indicaturum, etiam si in medio Foro hominem occisum uidisset* (com palavras inflamadas afirmou que não revelaria o que teria visto, ainda que tivesse visto um homem assassinado no meio do Fórum). No mesmo período, a expressão *uerbis conceptis* (com palavras inflamadas) é uma ênfase ao juramento de Lívio Gemino, ou seja, ele faz um juramento repetindo a fórmula própria existente na época para se fazer juramentos, o que realça o aspecto humorístico do excerto.

¹⁶⁶ BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 115.

Além da estrutura humorística e irônica no excerto, a ambigüidade também se faz presente em *et illi pro tam bono nuntio nemo credidit* (e em prol de tão boa notícia ninguém acreditou nele), em que se pode interpretar como boa notícia tanto a divinização quanto a morte de Drusila. Para fechar o segmento I, 3, Sêneca utiliza-se de uma fórmula comum, na linguagem coloquial, de juramento em que transfere a responsabilidade para aquele que noticiou a ascensão de Drusila aos céus: *ita illum saluum et felicem habeam* (dessa maneira, que eu o tenha saudável e feliz). De forma irônica e, portanto, inversa, o que deseja Sêneca para Lívio Gemino não é o que está expresso, pois os *quae (...) certa, clara affero quae certa, clara* (fatos, provados e esclarecidos) não constituem nem a verdade nem a expectativa do autor.

Após o início irônico ao estilo dos historiadores, o segundo capítulo, em seu começo, apresenta imitação satírica de versos épicos, em que a poesia criticada é aquela que se mostra afetada e sem conteúdo:

*Iam Phoebus breuiore uia contraxerat ortum
Lucis et obscuri crescebant tempora somni;
Iamque suum uictrix augebat Cynthia regnum,
Et deformis Hiemps gratos carpebat honores
Diuitis Autumni, iussoque senescere Baccho
Carpebat raras serus uindemitor uuas.*

Febo já havia reduzido ao mais curto caminho a origem de luz, e os sons sombrios estendiam as horas, e a vitoriosa Cíntia elevava seu reino. Também o disforme Inverno arrancava os agradáveis enfeites do rico outono e, com Baco ordenado a envelhecer, o tardio vindimadeiro colhia as últimas uvas (*Apocol. II, 1*).

O próprio Sêneca, em sua obra *Cartas a Lucílio*, escreve a respeito de um Júlio Montano, poeta sofrível da época de Tibério. Júlio Montano recitava o dia inteiro um poema em que o nascer e o pôr-do-sol eram a tônica. Sêneca, com o objetivo de crítica, reproduz-lhe os versos: *incipit ardentes Phoebus producere flammis, / spargere <se> rubicunda dies; iam tristis hirundo / argutis reditura cibos inmittere nidis / incipit et molli partitos ore ministrat, / iam sua pastores stabulis armenta locarunt, / iam dare sopitis nox pigra silentia terris incipit* (Febo começou a emitir ardentes chamas, o dia clareava róseo; a melancólica andorinha, antes de partir de novo, nos ninhos ruidosos

ministra alimento partido em migalhas com o bico delicado; já os pastores instalaram nos redis seus rebanhos; já a noite lenta começa a trazer o silêncio às terras sonolentas)¹⁶⁷.

Aquilo então duramente criticado por Sêneca serve especialmente aos intuitos da sátira menipéia em que Cláudio, o imperador morto, é a pessoa a ser zombada. Para isso, portanto, Sêneca formula exatamente uma poesia em que se utilizam artifícios retóricos e vazios de expressão, mesclando dessa maneira prosa e verso na *Apocolocintose*. Observe-se que a estrutura poemática na qual deuses são descritos está presente tanto na poesia criticada por Sêneca nas *Cartas* como também no excerto da *Apocolocintose*. É particularmente interessante o início do trecho versificado desta menipéia, no qual o autor insere a palavra *iam* (já), pois é um vocábulo que freqüentemente surge neste tipo de estrutura quando se metaforiza, entre outros, uma ação da natureza. No século anterior a Sêneca, por exemplo, Horácio já se valera de idêntica forma: *iam nox inducere terris/ umbras et caelo diffundere signa parabat* (já a noite se dispunha a estender suas sombras sobre as terras e a espalhar estrelas no céu – *Sermones*, I, 5).

Todo o trecho em versos tem unicamente o intuito de poetizar a respeito da passagem do tempo. Os três primeiros versos dizem acerca do pôr-do-sol e conseqüente surgimento da lua, representados por Febo e sua irmã Cíntia. Os três versos finais relatam sobre as estações, com o fim do outono e respectivo início de inverno. Servem também como uma espécie de introdução para o relato daquilo acontecido no céu no dia treze de outubro, como expresso na abertura da *Apocolocintose* (I, 1). De outro lado, esses versos frívolos são um outro gênero que Sêneca insere em sua sátira para estabelecer relação paródica com o início da *Apocolocintose*, e essas relações estabelecem o gênero sátira menipéia. Outros dados que se podem buscar no trecho, mesmo que se trate de versos que imitam a poesia afetada da época, dizem respeito às intenções senequianas. O excerto faz menção, em versos frívolos, à morte de Cláudio e o verso *iussoque senescere Baccho* (Baco ordenado a envelhecer) pode vir a sugerir o fim de uma época em que havia um desgoverno. Baco, na mitologia, representa as festividades, o delírio místico que se apodera das pessoas e mesmo sendo da segunda geração de deuses, como Apolo, este último era representado como deus da racionalidade, da beleza e da inteligência, enquanto Baco é o deus ligado ao impulso¹⁶⁸.

¹⁶⁷ SÊNECA, *Cartas a Lucílio*, XX, 122, 11-13.

¹⁶⁸ Grimal, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Bertrand Brasil, 2005.

Sêneca aproveita a metáfora das estações e sugere que Baco ordenado a envelhecer é a representação de Cláudio, enquanto Apolo é a representação de Nero, assumida pelo novo imperador.

Essa associação Baco/ Cláudio torna-se mais nítida na seqüência do texto, quando Sêneca escreve:

Puto magis intellegi si dixero: mensis erat october, dies III. idus octobris. Horam non possum certam tibi dicere: facilius inter philosophos quam inter horologia conueniet. Tamen inter sextam et septimam erat. – Nimis rustice! Adquiescunt omnes poetae, non contenti ortus et occasus describere, ut etiam medium diem inquietent: tu sic transibis horam tam bonam?

Considero que serei mais bem compreendido se tiver dito: era o mês de outubro, terceiro dia de seus idos. Não posso dizer-te a hora exata: ajustar-se-á isso mais facilmente entre os filósofos do que entre os relógios. Todavia era entre a sexta e a sétima hora. – Muitas vezes grosseiro! Consentem todos os poetas, não contentes em descrever o nascer do Sol e o ocaso, que também atormentem até durante o meio-dia. Tu, assim, passarás hora tão boa? (*Apocol. II, 2-3*)

Primeiro Sêneca alude, novamente, a que a poesia estruturada daquela forma é fútil, sem importância, pois é necessário uma paráfrase para explicá-la, como agora deixa claro em *puto magis intellegi si dixero* (considero que serei mais bem compreendido se tiver dito). Depois faz referência ao falecimento de Cláudio, que podemos associar também por paráfrase à passagem anterior em que Baco é ordenado a envelhecer. Entretanto o trecho não faz referência direta nem ao nascer nem ao pôr-do-sol e sim ao meio-dia, hora oficial da morte de Cláudio. Tácito escreve da mesma forma informando ser o meio-dia o momento em que anunciaram o novo imperador: *Tunc medio diei tertium ante Idus Octobris, fortibus palatii repente diductis, comitante Burro Nero egreditur ad cohortem, quae more militiae excubiis adest* (então ao meio-dia do terceiro dia antes dos idos de outubro, de repente se abrem as portas do palácio, e Nero, seguido por Burro, dirige-se à coorte que ali fazia, de costume, a guarda – *Anais XII, 69*). Cláudio morrera então na manhã do dia treze de outubro de 54 de nossa era e, possivelmente, Agripina – mãe de Nero – aguardou o momento astrológico ideal para fazer o anúncio. Interessante notar a sutileza de Sêneca em deixar incerto o exato

momento da morte de Cláudio, talvez aí uma forma de ele se isentar da participação do ato, já que ele era o preceptor de Nero, estava também no palácio nos momentos finais de Cláudio e tinha ciência do que ali ocorria.

Ainda sobre o fragmento acima da *Apocolocintose* (II, 2-3), Sêneca reporta-se novamente a um interlocutor imaginário. Além disso, faz referência outra vez aos poetas de baixo nível, para que *etiam medium diem inquietent* (também atormentem até durante o meio-dia), acostumados que estavam a fazer uma poesia afetada e que agora poderiam poetizar sobre o imperador morto. Com isso, o autor insere na seqüência mais alguns versos no mesmo estilo frívolo analisado anteriormente:

*Iam medium curru Phoebus diuiserat orbem
Et propior nocti fessas quatiebat habenas,
Obliquo flexam deducens tramite lucem.*

Já tinha dividido Febo com seu carro metade da órbita e, mais próximo da noite dirigindo por oblíquo caminho a inclinada luz, agitava as desgastadas rédeas (*Apocol.* II, 4).

Os versos são portanto também uma paráfrase para o que o autor noticiou no excerto anterior (II, 3), já que o fato de Febo dividir a metade da sua órbita pode referir-se à hora em que Cláudio veio a falecer.

Em III, 1, há uma espécie de preparação para a partida de Cláudio rumo ao céu:

Claudius animam agere coepit, nec inuenire exitum poterat. Tum Mercurius, qui semper ingenio eius delectatus esset, unam e tribus Parcis seducit et ait: “Quid, femina crudelissima, hominem miserum torqueri pateris? Nec unquam tam diu cruciatus cesset? Annus sexagesimus quartus est, ex quo cum anima luctatur. Quid huic et rei publicae inuides?”

Cláudio começou a exalar sua alma e não encontrava uma saída. Então Mercúrio, que sempre tinha sido agradado pelo engenho dele, chamou à parte uma das três Parcas e disse: “Como, mulher cruelíssima, tu permites que um homem infeliz seja torturado? Nem alguma vez, depois de tanto tempo de

suplício, /tu consentes que ele/ descanse? São sessenta e quatro anos com os quais ele luta com sua alma. Por que invejas a ele e à República? (*Apocol. III, 1*).

Na passagem há a referência à agonia pré-morte do imperador. A expressão *animam agere* (exalar sua alma) é também encontrada em outros autores que se utilizaram da mordacidade em seus escritos, como Catulo e Marcial. Catulo (63, 31-33) escreve *furibunda simul anhelans uaga uadit, animam agens,/ comitata tympano Attis per opaca nemora dux,/ ueluti iuuenca uitans onus indomita iugi* (e Átis, louca, errante, em delírio, expirante,/ por bosque umbroso as guia, acompanhada ao tímpano, qual novilha que evita, não domada, o jugo)¹⁶⁹. Já Marcial (I, 79) faz jogo com os diversos sentidos de *agere* e seus complementos: *Semper agis causas et res agis, Attale, semper:/ est, non est quod agas, Attale, semper agis./ Si res et causae desunt, agis, Attale, mulas./ Attale, ne quod agas desit, agas animam* (Sempre defendes causas e fazes coisas, Átalo, sempre:/ tenhas ou não tenhas o que fazer, Átalo, sempre tu fazes algo./ Se faltam coisas e causas a ti, Átalo, conduzes mulas./ Átalo, para que a ti não falte o que fazer, que entregues a alma).

Além dessa construção lingüística citada, pode-se buscar em Aristóteles, na obra *De anima*, o conceito de alma. É particularmente interessante essa relação porque o texto de Sêneca estabelece contato mais à frente (*Apocolocintose, XIII, 6*) com o texto de Aristóteles. Para o filósofo grego, é próprio da alma o pensar¹⁷⁰ e essa é uma das grandes críticas feita por Sêneca a Cláudio: a falta de cérebro deste para tomar ações coerentes com o ideal de governo romano. No final do fragmento, Mercúrio afirma que *annus sexagesimus quartus est, ex quo cum anima luctatur* (são sessenta e quatro anos com os quais ele luta com sua alma). De forma irônica, usa-se o verbo lutar (*luctatur*) para a sugestão de que o imperador não vivera, mas arrastara-se durante 64 anos. Verifica-se também no trecho a brincadeira que Sêneca faz com o sentido de *anima*, pois essa palavra também significa exalação, cheiro, sarcasticamente podendo atribuir-se aos odores e às flatulências de Cláudio. De forma ambígua então, a passagem pode sugerir o fim da vida de Cláudio como também significar a tentativa de o imperador se aliviar de gases em seu leito de morte. A palavra *exitus* (saída) em *nec inuenire exitum poterat* permite essas leituras no excerto.

¹⁶⁹ *O livro de Catulo*. Edusp, p. 117. Tradução de João Ângelo Oliva Neto.

¹⁷⁰ ARISTÓTELES. *De anima*. Editora Martins Fontes, p. 47.

No início deste mesmo fragmento, Sêneca introduz Mercúrio, divindade protetora dos viajantes e comerciantes, entre outras atribuições. Por meio dessa mitologia, o autor alude às deficiências comerciais enfrentadas sob o governo de Cláudio ao ironizar com a passagem *tum Mercurius, qui semper ingenio eius delectatus esset (...)* [então Mercúrio, que sempre tinha sido agrado pelo engenho dele (...)]. Mercúrio, por meio de Sêneca portanto, só pode desejar a morte de Cláudio, metáfora que se traduzirá em melhoria comercial. Jérôme Carcopino, crítico moderno, assim nos informa: “Para aliviar ou estimular a economia, Cláudio alargou a lei aos libertos dos dois sexos que investissem os seus capitais na armação de navios de comércio”¹⁷¹.

Outro dado relevante da presença de Mercúrio é a possível antecipação do desejo da *Apocolocintose*, pois Mercúrio é também caracterizado como o responsável de acompanhar as almas para o inferno, no que se denomina de psicopompo. Na seqüência, o mensageiro dos deuses trava um diálogo com uma das Parcas, à qual questiona retoricamente: *Quid, femina crudelissima, hominem miserum torqueri pateris?* (como, mulher cruelíssima, tu toleras que um homem infeliz seja torturado?). Mercúrio, infere-se, deixa transparecer que a tortura, com efeito, era aquilo que Cláudio fazia ao sofrível comércio romano sob Cláudio. No trecho ora estudado a junção da ficção com o fato – a idade de Cláudio, atestada por Suetônio (*Cláudio*, 2 – 45) – são características típicas da menipéia.

Na seqüência do texto de Sêneca, o autor dirige sua artilharia para os astrólogos:

Patere mathematicos aliquando uerum dicere, qui illum, ex quo princeps factus est, omnibus annis, omnibus mensibus efferunt. Et tamen non est mirum si errant et horam eius nemo nouit: nemo enim unquam illum natum putauit. Fac quod faciendum est: dede neci, melior uacua sine regnet in aula.”

Deixa que os astrólogos finalmente digam a verdade, aqueles que, desde que o príncipe foi nomeado, enterram-no todos os anos, todos os meses. Entretanto não é espantoso que os astrólogos erraram e ninguém soube a hora dele. Ninguém, com efeito, calculou que ele tivesse nascido. Faze aquilo que deve ser feito: entrega-o à morte, consente que o melhor reine no palácio desocupado” (*Apocol.*, III, 2).

¹⁷¹ CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana de Roma no apogeu do império*, p. 84.

O primeiro período da passagem é estruturado de forma muito sarcástica, pois Sêneca zomba da pseudociência daqueles que faziam previsões que nunca se concretizavam. Tácito (*Anais*, II, 32) também faz menção aos astrólogos que, sob Tibério, foram expulsos: *facta et de mathematicis magisque Italia pellendis senatus consulta* (o senado lavrou alguns decretos, para fazer sair da Itália os matemáticos e os mágicos). Durante o governo de Cláudio, Tácito (*Anais*, XII, 52) também informa que houve tentativa de nova expulsão: *de mathematicis Italia pellendis factum senatus consultum atrox et inritum* (para lançar fora da Itália os astrólogos lavrou-se um *senatus consultum* atroz e, por isso, sem efeito). Portanto em *Patere mathematicos aliquando uerum dicere, qui illum, ex quo princeps factus est, omnibus annis, omnibus mensibus efferunt* (deixa que os astrólogos finalmente digam a verdade, aqueles que, desde que o príncipe foi nomeado, enterram-no todos os anos, todos os meses), os astrólogos agora finalmente dizem a verdade, pois o imperador está morto. Aproveitando-se da falta de confiança nos astrólogos, já que chegaram até a ser expulsos algumas vezes de Roma, Sêneca deixa em aberto a hora da morte de Cláudio. Com isso, o escárnio em relação à figura de Cláudio chega ao paroxismo com a sentença *nemo enim unquam illum natum putauit* (ninguém, com efeito, calculou que ele tivesse nascido), período que se liga à briga de Cláudio contra sua alma, relatada nesta sátira em III, 1.

Ainda no excerto da *Apocolocintose*, como característica importante da menipéia ao intercalar verso, prosa e gêneros diferentes, Sêneca faz Mercúrio declarar à parca o que ela deveria fazer e, para isso, busca nas *Geórgicas* de Virgílio o verso adequado: *dede neci, melior uacua sine regnet in aula* (entrega-o à morte, consente que o melhor reine no palácio desocupado). Há no trecho uma clara alusão ao novo imperador, Nero, o melhor na visão senequiana e aquele que deve assumir o palácio desocupado, na leitura metafórica de texto de Virgílio.

A invectiva de Sêneca prossegue da seguinte maneira:

Sed Clotho: “Ego, mehercules!” inquit, “pusillum temporis adicere illi uolebam, dum hos pauculos qui supersunt ciuitate donaret:constituerat enim omnes Graecos, Gallos, Hispanos, Britannos togatos uidere. Sed, quoniam placet aliquos peregrinos in semen relinqui et tu ita iubes fieri, fiat.”

Entretanto Cloto diz: “Eu, por Hércules, desejava aumentar um pouquinho a vida dele, até que premiasse aqueles poucos que restam com o direito de cidadania – ele tinha determinado, com efeito, que todos, gregos, gauleses, hispanos, britanos, fossem vistos com a toga. Mas é conveniente que alguns estrangeiros sejam conservados para semente e tu ordenas assim ser feito, então que se faça” (*Apocol. III, 3*).

No fragmento acima, a Parca Cloto utiliza-se de vocabulário do cotidiano (*pusillum/ pauculos*) no diminutivo, que muitas vezes expressa afeição. Entretanto no período e diante das circunstâncias da obra, as palavras sugerem um desprezo pela figura de Cláudio, configurando-se dessa maneira em mais um dado irônico. A passagem apresenta fatos que os historiadores atestam, e não só no governo de Cláudio, mas era uma tendência romana o crescente reconhecimento do escravo como homem. Segundo Jérôme Carcopino, “no começo do Império, certa *lex Petronia* proibiu o senhor de atirar o seu escravo às feras sem a autoridade dum julgamento. Por meados do século I um édito do Imperador Cláudio decidiu a libertação dos escravos doentes abandonados pelo senhor; e, pouco depois, um édito de Nero, redigido, talvez, por instigação de Sêneca, que reivindicara fortemente a qualidade de homens para os escravos, encarregou o Prefeito da Cidade de receber e julgar as queixas que eles apresentassem contra a injustiça dos seus senhores¹⁷²”. Neste mesmo excerto da *Apocolocintose* há uma interpolação do autor, uma espécie de comentário em que Sêneca procura explicar ou relembrar os atos de Cláudio em relação à cidadania.

Interessante observar que, além da cidadania para muitos, Cláudio abriu o senado romano para que homens de outros povos que foram submetidos aos romanos pudessem ser nomeados senadores. Tácito relata isso em *Anais, XI, 24-25: Orationem principis secuto patrum consulto primi Aedui senatorum in urbe ius adepti sunt* (após o discurso do príncipe, os Éduos – com o decreto dos senadores – foram os primeiros que obtiveram, em Roma, o direito de senadores). Entretanto, diferente da idéia que tinha em relação aos escravos, tem-se a impressão de que Sêneca critica a possibilidade de outros, que não romanos, serem senadores. Infere-se que a passagem é uma forma de agradar aos antigos senadores romanos, mostrando de forma crítica e irônica que a ação de Cláudio nesse sentido não era bem-vista também por Sêneca e, talvez, por Nero.

¹⁷² Idem, *ibidem*, p. 80-81.

Nessa linha de raciocínio, Jérôme Carcopino cita: “Até Cláudio, ‘o gabinete’ do imperador (...) foi composto unicamente por escravos. (...) os Senadores do Alto Império tiveram que se inclinar silenciosos e com raiva no coração perante o poder de antigos escravos que, içados de salto alto aos degraus do trono, cumulados de bens e honorarias, como Narciso ou Pallas, dispunham em nome do Príncipe¹⁷³, (...)”.

Na continuação da sátira contra Cláudio o narrador nos fornece a imagem da Parca abrindo sua caixa e revelando-nos as mortes por acontecer.

Aperit tum capsulam et tres fusos profert. Vnus erat Augurini, alter Babae, tertius Claudii. “Hos, inquit, tres uno anno exiguis interuallis temporum diuisos mori iubebo, nec illum incomitatum dimittam. Non oportet enim eum qui modo se tot milia hominum sequentia uidebat, tot praecedentia, tot circumfusa, subito solum destitui. Contentus erit his interim conuictoribus.”

Então ela abre uma caixinha e tira três rolos: um era de Augurino, outro de Baba e o terceiro de Cláudio. “Ordenarei, diz, que esses três, neste ano, morram separados por pequenos intervalos de tempo, para não mandar este sem companhia. Com efeito não convém, de forma súbita, ser deixado sozinho aquele que há pouco via tantos milhares de homens que o seguiam, tantos que o precediam, tantos que o cercavam. Por enquanto, será enterrado com esses companheiros de mesa” (*Apocol. III, 4*).

Ficção e fato se misturam nesta passagem, visto que Baba e Cláudio são conhecidos. Este é o motivo do libelo de Sêneca e aquele é também citado pelo filósofo nas *Cartas a Lucílio*: *Quam tu nunc uitam dici existimas stultam? Babae et Isionis? Non ita est: nostra dicitur* (Tu consideras agora que vida ser dita estulta? A vida de Baba ou de Isião? Nada disso. É da nossa vida que se trata¹⁷⁴). Sobre Augurino, especula-se que seja nome inventado para, comicamente, aludir-se à reforma no alfabeto produzida pelo imperador satirizado, pois as letras iniciais dos nomes dos três – Augurino, Baba, Cláudio – formam ABC.

A derrisão contra Cláudio se fecha neste fragmento analisado quando Cloto, uma das três Parcas, também não deixa por menos ao se referir ao imperador no período:

¹⁷³ Idem, *ibidem*, p. 86-87.

¹⁷⁴ SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, II, 15, 9.

Contentus erit his interim conuictoribus (por enquanto, será enterrado com esses companheiros de mesa). O dito espirituoso, então, reside na comparação e na equiparação por um nível mais baixo entre o imperador e seus companheiros de mesa. Como visto na passagem das *Cartas a Lucílio*, Baba representa um tipo estúpido que não deve ser seguido, identificado portanto com o colega de mesa Cláudio. Além disso, a palavra *babaecalus* tem o significado de tolo, imbecil, idiota nos dicionários, o que nos leva a inferir o jogo de palavras usado por Sêneca com o nome comum e o próprio.

No mesmo trecho III, 4 da *Apocolocintose*, a parca Cloto afirma que não convém deixar Cláudio sozinho de forma abrupta, ele que era seguido, precedido e cercado por milhares de homens. Há na passagem uma alusão irônica a que o imperador era tão rodeado de pessoas devido somente ao cargo exercido.

Em IV, 1, apresenta-se, em um plano que não é o terreno, a morte de Cláudio:

*Haec ait et, turpi conuoluens stamina fuso,
Abrupit stolidae regalia tempora uitae.
At Lachesis, redimita comas, ornata capillos,
Pieria crinem lauro frontemque coronans,
Candida de niueo subtemina uellere sumit,
Felici moderanda manu, quae ducta colorem
Assumpsere nouum. Mirantur pensa sorores:
Mutatur uilis pretioso lana metallo;
Aurea formoso descendunt saecula filo.
Nec modus est illis: felicia uellera ducunt
Et gaudent implere manus; sunt dulcia pensa.
Sponte sua festinat opus nulloque labore
Mollia contorto descendunt stamina fuso:
Vincunt Tithoni, uincunt et Nestoris annos.
Phoebus adest cantuque iuuat gaudetque futuris,
Et laetus nunc plectra mouet, nunc pensa ministrat.
Detinet intentas cantu fallitque laborem;
Dumque nimis citharam fraternaue carmina laudant,
Plus solito neuere manus humanaue fata
Laudatum transcendit opus. "Ne demite, Parcae,
Phoebus ait; uincat mortalis tempora uitae*

*Ille mihi similis uultu similisque decore,
 Nec cantu nec uoce minor. Felicia lassis
 Saecula praestabit legumque silentia rumpet.
 Qualis discutiens fugientia Lucifer astra
 Aut qualis surgit redeuntibus Hesperus astris,
 Qualis, cum primum tenebris Aurora solutis
 Induxit rubicunda diem, Sol aspicit orbem
 Lucidus et primos a carcere concitat axes,
 Talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem
 Aspiciet. Flagrat nitidus fulgore remisso
 Vultus et adfuso ceruix formosa capillo.”*

Assim Cloto disse e, os fios das Parcas no disforme rolo envolvendo, interrompeu os tempos de rei de uma vida insensata. Mas Láquesis, cingindo e enfeitando os cabelos, com o poético louro coroando a cabeleira e a face, toma de uma nívea lã os puros fios para serem temperados por mão feliz, os quais, conduzidos, adquirem cor nova. As irmãs admiram sua lã fiada: muda-se a lã comum em precioso metal, do fio formoso séculos de ouro aproximam-se. E não há limite para elas, que conduzem as favoráveis lãs. E alegram-se em encher as mãos com a lã, doces que são esses deveres. Por sua própria vontade, Láquesis apressa a obra. Sem nenhum esforço, os flexíveis fios saem do emaranhado rolo. Eles em anos excedem os de Titono e de Nestor. E enquanto numerosas vezes louvam a cítara e os fraternos versos, presente está Febo e, com seu canto, auxilia e alegra-se com o que há de acontecer e, satisfeito, ora toca a lira, ora dirige as tarefas. Com seu canto deleita as aplicadas Parcas e alivia o trabalho. Mais habituadas as mãos fiam e os destinos humanos a excelente obra perspassam. “Não lançais nada, ó Parcas, diz Febo, que ele dos mortais exceda o tempo de vida a mim semelhante em rosto e em beleza semelhante, nem em canto nem em voz inferior. Aos desventurados, felizes séculos oferecerá e romperá o silêncio das leis. Como Lúifer dissipando os astros que fogem ou como Héspero levantando-se aos astros que tornam a vir, como a Aurora vermelha quando das trevas dissolvidas conduz o dia, o Sol, radiante, contempla a terra e lança do nascente seus primeiros raios. Tal César está presente, agora

Roma olhará tal Nero. Brilha com límpida honra seu resplandecente rosto, e com o cabelo solto sua bela nuca” (*Apocol.*, IV, 1).

Cloto corta o fio da vida do imperador, metaforizado no disforme rolo e novamente relacionado a um rei em *abruptit stolidae regalia tempora uitae* (interrompeu os tempos de rei de uma vida insensata). Entretanto a importância no excerto em estudo reside no elogio que se faz à figura de Nero, o novo imperador. Em passagem anterior (*Apocol.*, III, 2) o narrador sugere, buscando versos das *Geórgicas*, que o melhor deve ocupar o palácio desocupado. Agora a Parca Láquesis enfeita-se e há todo um preparativo para receber Nero. Observe-se que as palavras do fragmento caracterizam positivamente o jovem imperador: névea lã, puros fios, precioso metal, favoráveis lãs, flexíveis fios, límpida honra, resplandecente rosto.

Toda a passagem *IV, 1* estrutura-se em versos épicos para que assim se tenha o tom próprio e necessário para a grandiosidade esperada e se dê de forma relevante a chegada do novo governante de Roma. O excerto é a saudação e a espera de um novo século de ouro, que é profetizado pela Parca. A mesma estrutura pode se encontrar na *Bucólica IV*, de Virgílio, nesta mistura de gêneros da sátira menipéia e nesta nova relação intertextual feita pela *Apocolocintose*. A respeito do século de ouro, os romanos pensavam que o universo estava submetido a um ritmo regular, periódico. Acreditavam que o fim de uma era de horrores marcava-se por uma anormalidade e tinham a crença também na virtude regeneradora do universo. Dessa forma, a morte de Cláudio marca o fim de uma época de atrocidades e Nero é agraciado como o regente do novo século de ouro para os romanos. Sêneca refere-se, então, ao mito das idades da humanidade, em que da idade do ferro – marcada pela ambição – se chega à idade do ouro – época de tranqüilidade e paz. Este trecho entra em conformidade com o início da *Apocolocintose*, em que no estilo dos historiadores Sêneca diz transmitir aquilo acontecido no céu no início de um século feliz (*Apocol.*, I, 1).

Com o intuito de exaltar a grandiosidade de Nero, há a introdução das figuras míticas de Titono e Nestor, representantes da longevidade e da sabedoria, atributos também agora pertencentes a Nero. Todavia, a ênfase na força de Nero está na associação com Apolo, líder das Parcas ou, de outra forma, aquele que comanda o destino. *Ille mihi similis uultu similisque decore/ Nec cantu nec uoce minor* (a mim semelhante em rosto e em beleza semelhante, nem em canto nem em voz inferior) é o que Sêneca escreve. A relação Nero/Apolo se dá em vários pontos, e Suetônio refere-se

a elas, como em *Nero*, 20, acerca dos dotes musicais de Nero: *Inter ceteras disciplinas pueritiae tempore imbutus et musica* (entre outras disciplinas, na sua infância, se imbuíra da música). Em *Nero*, 53 Suetônio escreve que o próprio Nero se dizia parecido com Apolo: *quia Apollinem cantu, Solem aurigando aequiperare existimaretur (...)* [porque igual a Apolo no canto, ao guiar um carro tinha julgado comparar-se ao Sol...]. Nero acreditava nesta inter-relação e era saudado por seus bajuladores como sendo o próprio Apolo. Ademais se aproveitou, como era praxe desde Júlio César, dessa associação dos romanos com os deuses – história que remonta a Enéias, na Guerra de Tróia – e cunhou moedas em que a identidade com Apolo, entre outros deuses, é nítida. Apolo entre outros atributos era a representação da justiça e da liberdade, daí a personificação Nero/Apolo com o intuito claro de marcar uma nova época para o povo romano. Abaixo uma moeda que circulou em Roma por volta de 60 d.C. que trata dessa associação do governante dos romanos com a divindade referida.



No prosseguir do texto, Sêneca apresenta esta cena:

Haec Apollo. At Lachesis, quae et ipsa homini formosissimo faueret, fecit illud plena manu, et Neroni multos annos de suo donat. Claudium autem iubent omnes χαίροντας, εύφημοῦντας έκπέμπειν δόμων. Et ille quidem animam ebulliit, et ex eo desiit uiuere uideri. Exspirauit autem dum comoedos audit, ut scias me non sine causa illos timere. Vltima uox eius haec inter homines audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua facilius loquebatur: “Vae me! puto concacauit me.” Quod an fecerit nescio. Omnia certe concacauit.

Essas coisas disse Apolo. Mas Láquesis, para que ela mesma favorecesse ao formosíssimo homem, com a mão cheia fez Nero e com muitos anos o brinda. Contrariamente, a Cláudio todos desejam *alegres e entusiastas levá-lo para fora de casa*. E ele, com efeito, morreu e, desde isso, deixou de viver e de ser visto. Expirou, seguramente, enquanto ouvia atores cômicos, para que tu saibas que não é sem motivo que os receio. Este foi o último som ouvido dele entre os homens, quando teria deixado escapar os maiores barulhos daquela parte, com a qual mais facilmente falava: “Ai de mim, creio que me caguei”. Não sei se ele fez isso. O certo é que emporcalhou todas as coisas (*Apocol. IV, 2 - 3*).

No excerto há uma pausa no louvor a Nero e uma nova atenção a Cláudio. Intertextualmente, Sêneca busca um verso de uma tragédia perdida de Eurípides, citada por Cícero nas *Tusculanas* (I, XLVII, 115). Em *Et ille quidem animam ebulliit* (e ele, com efeito, morreu), *animam ebulliit* representa uma expressão popular, presente também em Petrônio: *Homo bellus, tam bonus Chrysanthus animam ebulliit* (homem belo, tão bom o Crisânto, morreu – *Satyricon*, 42, 3) e *In larvam intraui, paene animam ebulliui* (entrei feito um fantasma, quase expirei a alma¹⁷⁵).

No trecho em estudo, a seqüência nos informa da morte de Cláudio, passagem em que Sêneca, de forma irônica e humorística, atribui aos comediantes uma possível causa para a morte do imperador. Não como a causa, mas a presença de atores cômicos é também suscitada por Suetônio, em *Cláudio*, 45: *Mors eius celata est, donec circa successorem omnia ordinarentur. Itaque et quasi pro aegro adhuc uota suscepta sunt et inducti per simulationem comoedi, qui uelut desiderantem oblectarent* (sua morte conservou-se encoberta até que tudo estivesse arranjado, relativamente ao seu sucessor. Assim, fizeram-se súplicas e mais súplicas, como se ele estivesse doente. Histrões foram levados, dissimuladamente, ao palácio para dar a impressão de que ele desejava esse gênero de diversões). Artistas que se aproveitam de outros ou do Estado serão também alvo de Sêneca nesta Sátira.

A última cena de Cláudio na Terra, ou seja, o momento de sua morte, é também tratada com muito espírito jocoso e zombaria. *Vltima uox eius haec inter homines audita est, cum maiorem sonitum emisisset illa parte, qua facilius loquebatur: “Vae me! puto, concacauit me.”* (Este foi o último som ouvido dele entre os homens, quando teria

¹⁷⁵ *Satyricon*, 62, 10.

deixado escapar os maiores barulhos daquela parte, com a qual mais facilmente falava: “Ai de mim, creio que me caguei” – *Apocol. IV, 3.*)

O escárnio em relação à figura do imperador é relatado neste pequeno trecho; Sêneca consegue criar, aí, magistralmente, uma imagem não só visual como também auditiva de Cláudio e das flatulências deste *princeps*, cujo último ato, ou som, está no campo do repugnante e do asco. Além do mais, para dar veracidade à cena, Sêneca usa o discurso direto, isto é, põe na boca do próprio imperador as palavras que suscitam o ridículo. Interessante observar que a passagem *Vae me! puto concacauí me* (ai de mim, creio que me caguei) traz uma estrutura em que a oração do verbo *puto* se liga à oração *concacauí me* sem a conjunção. Entretanto a oração *concacauí me* não apresenta verbo no infinitivo, como habitualmente ocorre. Infere-se desse modo que há na passagem uma estrutura formal, culta, com um vocabulário na esfera do grosseiro e rude. Além disso, Cláudio não defecou simplesmente; Sêneca escreve que o imperador sujou a si mesmo com os próprios excrementos. Essa mesma idéia ligada à matéria fecal encontra-se em Suetônio, que relata o édito – formulado pelo imperador – que permitia soltar gases à mesa de jantar.

Tácito também descreve o momento final de Cláudio; aí então a semelhança com a *Apocolocintose*, no que diz respeito ao som e aos excrementos produzidos pelo imperador, é inegável:

Adeoque cuncta mox pernotuere ut temporum illorum scriptores prodiderint infusum delectabili boleto uenenum,(...) simul soluta aluus subuenisse uidebatur.

De tal forma todas as coisas logo se tornaram públicas que os escritores daquele tempo tenham revelado o veneno vertido em agradável cogumelo, (...). Ao mesmo tempo, uma soltura de ventre parecia ter ocorrido. – (Tácito, *Anais*, XII, 67).

Característica importante da menipéia é a dessacralização do dito formal. Inserir um vocábulo chulo na boca de um imperador caracteriza a linha da violação das normas, das condutas, o campo das declarações inoportunas, em que a palavra desmascara o ambiente, em que o alto e o baixo se mesclam. Outra faceta presente no trecho é a plurissignificação de *concauit*. Além de remeter à matéria fecal, Sêneca

utiliza o vocábulo na acepção de que Cláudio deteriora todas as espécies de relações em Roma, produzindo, com efeito, um governo desprezível.

Inserida entre as particularidades da sátira menipéia está a tripartição Terra – Céu – Inferno. Na seqüência do texto de Sêneca, apresenta-se exatamente o pós-morte de Cláudio e sua conseqüente chegada ao céu:

Quae in terris postea sint acta, superuacuum est referre. Scitis enim optime, nec periculum est ne excidant memoriae quae gaudium publicum impresserit: nemo felicitatis suae obliuiscitur. In caelo quae acta sint audite: fides penes auctorem erit.

Aqueles fatos posteriormente acontecidos na Terra é desnecessário reproduzir. Com efeito, vós os conheceis perfeitamente, nem há risco de que sumam da memória aquelas coisas que a satisfação pública gravou. Ninguém se esquece de sua felicidade. Escutai o que acontecia no céu: a garantia do fato estará em poder de uma autoridade (*Apocol. V,1*).

Da maneira como Sêneca estruturou este trecho, é perceptível o desejo de decantar a figura de Nero, já agraciada de elogios em passagem anterior da *Apocolocintose* (IV, 1). Esse encômio a Nero se faz presente no vocábulo verbal *scitis* (vós conheceis), plural que demonstra a possibilidade de serem muitos os interlocutores que conhecem o novo governante de Roma. Além disso, *nemo felicitatis suae obliuiscitur* (ninguém se esquece de sua felicidade) define e sentencia a feição de Roma pós-Cláudio, onde há um novo século de ouro. O excerto coaduna-se com as idéias apresentadas pelo mesmo Sêneca no *De Clementia*, texto escrito especialmente a Nero: *Sed ingens tibi onus imposuisti; nemo iam diuum Augustum nec Ti. Caesaris prima tempora loquitur nec, quod te imitari uelit, exemplar extra te quaerit; principatus tuus ad gustum exigitur* (Mas tu te impuseste um enorme encargo. Ninguém fala mais do divino Augusto, nem dos primeiros tempos de Tibério César, nem, querendo imitar um modelo, procura outro além do teu: avalia-se o teu principado por esta prova)¹⁷⁶.

Nesta mesma passagem da *Apocolocintose*, o período *in caelo quae acta sint audite: fides penes auctorem erit* (escutai o que acontecia no céu: a garantia do fato

¹⁷⁶ *De Clementia*, op. cit. p. 41.

estará em poder de uma autoridade) relaciona-se com o início deste mesmo libelo contra Cláudio (I, 1), como uma nova introdução, agora para as ações de fato acontecidas no céu. Há nas duas estruturas da *Apocolocintose* (I,1 e V, 1) uma construção simétrica. Aqui, como no início do texto, Sêneca utiliza-se da linguagem dos historiadores e nesse amálgama interpela o leitor, com a nítida intenção de desconstruir o discurso histórico, para desse modo também desconstruir o homem que fora Cláudio. Dessa maneira, o trecho *fides penes auctorem erit* (a garantia do fato estará em poder de uma autoridade) marca a irrisão de Sêneca, pois esta oração é rubrica de textos da História. Salústio, no século anterior a Sêneca, escreve: *Ceterum fides eius rei penes auctores erit* (mas a responsabilidade sobre essa opinião cabe aos seus autores)¹⁷⁷. O próprio Sêneca examina o discurso dos historiadores em sua obra *Quaestiones Naturales* ao citar *aut, quod historici faciunt, et ipse faciam: illi cum multa mentiti sunt ad arbitrium suum, unam aliquam rem nolunt spondere sed adiciunt: "Penes auctores fides erit* (ou então, porque historiadores fazem, eu próprio farei: aqueles, quando mentiram conforme a própria vontade, não querem ficar fiador de alguma coisa, mas acrescentam: ‘a garantia do fato estará em poder das autoridades’)¹⁷⁸.

O texto prossegue com Cláudio, portanto, no céu. Sêneca assim reporta-nos o acontecimento:

Nuntiatur Ioui uenisse quendam bonae staturae, bene canum; nescio quid illum minari, assidue enim caput mouere; pedem dextrum trahere. Quaesisse se, cuius nationis esset: respondisse nescio quid perturbato sono et uoce confusa. Non intellegere se linguam eius: nec Graecum esse nec Romanum, nec ullius gentis notae.

Anuncia-se a Júpiter que alguém de boa estatura, bem virtuoso, chegou; ignoro o que profere, pois incessantemente move a cabeça e arrasta o pé direito. Perguntaram-lhe de que nação era. Respondeu não sei o que com estrondoso ruído e confusa voz. Não se compreende a língua dele, não é Grego, nem Romano, nem de algum povo conhecido (*Apocol. V,2*).

¹⁷⁷ *A guerra de Jugurta*. Editora Vozes, p. 149. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça.

¹⁷⁸ *Quaestiones Naturales*, IV, 3, 1.

O fragmento ora estudado inicia-se com duas indefinições. A primeira diz respeito a quem faz o anúncio da chegada de Cláudio aos céus. Sabe-se que Mercúrio tem essa função de mensageiro e de condutor, mas não pode ser ele quem leva Cláudio ao céu justamente por causa da relação do governante de Roma com o comércio, área de proteção de Mercúrio/ Hermes¹⁷⁹. Se não é Mercúrio o encarregado da missão e observada a estrutura da *Apocolocintose*, Sêneca brinca com a possibilidade de o trabalho de levar Cláudio aos céus ter sido desempenhado por um bajulador que não se identifica à suposta autoridade que relata estes acontecimentos. Isso já é uma insinuação prévia de que este trabalho de Cláudio ir para os céus e se transformar em deus será perdido. A segunda indefinição no trecho diz respeito a quem chega ao céu. Não se nomeia Cláudio, mas se indica *uenisse quendam bonae staturae, bene canum* (que alguém de boa estatura, bem virtuoso, chegou). Esta indeterminação (*quendam* – alguém) a respeito de Cláudio é outro requinte de derrisão de Sêneca para com o *princeps* de Roma. Se não se sabe quem chegou, é porque não era esperado alguém ali no céu para se tornar divino. Portanto contra todas as possibilidades e expectativas dos deuses, Cláudio tomou o caminho celestial ao passo que deveria seguir para o inferno. O restante do excerto apresenta uma identificação com o que Suetônio descreve de Cláudio: boa estatura, o arrastar de um pé¹⁸⁰. Sêneca faz, assim, uma descrição de Cláudio para que não restem dúvidas de quem chegara ao céu, como a alusão à marca indelével deste *princeps*, que era a deficiência na perna: *pedem dextrum trahere* (arrasta o pé direito). Rememore-se que esta mesma alusão a este defeito de Cláudio já aparecera quando Sêneca estabelece uma relação com a passagem da *Eneida*¹⁸¹.

Outro relato no excerto, que encontra correspondência no texto histórico de Suetônio, é em relação aos ruídos de Cláudio que se parecem com uma língua. Em Sêneca encontramos: *Respondisse nescio quid perturbato sono et uoce confusa. Non intellegere se linguam eius: nec Graecum esse nec Romanum, nec ullius gentis notae* (Respondeu não sei o que com estrondoso ruído e confusa voz. Não se compreende a língua dele, não é Grego, nem Romano, nem de algum povo conhecido). Segundo Suetônio, Augusto escreveu algumas cartas que dizem respeito ao jovem Cláudio e em um delas faz referência à pronúncia deste: *Tiberium nepotem tuum placere mihi declamantem potuisse, peream nisi, mea Liuia, admiror. Nam qui tam ἀσαφής*

¹⁷⁹ Cf. nota 33.

¹⁸⁰ Suetônio, *Cláudio*, 30.

¹⁸¹ *Apocolocintose*, I, 2 e *Eneida*, II, 724.

loquatur, qui possit cum declamat σαφής dicere quae dicenda sunt, non uideo. (Teu neto Tibério /Cláudio/ pôde encantar-me com sua declamação, minha Lívvia, e que eu morra se isso não me causou admiração. Com efeito não vejo de que maneira ele, que tão obscuramente fala, poderia, quando declama, dizer claramente as coisas que devem ser ditas.)¹⁸²

Na continuação da *Apocolocintose do divino Cláudio*, Sêneca assim escreve:

Tum Iuppiter Herculem, qui totum orbem terrarum pererrauerat et nosse uidebatur omnes nationes, iubet ire et explorare quorum hominum esset. Tum Hercules primo aspectu sane perturbatus est, ut qui etiam non omnia monstra timuerit: ut uidit noui generis faciem, insolitum incessum, uocem nullius terrestris animalis, sed, qualis esse marinis beluis solet, raucam et implicatam, putauit sibi tertium decimum laborem uenisse.

Então Júpiter ordena a Hércules, que tinha percorrido todo o orbe da Terra e parecia ter conhecido todas as nações, ir e verificar de que gênero humano Cláudio seria. Então, com um primeiro olhar, Hércules inteiramente se perturba, como quem não teria também temido todos os monstros. Quando Hércules viu a aparência da nova espécie, com passos desiguais, ouviu uma voz que não era de nenhum animal terrestre, mas era tal qual a que está habituado a ouvir de animais marinhos, retumbante e inarticulada, pensou que havia chegado o seu décimo terceiro trabalho. (*Apocol. V, 3*)

A idéia da monstruosidade de Cláudio continua na passagem acima, e aqui se insere outro elemento cômico com a figura lendária de Hércules. Como os sons articulados por Cláudio são indecifráveis, alguém que conhece toda a terra como Hércules deverá ser capaz de entender o imperador morto. Além do mais, habilmente Sêneca vai decompondo no trecho a imagem humana de Cláudio, em uma gradação que chega ao fim de forma irônica e humorística. Essa desconstrução começa por Hércules tentar perceber em que tipo humano Cláudio se encaixaria (*quorum hominum esset* – de que gênero humano Cláudio seria). A seguir, o herói mitológico desorienta-se com a possibilidade de, à frente, ter um monstro (*omnia monstra timuerit* – teria temido todos

¹⁸² Suetônio, *Cláudio*, 4.

os monstros). Neste mesmo estudo¹⁸³, analisamos que a própria mãe de Cláudio o considerava um monstro e, assim, Sêneca refere-se na passagem, portanto, não só à aparência física, mas também – deduz-se – às monstruosidades das ações governamentais de Cláudio. Depois, para completar a pintura do governante morto, Sêneca atribui a característica de nova espécie (*noui generis*) de animal a Cláudio e, insistentemente, reforça a deficiência no andar e a inarticulação sonora de Cláudio. Toda essa caracterização segue, então, numa gradação que fornece uma imagem ao leitor de um aspecto espantoso, de uma anomalia. Ironia, humor e deboche entremeiam-se na finalização do excerto, ao configurar-se o desespero de Hércules para a possibilidade de mais um novo e diferente trabalho.

Neste mesmo fragmento da *Apocolocintose*, Sêneca compara os sons produzidos por Cláudio aos de um animal marinho (*uocem nullius terrestris animalis, sed, qualis esse marinis beluis solet* – ouviu uma voz que não era de nenhum animal terrestre, mas era tal qual a que está habituado a ouvir de animais marinhos). Juvenal, autor de sátiras nascido entre 50 e 60 d.C. e morto por volta do ano 135, afirmava em suas sátiras que se referia aos mortos porque seria perigoso “meter-se com os vivos e inflige, por conseguinte, à hipocrisia dos contemporâneos a mais dura lição¹⁸⁴”. Dessa forma, em diversas sátiras há referências à vida desregrada de uma Roma de um período um pouco anterior, e sobre isso Juvenal escreve: *conuicia mandrae eripient somnum Druso uitulisque marinis*¹⁸⁵ (os gritos da estrebaria arrancarão o sono de Druso e dos animais marinhos). Druso era o sobrenome da família Claudiana, e neste fragmento de Juvenal vislumbra-se uma relação especial com a *Apocolocintose*, numa sutil referência não só à família, mas também ao imperador Cláudio especificamente, devido a sua dificuldade de expressão.

O texto prossegue no céu com o herói Hércules e Cláudio dialogando:

Diligentius intuenti uisus est quasi homo. Accessit itaque et, quod facillimum fuit Graeculo, ait: Τίς πόθεν εἶς ἀνδρῶν ; πόθι τοὶ πόλις ἡδὲ τοκῆες ; Claudius gaudet esse illic philologos homines: sperat futurum aliquem Historiis suis locum. Itaque, et ipse homerico uersu Caesarem se esse significans, ait: Ἰλιόθεν

¹⁸³ Cf. nota 165.

¹⁸⁴ *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore. Fundação Calouste Gulbenkian, p. 761.

¹⁸⁵ *Sátira III*, 237-238.

με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλσσειν. Erat autem sequens uersus uerior, aequae homericus: "Ἐνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς.

Ao examiná-lo com mais atenção, o aspecto pareceu ser de quase um homem. Desse modo, aproximou-se dele e – aquilo foi muito fácil para um greguinho – disse: *Τίς πόθεν εἶς ἀνδρῶν; πόθι τοὶ πόλις ἡδὲ τοκῆες;* (Quem és? De que país vens? Onde estão tua cidade e teus pais?) Cláudio alegre-se de ali haver homens eruditos e tem esperança de que deverá existir algum lugar para suas histórias. Assim, ele mesmo, para parecer um César que exprime bem em verso homérico, disse: *Ἰλιόθεν με φέρων ἄνεμος Κικόνεσσι πέλσσειν* (o vento, afastando-me de Ílio, impeliu-me aos Cíconos). Entretanto, o verso seguinte era mais correto, e igualmente homérico: *"Ἐνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς* (lá eu saqueei a cidade e destruí os defensores). (*Apocol. V, 4*)

Depois da gradação comparativa em que Cláudio é destituído de qualquer humanidade, o excerto ora analisado apresenta inicialmente o desprezo na representação de que o *princeps* seja quase um homem. Na mesma linha do desdém, a figura de Hércules passa também a ser ridicularizada. O diminutivo em *quod facillimum fuit Graeculo* (aquilo foi muito fácil para um greguinho) satiriza e deprecia o herói mitológico, apresentado então com aspectos pejorativos. Entre outros autores¹⁸⁶, Juvenal também se utiliza do termo *graeculo* para rebaixar os gregos: *ingenium uelox, audacia perdita, sermo/ promptus et Isaeo torrentior: ede quid illum/ esse putes. quemuis hominem secum attulit ad nos:/ grammaticus, rhetor, geometres, pictor, aliptes,/ augur, schoenobates, medicus, magus, omnia nouit/ Graeculus esuriens: in caelum iusseris ibit*¹⁸⁷ (inteligência viva, audácia atrevida, palavra rápida e mais arrasadora do que a de Iseu. Sabes tu do que não é capaz um grego? Cada um deles sabe fazer de tudo: é gramático, retor, geômetra, pintor, massagista, adivinho, acrobata, médico, feiticeiro; sabe tudo, este greguinho faminto; ele irá ao céu, se tu o mandares). O elemento fantástico – característica da sátira menipéa – torna-se evidente não só pela ação se passar no céu, como também pela mistura do fantasioso com o concreto, da total ficção contracenando com alguém que fizera parte do mundo dos homens.

¹⁸⁶ Por exemplo Cícero, nas *Tusculanas I, 86* e no *De Oratore I, 102*.

¹⁸⁷ *Sátira III, 73-78*.

Além dessa característica da menipéia, encontra-se neste excerto o aproveitamento de versos da *Odisséia*, em que Homero utiliza-se dessa fórmula algumas vezes para que uma personagem pergunte a outra de onde esta se origina. Sêneca parodia o estilo da épica ao introduzir com intenção humorística os versos homéricos. A imaginação mescla-se à realidade mais uma vez apesar da ironia quando Sêneca introduz mais dados da vida de Cláudio. Neste caso, as informações aqui ironizadas a respeito de Cláudio também se encontram em Suetônio, que relata Cláudio ter escrito vinte livros que incluem a história dos Etruscos, dos Cartagineses – em grego – e dos Romanos. Toda essa erudição de Cláudio é reprovada na *Apocolocintose*, contrapondo essa vasta cultura à inabilidade de governar Roma. O intelectual que foi Sêneca critica o saber pelo saber, o saber que não produz boas obras, que não converte o conhecimento em prol dos homens. Em outras obras, o mesmo Sêneca critica a erudição literária: *Nam de illis nemo dubitabit quin operose nihil agant, qui litterarum inutilium studiis detinentur, quae iam apud Romanos quoque magna manus est. Graecorum iste morbus fuit quaerere quem numerum Ulixes remigum habuisset, prior scripta esset Ilias an Odyssea, praeterea an eiusdem esset auctoris, alia deinceps huius notae, quae siue contineas nihil tacitam conscientiam iuuant, siue proferas non doctior uidearis sed molestior* (Pois ninguém duvidará que muito se fatigam sem nada obrar, os que se prendem a inúteis questões de literatura – e eles já são multidão entre os romanos! Foi um vício dos gregos investigar quantos remadores teve Ulisses, se a *Íliada* ou a *Odisséia* foi escrita primeiro e, além disso, se eram de um mesmo autor, e outros conhecimentos dessa espécie, que, se os publicas, não serás tido por mais douto, mas por mais enfadonho)¹⁸⁸.

Neste mesmo trecho analisado, a continuação apresenta também versos de Homero, mas Sêneca faz uma correção àquilo dito por Cláudio e introduz outro verso homérico, subvertendo seu sentido: *Ἐνθα δ' ἐγὼ πόλιν ἔπραθον, ὤλεσα δ' αὐτούς* (lá eu saqueei a cidade e destruí os defensores). Neste caso, o termo *lá* adquire o sentido de ser a cidade de Roma, proporcionando ao leitor a idéia de que Cláudio saqueara e destruía a própria Roma, com um governo píffio.

O próximo parágrafo da *Apocolocintose* introduz Febre, divindade muito temida em Roma pela permanente umidade nos entornos daquela região, provocando doenças¹⁸⁹. A presença de Febre é importante por aludir às várias moléstias que

¹⁸⁸ *De breuitate uitae*, XIII, 1-2. Editora Nova Alexandria, p. 43. Tradução de William Li.

¹⁸⁹ Cf. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal, p. 167.

acometeram Cláudio durante sua vida¹⁹⁰ e por, devido à importância da divindade, afiançar os dizeres contra o *princeps* morto:

Et imposuerat Herculi minime uafro, nisi fuisset illic Febris, quae, fano suo relicto, sola cum illo uenerat; ceteros omnes deos Romae reliquerat. “Iste” inquit “mera mendacia narrat. Ego tibi dico, quae cum illo tot annis uixi: Luguduni natus est. Munatii municipem uides. Quod tibi narro, ad sextum decimum lapidem natus est a Vienna, Gallus germanus. Itaque, quod Gallum facere oportebat, Romam cepit. Hunc ego tibi recipio Luguduni natum, ubi Licinus multis annis regnauit. Tu autem, qui plura loca calcasti quam ullus mulio perpetuarius, Lugudunenses scire debes et multa milia inter Xanthum et Rhodanum interesse.”

E Cláudio havia enganado Hércules, de modo algum esperto, entretanto estava ali Febre, a única que, abandonando seu templo, tinha vindo com ele. Todos os outros deuses, Cláudio tinha-os deixado em Roma. “Este, diz Febre a Hércules, conta vulgares mentiras. Eu digo a ti, eu que vivi numerosos anos com ele: nascido em Lugduno, vês um cidadão de Munácio. Nascido a dezesseis milhas de Viena, o que eu te conto é que ele é um Galo genuíno. Desse modo, apossou-se de Roma, que era dever de um Galo fazer. A ti, eu garanto que este nasceu em Lugduno, onde Licino reinou por muitos anos. Tu, todavia, que percorreste mais caminhos que algum muleiro em ação, deves conhecer os cidadãos de Lugduno e deves saber que o Xanto e o Ródano estão entre muitas milhas.” (*Apocol. VI,1*)

Outro dado interessante do fragmento é novamente a explícita crítica à divinização de Cláudio, já que *ceteros omnes deos Romae reliquerat* (todos os outros deuses, Cláudio tinha-os deixado em Roma). Nesse mesmo trecho, a ironia se faz na informação de Cláudio ter deixado os deuses em Roma, numa sugestão de que os deuses é que abandonaram o *princeps* morto. Formula-se aqui um contraponto interessante com a passagem IV da mesma *Apocolocintose* (*talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem* – tal César está presente, agora Roma olhará tal Nero), já que os deuses continuam em Roma e agora acompanham o novo governante. Febre é importante não só como uma

¹⁹⁰ Cf. Suetônio, *Cláudio 2*.

personagem que acompanha eternamente Cláudio, mas também como uma divindade autenticamente romana que relata ao leitor – neste momento travestido de Hércules – que uma pretensa divinização do *princeps* seria uma afronta à própria Roma. Ademais, o templo de Febre em Roma ficava ao lado do palácio de Cláudio, e isso confere ao texto uma fração de humor, visto que Febre estava, portanto, sempre ao lado de Cláudio literalmente. Cícero, por exemplo, cita: *Febris enim fanum in Palatio et Orbonae ad aedem Larum et aram Malae Fortunae Esquilii consecratam uidemus*¹⁹¹ (com efeito, vemos o templo de Febre no Palatino, e de Orbona junto ao templo de Lares e o altar consagrado das más fortunas no monte Esquilino). Como Febre estava sempre com o *princeps*, há aqui uma nova alusão ao estado febril de Cláudio no momento de sua morte¹⁹².

No mesmo excerto, Sêneca enfatiza a depreciação de Cláudio com a expressão *mera mendacia* (“*iste*” *inquit* “*mera mendacia narrat*” – este, diz Febre a Hércules, conta vulgares mentiras), comum em diversos autores desta época da literatura latina. Por exemplo, Marcial, autor epigramista do final do primeiro século depois de Cristo, escreve: *Gentibus in Libycis uxor tua, Galle, male audit/ inmodicae foedo crimine auaritiae./ Sed mera narrantur mendacia: non solet illa/ accipere omnino. Quid solet ergo? Dare.*¹⁹³ (Tua mulher, Galo, tem má fama entre as gentes da Líbia, devido à acusação de avareza desmedida. Mas vulgares mentiras são contadas: ela não costuma receber tudo. Que costuma então? Dar.) O fragmento da *Apocolocintose* analisado prossegue e informa-nos detalhadamente as origens de Cláudio, para que não existam dúvidas a respeito de quem Febre fala. Dados históricos também são inseridos nesta parte da *Apocolocintose*, lembrando ao leitor da época que Roma já havia sido submetida aos Gauleses, região em que Cláudio nascera: *Itaque, quod Gallum facere oportebat, Romam cepit* (Desse modo, apossou-se de Roma, que era dever de um Galo fazer)¹⁹⁴. Sêneca procura associar Cláudio também a Licino (*Hunc ego tibi recipio Luguduni natum, ubi Licinus multis annis regnavit* – A ti, eu garanto que este nasceu em Lugduno, onde Licino reinou por muitos anos), procurador tirânico nomeado em

¹⁹¹ *De Natura Deorum*, 3, 63. O mesmo Cícero faz outra citação em *De Legibus*, 2, 28 e Plínio, o velho, cita também em *Naturalis Historia*, 2, 15-16.

¹⁹² Suetônio (*Cláudio*, 44) e Tácito (*Anais*, XII, 67) também relatam a morte de Cláudio.

¹⁹³ Marcial, *Epigramas*, II, 56.

¹⁹⁴ Nos *Anais*, XI, 24, Tácito reproduz um possível discurso de Cláudio em que o *princeps* diz: *capti a Gallis sumus* (fomos conquistados pelos Galos).

Lugduno por Augusto¹⁹⁵. Assim, o fragmento apresenta uma visão histórica das origens de Cláudio e se encerra também com escárnio a Hércules.

Em VI, 2, Sêneca continua sua saga contra Cláudio da seguinte maneira:

Excandescit hoc loco Claudius et quanto potest murmure irascitur. Quid diceret nemo intellegebat; ille autem Febrim duci iubebat, illo gestu solutae manus, et ad hoc unum satis firmæ, quo decollare homines solebat. Iusserat illi collum praecidi: putares omnes illius esse libertos, adeo illum nemo curabat.

Cláudio irrita-se com esta situação e, o quanto pode com sons inarticulados, encoleriza-se. Aquilo que dissesse ninguém compreendia. Todavia ele ordenava que Febre fosse levada dali, com aquele gesto de mão frouxa, mas somente para isto bastante firme: porque estava habituado a degolar homens. Ele tinha decretado cortar o pescoço de outros: tu considerarias que todos fossem libertos dele, mas até o momento ninguém se importou com ele. (*Apocol. VI, 2*)

A irritabilidade de Cláudio marca a passagem e nela Sêneca alude ao que Suetônio¹⁹⁶ também escreve anos depois a respeito do imperador: a predisposição à raiva e ao ressentimento. No excerto, Cláudio tenta usar de sua autoridade para expulsar Febre dali, mas em relação a ela Cláudio sempre foi o refém. Ainda no trecho, a ironia e o deboche se fazem presentes na caracterização da mão frouxa do *princeps* e da sua subserviência aos libertos e secretários, bem como às esposas que o imperador tivera. Suetônio¹⁹⁷, de novo, ratifica a informação e relata que Cláudio exercera mais o papel de um servo do que propriamente de um governante de Roma. Neste trecho há uma antecipação do desejo de Sêneca em relação ao *princeps* morto e daquilo que será narrado no inferno – parte final desta sátira –: Cláudio transformado em um brinquedo, um escravo de um escravo.

Após isso, Sêneca relata:

Tum Hercules: “Audi me” inquit “tu desine fatuari. Venisti huc ubi mures ferrum rodunt. Citius mihi uerum, ne tibi alogias excutiam!”

¹⁹⁵ Cf. Dion Cássio (*LIV, 21*), Sêneca (*Cartas a Lucílio, XX, 119*) e Marcial (*Epigramas, VIII, 3*).

¹⁹⁶ Cláudio, 38.

¹⁹⁷ Idem, 25.

Então Hércules disse: “Escuta-me. Cessa tu de falar em excesso. Vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro. A verdade mais depressa para mim, para que eu não arranque de ti tolices.” (*Apocol.* VII, 1)

Hércules, na passagem, corta abruptamente Cláudio, de forma intimidativa numa referência a que as pretensões de Cláudio ali no céu não serão realizadas ao gosto do *princeps*, mas – ao contrário – ele pode encontrar mais dificuldades do que o esperado. Além disso, muito importante é o trecho *uenisti huc ubi mures ferrum rodunt* (tu vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro). Essa máxima do povo romano ganha especial significado, de forma que o leitor pode pressupor que a intenção senequiana é estabelecer diferenças entre o mundo em que Cláudio vivia e o mundo em que ele se encontra. No céu, os ratos roem o ferro, ou seja, os ratos não agem da mesma forma que na Terra, numa alusão ao que poderia ocorrer e ser praxe na corte de Cláudio. Sêneca faz referência também, com o provérbio romano, à ilha Gyara, que serviu de prisão para muitos sob o Império Romano. Plínio relata sobre essa região da seguinte forma: (...) *in Gyara insula, cum incolae fugaverint, ferrum quoque rosisse eos*¹⁹⁸ [(...) quando /romanos/ teriam afugentado os habitantes na ilha Gyara, e da mesma forma o ferro tê-los roído]. Dessa maneira, há uma ameaça velada a Cláudio na forma de exilá-lo nessa ilha, tão conhecida que era dos romanos¹⁹⁹.

A seqüência da *Apocolocintose* apresenta Hércules imitando a poesia trágica. Claramente com intenções parodísticas, a estrutura do excerto corresponde às características da sátira menipéia no que tange as relações intertextuais compreenderem também a imitação cômica de outra composição ou estilo literário. Eis o trecho:

Et, quo terribilior esset, tragicus fit et ait:
“Exprobre propere sede qua genitus cluas,
Hoc ne peremptus stipite ad terram accidas:
Haec claua reges saepe mactauit feros.
Quid nunc profatu uocis incerto sonas?
Quae patria, quae gens mobile eduxit caput?
Edissere. Equidem regna tergemini petens

¹⁹⁸ *Naturalis Historia*, VIII, 222.

¹⁹⁹ Juvenal (*Sátiras*, I, 173) e Tácito (*Anais*) referem-se também à ilha Gyara.

*Longinqua regis, unde ab Hesperio mari
 Inachiam ad urbem nobile aduexi pecus,
 Vidi duobus imminens fluuuis iugum,
 Quod Phoebus ortu semper obuerso uidet,
 Vbi Rhodanus ingens amne praerapido fluit
 Ararque, dubitans quo suos cursus agat,
 Tacitus quietis adluit ripas uadis:
 Estne illa tellus spiritus altrix tui?”*

E para que ficasse mais pavoroso, /Hércules/ se faz trágico e diz: “Revela depressa em que cidade tu, gerado, serias famoso, isso para que não caias aniquilado sobre a terra por meu bastão. Esta clava bravios reis muitas vezes destroçou. O que de tua voz, com a pronúncia vacilante, murmuras agora? Que pátria, que região produziu volúvel indivíduo? Explica-te bem. Quanto a mim, atacando dos três reis os longínquos reinos, de onde, do mar Hespérico, trouxe para a cidade de Argos um conhecido rebanho, vi próxima de dois rios uma cadeia de montanhas que Febo vê sempre em oposição ao nascer. Flui o Ródano extenso em corrente muito veloz; e o Arar, que hesita para onde leve seu curso, banha silencioso com ondas mansas as margens. É nutriz de teu espírito aquela terra?” (*Apocol.*, VII, 1-2).

Em nossa tradução para esta pesquisa, optamos pela prosa. Entretanto o texto de Sêneca utiliza-se de versos da poesia dramática, como os iâmbicos senários²⁰⁰, e de elementos que constam do estilo da tragédia. A paródia e o humor presentes no trecho se realizam na maestria de Sêneca propor que Hércules vá enfrentar um monstro, como na literatura em que o herói grego encarou seus pesados trabalhos, e não enfrentar *reges* (reis), citado ironicamente no terceiro verso da paródia. Entretanto o monstro a ser enfrentado por Hércules é aqui o *princeps* morto, e Sêneca volta ao que já expusera em V, 4-5. No excerto ora analisado, Sêneca escreve utilizando-se de palavras e expressões que se ligam à poesia dos chamados gêneros sérios. O mesmo Sêneca, em *Hercules Furens*, redige sua tragédia compondo-a com uma estrutura que se aproxima da *Apocolocintose*. Dois trechos comparáveis de *Hercules Furens* com a *Apocolocintose*:

²⁰⁰ Na poesia grega e na latina, iambo é pé de verso constituído de uma sílaba breve e outra longa. Senário é o verso latino composto de seis pés iâmbicos.

Humana telis, impiam regis feri (verso 518) com *Haec claua reges saepe mactauit feros; nunquid Hesperii maris* (verso 1140) com *unde ab Hesperio mari*. Outra referência no fragmento está na relação a Ínaco (*Inacham ad urbem nobile aduexi pecus*), da mesma forma citado por Vígílio na *Eneida*²⁰¹.

Além das relações com outros textos, Sêneca continua no excerto a depreciação contra Cláudio. O autor rememora a deficiência que Cláudio apresentava na fala no período *quid nunc profatu uocis incerto sonas?* (o que de tua voz, com a pronúncia vacilante, murmuras agora?). Críticas a Cláudio continuam também no alusivo desdém às origens de Cláudio em *quae patria, quae gens mobile eduxit caput?* (que pátria, que região produziu volúvel indivíduo?). Sêneca, no feitiço de sua sátira ao morto, volta constantemente às descrições do *princeps* para que a imagem de um governante monstruoso se consolide para o leitor. Desse modo, Sêneca, ao inserir no texto exatamente o décimo trabalho de Hércules, deixa entrever a associação do monstro Gerion com a forma de Cláudio, pois o herói, com o cinismo de Sêneca, questiona Cláudio se ele seria da mesma região da figura horrenda do décimo trabalho: *Estne illa tellus spiritus altrix tui?* (É nutriz de teu espírito aquela terra?).

Terminado o canto trágico de Hércules, novamente o narrador volta a conduzir a história:

Haec satis animose et fortiter; nihilo minus mentis suae non est et timet μωροῦ πληγήν. Claudius, ut uidit uirum ualentem, oblitus nugarum, intellexit neminem Romae sibi parem fuisse, illic non habere se idem gratiae: gallum in suo sterquilino plurimum posse.

Hércules diz essas coisas com bastante vigor e coragem, todavia não está em seu juízo perfeito e teme *μωροῦ πληγήν* (um golpe do estúpido). Quando viu aquele valente homem, Cláudio compreendeu, esquecido das frivolidades, que ninguém em Roma foi semelhante a ele próprio, mas ele mesmo ali não possuía o reconhecimento: um galo pode muito em seu monte de esterco (*Apocol.*, VII, 3).

²⁰¹ *Eneida*, VII, 792. Para a lenda de Ínaco, cf. Pierre Grimal e seu *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, p. 250.

O fragmento confirma a paródia à tragicidade de Hércules ao fazer a alusão à tragédia *Hercules Furens* neste trecho da *Apocolocintose*: *nihilo minus mentis suae non est* (todavia não está em seu juízo perfeito). É particularmente interessante nessa passagem a antecipação do possível motivo de Hércules em apoiar a divinização de Cláudio. Além de constar da mitologia do Herói, o tragediógrafo grego Eurípedes (485 – 406, provavelmente) escreveu uma peça e o próprio Sêneca reelaborou a obra teatral em que um usurpador mata o sogro do herói e está a ponto de matar também os filhos, o pai e a esposa quando Hércules retorna e salva-os. Entretanto Hércules tem um acesso de loucura e mata a esposa e os filhos. É esse entrelaçamento que faz Sêneca no trecho da *Apocolocintose* com a tragédia e a mitologia, em mais uma característica da sátira menipéia.

Como a intenção primeira é dessacralizar Cláudio, Sêneca altera humoristicamente uma passagem da *Ilíada* (XVI, 816) – em que Pátroclo está abatido pelo golpe do deus – para a expressão *μωροῦ πληγῆν* (golpe do estúpido) em uma clara referência a que Cláudio seja um tolo e não possa ser um deus. E como não pode ser deus, no trecho em destaque há uma primeira percepção do *princeps* sobre sua condição no céu: *gallum in suo sterquilino plurimum posse* (um galo pode muito em seu monte de esterco). No trocadilho com a palavra *gallum* proposto magistralmente por Sêneca, ao mesmo tempo em que rebaixa a condição de Cláudio, o autor faz alusão à ascendência do imperador, faz uma referência à origem de Cláudio. Ainda há no período citado uma clara menção de como Roma foi deixada por Cláudio na visão senequiana. Outro dado que presentifica a sátira menipéia no fragmento estudado é o retorno de expressões populares. Na passagem anterior, em que Hércules fez seu canto trágico, Sêneca utilizou-se de palavras e expressões de gêneros grandiosos, e agora já introduz uma expressão popular com *oblitus nugarum* (esquecido das frivolidades), que também se encontra, por exemplo, em Petrônio²⁰². Portanto, a aproximação de gêneros elevados e baixos faz do texto inegavelmente uma sátira menipéia, em que a derrição também passa pela estrutura lingüística do texto. Além das referências externas, o encadeamento de idéias proporciona ao leitor uma visão geral e completa da zombaria contra Cláudio, como na retomada da passagem *uenisti huc ubi mures ferrum rodunt* (tu vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro – *Apocol.*, VII, 1), no entendimento de Cláudio neste excerto estudado da *Apocolocintose* (VII, 3) de que ali ele não possuía o

²⁰² *Satyricon*, LXXI e CXXXVI.

reconhecimento (*illic non habere se idem gratiae*). Outra passagem retomada está em um dos sentidos provocados pelo ablativo *sterquilino* (de *sterquilinium*, esterco), que faz o leitor se direcionar para a narração dos últimos instantes de vida de Cláudio, quando Sêneca escreve: *Omnia certe concacavit* (o certo é que emporcalhou todas as coisas – IV, 3).

Para fechar o capítulo VII, o narrador assim escreve:

Itaque, quantum intellegi potuit, haec uisus est dicere: Ego te, fortissime deorum Hercule, speravi mihi adfuturum apud alios, et, si qui a me notorem petisset, te fui nominaturus, qui me optime nosti. Nam, si memoria repetis, ego eram qui tibi ante templum tuum ius dicebam totis diebus mense Iulio et Augusto. Tu scis quantum illic miseriarum tulerim, cum causidicos audirem diem et noctem, in quos si incidisses, ualde fortis licet tibi uidearis, maluisses cloacas Augeae purgare: multo plus ego stercoris exhausti. Sed quoniam uolo...

Assim, do quanto pôde ser entendido, pareceu dizer estas coisas: “Eu tinha esperanças em ti, ó Hércules, o mais forte dos deuses, que eu estaria presente junto aos outros, e se alguém me tivesse pedido com insistência um avalista, eu te favoreceria devendo nomear a ti, que me conhecestes muito bem. Pois se voltas à memória, eu era aquele que diante de teu templo consagrava para ti a justiça o dia inteiro nos meses de julho e agosto. Tu sabes o quanto ali eu suportara de misérias, quando dia e noite ouvia advogados. Se tivesses caído no meio deles, sem dúvida ainda que pareças corajoso, terias preferido limpar os esgotos de Augia. Eu tirei para fora muito mais esterco. Mas já que desejo.....” (*Apocol.*, VII, 4).

O narrador da *Apocolocintose* continua a jornada de escárnio contra Cláudio e na passagem, em seu início, há novamente uma relação com outro trecho, em que se caracterizam e se criticam os sons emitidos por Cláudio. Em VI, 2, Sêneca havia escrito *respondisse nescio quid perturbato sono et uoce confusa* (respondeu não sei o que com estrondoso ruído e confusa voz) e agora volta à cena um dos defeitos do *princeps* morto em *itaque, quantum intellegi potuit, haec uisus est dicere* (assim, do quanto pôde ser entendido, pareceu dizer estas coisas). A insistência em desvelar a incapacidade de expressão de Cláudio é reforçada com o verbo *uisus est*, traduzido por ‘pareceu’. Dados

que no fragmento são informados pela boca de Cláudio também foram reportados pelo historiador Suetônio: *ius et consul et extra honorem laboriosissime dixit, etiam suis suorumque diebus sollemnibus, nonnumquam festis quoque antiquitus et religiosus*²⁰³ ([Cláudio] exerceu a justiça com muito zelo, mesmo durante os dias solenes para si e para os seus e, muitas vezes, mesmo durante as festas e as cerimônias que remontavam à mais alta antigüidade).

Dessa forma, Cláudio começa a convencer Hércules da possibilidade de divinização do *princeps* de Roma. Lembremos que Hércules não estava em seu juízo normal, como informado pelo narrador na passagem anterior (VII, 3). Cláudio discursa para Hércules e no excerto há referência pejorativa aos defensores da justiça com a palavra *causidicus* (advogado). Suetônio descreve também a convivência de Cláudio com os advogados: *Adeo causidicos patientia eius solitos abuti, ut discedentem e tribunali non solum uoce reuocarent, sed et lacinia togae retenta, interdum pede apprehenso detinerent*²⁰⁴ (quando ele descia do tribunal, advogados abusavam da paciência dele, não somente com interpelações, mas ainda o retinham, segurando por uma ponta da toga e, às vezes, até mesmo pela própria perna). Portanto, Sêneca parodia aquilo que Cláudio costumava fazer e nesta zombaria critica também os advogados, de modo que há, no final do excerto, uma comparação do trabalho no tribunal com o quinto trabalho de Hércules, em que o herói limpou os currais do rei Augias, que não eram limpos há trinta anos. Advogados, então, são comparados ao esterco do gado de Augias.

Há, a seguir, uma lacuna no texto e a jornada de Cláudio é transposta para o senado do céu, onde os deuses estão discutindo a possibilidade de Cláudio ser transformado em deus:

“Non mirum quod in curiam impetum fecisti: nihil tibi clausi est. Modo dic nobis, qualem deum istum fieri uelis. Ἐπικούρειος θεὸς non potest esse: οὔτε αὐτὸς πρᾶγμα ἔχει οὔτε ἄλλοις παρέχει. Stoicus? Quomodo potest rotundus esse, ut ait Varro, ‘sine capite, sine praepetio’? Est aliquid in illo stoici dei, iam uideo: nec cor nec caput habet.

“Não é admirável aquilo que atacaste na Cúria: não há nada fechado para ti.

Dize-nos agora que deus que tu desejas que este seja nomeado. Ἐπικούρειος

²⁰³ Cláudio, 14.

²⁰⁴ Idem, ibidem, 15.

θεός (um deus epicureu) não pode ser: *οὔτε αὐτός πράγμα ἔχει οὔτε ἄλλοις παρέχει* (ele nem tem problemas nem causa problemas a outros). Estóico? Como poder ser ‘redondo’, como disse Varrão, ‘sem cabeça e sem prepúcio’? Há algum traço de deus estóico nele, vejo agora: não tem coração nem cérebro. (*Apocol.*, VIII, 1)

Uma divindade dirige-se a Hércules, em uma espécie de repreensão por o herói ter entrado e provocado desordem na Cúria celestial. É uma referência ao estado de anormalidade de Hércules, cuja figura mitológica está sendo dessacralizada para que a imagem de Cláudio também seja desconstruída, visto que já se infere no fragmento analisado a intenção favorável a Cláudio por parte do herói. Outro dado importante relacionado a Hércules é a vinculação deste herói a comportamentos grosseiros e desordeiros, sendo isso então mais um motivo para associar a figura do herói a Cláudio. Como o *princeps* não era esperado no céu, há agora a necessidade de um concílio dos deuses, e Sêneca estrutura a Cúria celestial como uma paródia do Senado Romano que, por instigação de Agripina, concedeu a honra de deus a Cláudio. Visto dessa forma, Sêneca critica de forma direta o Senado Romano e indiretamente Agripina. Ainda sobre o concílio dos deuses, no século II de nossa era Luciano de Samósata escreveu a sátira menipéia *Icaromenippus*²⁰⁵, em que Menipo narra sua ascensão ao céu e sua viagem pelos ares. No céu, Menipo encontra os deuses e também participa, com as divindades, de um concílio que está recheado de críticas à filosofia e à religião. A literatura latina – seja o gênero elevado, seja o gênero baixo – reserva especial atenção ao encontro dos deuses, como Virgílio ao iniciar o canto X da *Eneida* e Ovídio no livro I das *Metamorfoses*.

Começa o concílio dos deuses e a primeira negativa em relação a Cláudio está na transformação deste em deus epicureio. A ironia está presente nos dizeres: *Ἐπικούρειος θεός* (um deus epicureu) não pode ser: *οὔτε αὐτός πράγμα ἔχει οὔτε ἄλλοις παρέχει* (ele nem tem problemas nem causa problemas a outros). Cláudio é o problema em pessoa e transparece no período, de forma irônica, e em todo o texto ora analisado que o *princeps* causou vários problemas. Diógenes Laertios, no século III d.C., escreve sobre a vida dos filósofos e define a pessoa epicurista da seguinte forma: “O ser bem-

²⁰⁵ Ou *Diálogos dos deuses*. Luciano de Samósata foi autor de sátiras em prosa do 2º século de nossa era; entre outras obras destacam-se *Diálogo dos mortos* e *Elogio da mosca*.

aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser”²⁰⁶. Cláudio não pode ser deus epicureio exatamente por causa das perturbações que provocou em vida. Observemos que a definição de Diógenes Laertios encaixa-se no dito satírico de Sêneca, configurando-se dessa maneira a relação intertextual da sátira menipéia com o mundo sério dos conceitos filosóficos. Na seqüência, há a alusão aos estóicos e à identificação, para eles, dos deuses com o cosmos, em que se estabelece uma relação de esfericidade. A perfeição do sábio era associada aos objetos redondos, como Horácio escreveu um século antes: *et in se ipso totus, teres atque rotundus,/ externi nequid ualeat per leue morari,/ in quem manca ruit semper fortuna*²⁰⁷ (sobre esta superfície lisa e esférica todo corpo estranho resvala sem deixar marcas, e nunca é presa dos vaivéns da Fortuna). Na passagem da *Apocolocintose*, Sêneca escreve ironicamente, aludindo a Varrão, e leva para o ridículo a idéia de que, para os estóicos, deus é redondo. Tal idéia pode ser justificada na identificação com a esfericidade do universo. O mesmo Sêneca, nas *Cartas a Lucílio*, faz referência ao assunto²⁰⁸. Figurativa e ironicamente, o período final *est aliquid in illo stoici dei, iam uideo: nec cor nec caput habet* (há algum traço de deus estóico nele, vejo agora: não tem coração nem cérebro) arremata a idéia da falta de senso, da capacidade de entendimento de Cláudio²⁰⁹. Petrônio utiliza-se da palavra *cor* (coração), que, tanto no *Satyricon*²¹⁰ quanto na *Apocolocintose*, está no sentido figurado, configurando-se assim um uso comum neste tipo de texto.

O autor da *Apocolocintose* prossegue a derrisão contra Cláudio da seguinte maneira:

Si mehercules a Saturno petisset hoc beneficium, cuius mensem toto anno celebravit Saturnalicus princeps, non tulisset illud, nedum ab Ioue, quem, quantum quidem in illo fuit, damnauit incesti. Silanum enim generum suum occidit, oro, propter quid? Sororem suam, festiuissimam omnium puellarum, quam omnes Venerem uocarent, maluit Iunonem uocare. ‘Quare’ inquis ‘quaero enim, sororem suam?’ Stulte, stude: Athenis dimidium licet, Alexandriae totum.

²⁰⁶ LAERTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Editora da UnB, p. 315.

²⁰⁷ *Sermones*, II, 7, 86 – 87.

²⁰⁸ *Si rotundam illis qualem deo dederint, quaeram an et auaritia et luxuria et dementia aequae rotundae sint* (Caso tenham atribuído a tais seres a mesma forma redonda que atribuem à divindade, perguntarei se a avareza, a luxúria e a demência também seriam redondas). *Cartas a Lucílio*, XIX, 13, 22.

²⁰⁹ Cf. Suetônio, *Cláudio*, 39.

²¹⁰ *Satyricon*, LIX, 2.

Se, por Hércules, tivesse pedido com insistência essa graça a Saturno, cujo mês celebrava o ano todo, o príncipe das Saturnais não teria obtido. Muito menos de Júpiter, quem decerto foi o máximo para Cláudio, já que condenou o deus por incesto. O Imperador, com efeito, matou seu genro Silano, eu pergunto, por causa de quê? Porque este preferiu chamar de Juno a própria irmã, a mais encantadora de todas as moças, a qual todas chamavam de Vênus. Dizes ‘Por que, pergunto, com efeito, sua irmã?’ Insensato, instrui-te: em Atenas isso é possível à metade; em Alexandria, a todos (*Apocol.*, VIII, 2).

Os dados históricos e a ficção continuam a se mesclar no excerto ora analisado. A cena retrata Cláudio no céu e continua o debate acerca da divinização do *princeps* morto de Roma. A crítica mais incisiva por parte de Sêneca refere-se às festividades que Cláudio proporcionava. Sêneca faz alusão, de modo especial, às Saturnais, festas romanas que se realizavam em dezembro. Nessas mesmas festas a ordem social era quebrada²¹¹, de forma que os escravos mandavam nos seus senhores e os senhores serviam à mesa aos escravos²¹². Assim, Sêneca alude no trecho não só à subserviência que Cláudio teve em relação aos seus libertos, numa menção explícita à incapacidade de Cláudio governar e à capacidade de os seus escravos mandarem, como também alude ao próprio governo de Cláudio, uma imensa festa. No fragmento, Saturno não agraciaria Cláudio com a honra do título de deus. Observa-se que Saturno – o deus referido no excerto – é uma divindade itálica antiga, e os deuses, como já visto, não seguiram Cláudio, preferindo ficar em Roma com o novo governante. Dessa maneira, as divindades originais de Roma não permitiriam a afronta que seria a divinização de Cláudio. O mesmo Sêneca, nas *Cartas a Lucílio*, escreve sobre as Saturnais da seguinte forma: *adeo nihil interest ut <non> uideatur mihi errasse qui dixit olim mensem Decembrem fuisse, nunc annum*²¹³ (de resto não há diferença, pois para mim não parece ter errado quem disse outrora dezembro ter sido um mês e agora é um ano).

No mesmo excerto da *Apocolocintose*, é relevante a inserção de *mehercules* (por Hércules). A expressão era muito comum em Roma, e nos mais diversos gêneros textuais da Roma antiga a expressão aparece. Equivale hoje à exclamação ‘Por Deus!’. Torna-se interessante e interpretativa no excerto porque provoca uma ambigüidade, já

²¹¹ Para as Saturnais, vide ainda os livros XIII e XIV de Marcial e a sátira VII, livro II, de Horácio.

²¹² Cf. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal, p. 414.

²¹³ *Cartas a Lucílio*, II, 18.

que suscita a expressão comum dos romanos e, além disso, joga com a situação de que Hércules está ajudando Cláudio a conseguir a divinização. Essa divinização, no excerto, nem Júpiter dará, na alusão mitológica do incesto do deus dos deuses com a própria irmã – Juno –, relação condenada por Cláudio na pessoa de Silano, seu genro, que foi implicado em intrigas por Agripina. Otávia, filha de Cláudio, era noiva de Silano e Agripina queria que ela se casasse com Nero. Silano foi condenado por manter supostas relações incestuosas com a própria irmã²¹⁴. Nessa passagem da *Apocolocintose*, portanto, há uma fusão do mitológico com o fato histórico relacionado a Silano. Pode-se entender que novamente Sêneca, de forma sutil, faz insinuações a Agripina, mentora da intriga que levou Silano à condenação. Há uma situação irônica presente no fragmento porque o mesmo Cláudio casara-se com sua sobrinha, constituindo um incesto de acordo com as leis romanas. Na pretexto Otávia, obra atribuída a Sêneca por muitos críticos, há também uma passagem que faz a fusão da mitologia com a situação vivida por romanos. No caso Otávia padece por causa de Nero, já que são considerados irmãos e são casados: *sola Tonantem tenet aetherio/ secura toro maxima Iuno,/ nec mortali captus forma/ deserit altam Iuppiter aulam./ Tu quoque, terris altera Iuno,/ soror Augusti coniunxque, graues/ uince dolores*²¹⁵ (agora a grande Juno, em segurança,/ domina sozinha o rei dos trovões no leito etéreo/ e Júpiter não mais deixará o palácio da altura,/ seduzido por alguma beleza mortal./ Tu também, outra Juno na terra,/ irmã e esposa do Augusto,/ procura vencer teus penosos sofrimentos). Por fim, como prática da menipéia, o autor estabelece relação com outros textos, no caso com aqueles que atestam o casamento entre irmãos ser permitido em outras regiões. Cornélio Nepos é um que escreveu acerca disso em *Cimon*, I, 2: *Namque Atheniensibus licet eodem patre natas uxores ducere* (Com efeito, aos atenienses era permitido aos pais mesmos tomarem as filhas como esposas). O próprio Tácito (*Anais*, XII, 6) relata que, na ocasião do casamento de Cláudio e Agripina, um senador discursou apontando o casamento entre parentes ser comum em outras nações, e Sêneca reproduz no excerto analisado da *Apocolocintose* essa mesma informação como forma de escarnecer Cláudio.

Sêneca assim continua o texto em que deprecia Cláudio:

‘Quia Romae’ inquis ‘mures molas lingunt’, hic nobis curua corrigit? Quid in cubiculo suo faciat nescio, et iam “caeli scrutatur plagas”! Deus fieri uult:

²¹⁴ Tácito, *Anais XII, 4 a 8* e Suetônio, *Cláudio 29*.

²¹⁵ *Octauiia*, 215-220. Tradução de Zélia de Almeida Cardoso. Inédito.

parum est quod templum in Britannia habet, quod hunc barbari colunt et ut deum orant μωροῦ εὐιλάτου τύχην ?

‘Porque em Roma, dizes, os ratos lambem farinha’. Este conserta para nós o que não é direito? Desconheço o que faria em sua alcova e já ‘procura conhecer as extensões do céu’! Quer ser feito deus: pouco é para quem tem um templo na Bretanha, pouco é para quem os bárbaros cultuam e suplicam a ele como a um deus *μωροῦ εὐιλάτου τύχην* (a fortuna de um estúpido bem propício)? (*Apocol.*, VIII, 3)

Inicia-se o texto com uma reelaboração de trecho da mesma *Apocolocintose* (VII, 1): *Venisti huc ubi mures ferrum rodunt* (Tu vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro). Agora, a divindade que proclama este longo discurso contra Cláudio já insinua – diferentemente do que acontece no céu – que em Roma há facilidades, visto que na capital do Império os ratos lambem farinha (*mures molas lingunt*). Insinua-se também na passagem o que se passava no quarto de Cláudio, no tempo em que era casado com Messalina²¹⁶, esposa que Cláudio tivera antes de Agripina. A sugestão do que ocorria no quarto do *princeps* serve como dado comparativo contra a divinização de Cláudio. Como prática da sátira menipéia também é a referência a outros textos, no excerto Sêneca insere uma citação do poeta Ênio²¹⁷, passagem que Cícero também havia citado em *De Re Publica* e em *De Divinatione*. Além de remeter para extrato de Ênio, Sêneca dialoga com o pensamento do poeta mencionado, já que Ênio aceita “a tese de que os deuses não são mais do que homens de grandes méritos divinizados depois da morte pelo reconhecimento dos seus concidadãos”²¹⁸. Há, portanto, crítica à divinização de Cláudio por este não possuir grandes méritos em vida, por não reconhecer o que acontecia em seu próprio quarto.

Na linha dos poucos méritos de Cláudio, Sêneca apresenta o que o *princeps* tinha: um templo em Camaloduno, na Bretanha. Sêneca registra que este templo era motivo de insatisfação dos habitantes dos arredores daquela região, visto que consideravam o edifício destinado ao culto um símbolo da escravidão imposta por

²¹⁶ Sobre as traições de Messalina, cf. Tácito (*Anais*, XI, 13) e Suetônio (*Cláudio*, 29).

²¹⁷ Ênio (239 a.C. – 169 a.C.), autor representativo dos inícios da poesia latina; restam dele fragmentos. A passagem citada da *Iphigênia* de Ênio é *quod est ante pedes nemo spectat, caeli scrutantur plagas* (o que está diante dos pés ninguém olha, procuram explorar as extensões do céu).

²¹⁸ *História da Literatura Latina*, de Ettore Paratore. Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 66.

Roma. Conciliando mais uma vez expressões em grego e em latim, Sêneca brinca com a idéia de que os bárbaros cultuam não um deus, mas um homem louco e grosseiro no templo de Camaloduno. A ironia de Sêneca passa pelo genitivo *μωροῦ* (do grego *μωρός*, estúpido), trocadilho que Nero também usava com a palavra latina *morari* para se referir a Cláudio como um louco e tolo²¹⁹.

Na seqüência da *Apocolocintose*, Sêneca escreve:

Tandem Ioui uenit in mentem, priuatis intra Curiam morantibus, nec sententiam dicere licere nec disputare. “Ego inquit P. C., interrogare uobis permiseram, uos mera mapalia fecistis. Volo ut seruetis disciplinam Curiae. Hic, qualiscumque est, quid de nobis existimabit?”

Por fim, Júpiter lembra-se de que não é permitido, com particulares, dentro da Cúria examinar nem pronunciar parecer dos morosos senadores. “Eu, diz, tinha permitido a vós, senadores, interrogá-lo, e vós fizestes daqui uma autêntica choça. Quero que conserveis o regulamento da Cúria. Este, qualquer que seja a natureza, o que pensará de nós?” (*Apocol. IX, 1*)

A continuação do texto de Sêneca se volta para os componentes da Cúria celestial, numa clara referência à Cúria romana e conseqüentemente aos senadores romanos. A crítica surge na referência à desorganização na presença de Cláudio (*priuatis*) e nas palavras ditas por Júpiter a respeito daquele local, que parecia uma autêntica choça (*mera mapalia*). Prossegue, dessa forma, nesta passagem o *concilium deorum* (concílio dos deuses), que era parte constituinte da tradição literária greco-latina em geral e, em particular, da sátira menipéia.

Seguindo o protocolo da Cúria romana, a *Apocolocintose* começa a apresentar os discursos a respeito da divinização de Cláudio:

Illo dimisso, primus interrogatur sententiam Ianus pater. Is designatus erat in kal. Iulias postmeridianus consul, homo quantumuis uafes, qui semper uidet ἄμα πρόσω καὶ ὀπίσω. Is multa diserte, cum in Foro uiuebat, dixit, quae notarius persequi non potuit, et ideo non refero, ne aliis uerbis ponam quae ab

²¹⁹ Cf. Suetônio, *Nero*, 33.

illo dicta sunt. Multa dixit de magnitudine deorum; non debere hunc uulgo dari honorem: "Olim, inquit, magna res erat deum fieri; iam Fabam mimum fecistis. Itaque, ne uidear in personam, non in rem dicere sententiam, censeo ne quis post hunc diem deus fiat ex his qui ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν aut ex his quos alit ζείδωρος ἄρουρα. Qui contra hoc senatus consultum deus factus, dictus pictusue erit, eum dedi Laruis et proximo munere inter novos auctoratos ferulis uapulare placet."

Com Cláudio dispensado, o primeiro a ter o pensamento questionado a respeito disso é o pai Jano. Nas calendas de julho, tinha sido designado cônsul da tarde ele, homem sagaz tanto quanto possível, que sempre vê ἅμα πρόσσω καὶ ὀπίσσω (ao mesmo tempo atrás e em frente). Como quem vivia no Fórum, ele disse eloqüentemente muitas coisas que o escrivão não pôde acompanhar, e por isso não as reproduzo para não colocar outras palavras que por ele foram ditas. Ele disse muitas coisas a respeito da magnitude dos deuses e que essa honra não deve ser entregue ao vulgo. "Outrora, diz, era grande coisa ser transformado em deus: agora vós fizestes a comédia em fava. Assim, para que não pareça afirmar sobre esta pessoa e sobre esta sentença, prescrevo que ninguém após este dia seja feito deus daqueles que ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν (comem o fruto da Terra), ou daqueles que ζείδωρος ἄρουρα (a fecunda terra) alimenta. Quem contrariamente a este decreto do Senado ou for feito ou dito deus, ou pintado de deus, eu o ofertarei às Larvas e no próximo espetáculo será do agrado que ele leve chibatadas entre os novos gladiadores." (*Apocol.*, IX, 2-3)

Como os historiadores da época relatam, Cláudio foi de fato deificado depois de muita polêmica no Senado. Uma das razões de Sêneca escrever a *Apocolocintose* é justamente criticar essa divinização, impensável para alguém como Cláudio, segundo expressa Sêneca nesta sátira. Dessa forma, Sêneca coloca Cláudio no céu com a intenção de mostrar como o senado celestial julgaria as ações do *princeps*, numa associação senado romano = senado celestial que, num primeiro momento, é vista de forma crítica e irônica pelo autor da *Apocolocintose*.

Para o autor da *Apocolocintose*, cada palavra ou expressão inserida nesta sátira contra Cláudio tem muito valor e importância. Assim, não é acaso que Jano seja o primeiro a discursar. Jano é um dos deuses mais antigos do mundo romano e é

representado com dois rostos que se opõem, por isso a inserção na *Apocolocintose* da expressão *ἄμα πρόσσω καὶ ὀπίσσω* (ao mesmo tempo atrás e em frente). Ainda sobre a expressão citada, Sêneca foi buscá-la na *Ilíada*²²⁰, na mescla que a sátira menipéia faz entre o gênero dito alto e o gênero baixo. Como aquele que vislumbra os acontecimentos anteriores como também o porvir, Jano é marcadamente o deus das transições, do novo começo. Outras características de Jano são a honestidade, a paz profunda e a proteção aos romanos em tempo de guerra²²¹. É importante e simbólica a fala de Jano porque pode ter como propósito a indicação do início de uma nova era para Roma, como já relatado em várias passagens, das quais se destaca: *talis Caesar adest, talem iam Roma Neronem aspiciet* (tal César está presente, agora Roma olhará tal Nero)²²². Outro dado do texto que estabelece relação de Jano ao início de um novo período é a designação do deus para cônsul nas calendas de julho, exatamente o primeiro dia da segunda metade do ano.

Ainda neste excerto, há o elemento metalingüístico na orientação do narrador ao leitor, em que se ironiza a possível retórica e eloqüência do político: *Is multa diserte, cum in Foro uiuebat, dixit, quae notarius persequi non potuit* (como quem vivia no Fórum, ele disse eloqüentemente muitas coisas que o escrivão não pôde acompanhar). Nesse caso, há uma clara alusão à verbosidade nos discursos políticos do senado romano. Mesmo que não reproduza todo o discurso de Jano, Sêneca apresenta a parte mais importante do discurso fictício deste deus, a saber, seu veredicto a respeito da deificação do *princeps*. Intertextualmente Sêneca busca de novo em Homero as referências, e então introduz os dizeres: *ne quis post hunc diem deus fiat ex his qui ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν aut ex his quos alit ζείδωρος ἄρουρα* [ninguém após este dia seja feito deus daqueles que ἀρούρης καρπὸν ἔδουσιν (comem o fruto da Terra), ou daqueles que ζείδωρος ἄρουρα (a fecunda terra) alimenta]. A linguagem utilizada no excerto imita parodisticamente a empregada pelos políticos romanos em seus discursos na Cúria. Jano dá assim o veredicto final sobre a divinização de Cláudio, e nisso há uma referência às Larvas (*Laruis*), que – para os antigos romanos – simbolizavam espíritos ruins que vagavam entre os vivos para aterrorizá-los. Outra referência a aspectos da vida romana no fragmento ora analisado ocorre em relação aos gladiadores, que praticavam a

²²⁰ A expressão caracteriza Príamo (*Ilíada*, III, 109).

²²¹ GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, p. 258.

²²² *Apocolocintose* IV, 1.

arte da luta com espadas reais e, conseqüentemente, feriam-se. Dessa maneira, o fragmento se encerra com a sentença desfavorável de Jano à deificação de Cláudio.

Sêneca dá continuidade à derrisão de Cláudio assim:

Proximus interrogatur sententiam Diespiter, Vicae Potae filius, et ipse designatus consul, nummulariolus: hoc quaestu se sustinebat, uendere ciuitatulas solebat. Ad hunc belle accessit Hercules et auriculam illi tetigit. Censet itaque in haec uerba: “Cum Diuus Claudius et Diuum Augustum sanguine contingat, nec minus Diuam Augustam auiam suam, quam ipse deam esse iussit, longeque omnes mortales sapientia antecellat, sitque e re publica esse aliquem qui cum Romulo possit ‘feruentia rapa uorare’, censeo uti Diuus Claudius ex hac die deus sit, ita uti ante eum qui optimo iure factus sit, eamque rem ad Metamorphosis Ouidi adiciendam.”

O próximo que tem o parecer questionado é o cônsul designado e também pequeno banqueiro Diéspiter, filho de Vica Pota: com esta renda ele se sustentava: tinha o costume de vender direitos de cidadão. Admiravelmente Hércules aproximou-se dele e tocou-lhe a orelha. Dessa forma, Diéspiter manifesta-se com estas palavras: “Como o divino Cláudio tenha relação de sangue não só com o divino Augusto como também com a divina Augusta, sua avó, que ele mesmo decretou ser divina, e que de longe ele exceda todos os mortais em sabedoria, e que seja na república alguém que possa ‘devorar nabos fervidos’ com Rômulo, declaro que o divino Cláudio, a partir deste dia, seja deus, assim como antes dele aquele que com todos os direitos tenha sido feito, e este fato acrescentado às Metamorfoses de Ovídio.” (*Apocol.*, IX, 4-5)

A paródia realizada por Sêneca prossegue com um discurso oposto ao de Jano. A oratória neste trecho é por conta de Diéspiter, antiga divindade solar da região itálica identificado depois com Júpiter. Vica Pota, mãe de Diéspiter, é divindade relacionada com a vitória. Ambos, Diéspiter e Vica Pota, são divindades arcaicas e quase desconhecidas dos romanos do século I d.C. Sêneca utiliza-os propositadamente em oposição aos valores modernos que Nero proporcionará; isso porque Diéspiter faz a defesa de Cláudio. Sêneca, dessa forma, defende o novo – Nero – em oposição aos antigos preceitos, representados no discurso de Diéspiter a favor da divinização. Além

disso, Sêneca retoma o assunto cidadania romana²²³, dessa vez denunciando o ganho que algumas autoridades poderiam ter ou tinham com a venda de títulos de cidadão romano²²⁴. Em relação às características da menipéia, a vinculação lendária de Diéspiter com Cláudio se encaixa na segunda particularidade deste gênero, como explicado neste trabalho de pesquisa²²⁵.

A mistura do formal com o informal também caracteriza a menipéia, e a palavra *belle*²²⁶ (admiravelmente) é um coloquialismo romano empregado por Sêneca na articulação desejada por Hércules. Como Hércules apóia a divinização do *princeps*, é importante para o entendimento da *Apocolocintose* essa mescla do elevado – Hércules – com o coloquial, resultando em um rebaixamento do herói para que, por extensão, rebaixe-se a pessoa de Cláudio. No mesmo trecho, Sêneca reconhece os acordos existentes nas articulações políticas ao inserir o costume romano do toque na orelha. Tocava-se a parte de baixo da orelha para se ter alguém como testemunha como no período *Ad hunc belle accessit Hercules et auriculam illi tetigit. Censet itaque in haec uerba* (Admiravelmente Hércules aproximou-se dele e tocou-lhe a orelha. Dessa forma, Diéspiter manifesta-se com estas palavras). Entende-se que Diéspiter fora cooptado por Hércules para que se lembrasse dos benefícios que Cláudio fizera em vida para aquele. Entre autores latinos que citam o referido costume, Plínio considera a orelha a sede da memória: *Est in aure ima memoriae locus, quem tangentes antestamur*²²⁷ (é no pé da orelha o local da memória, local que tomamos por testemunha ao tocá-la). Horácio também faz menção ao costume em *Sermones* I, 9, 77: *‘Licet antestari?’ Ego uero oppono auriculam.* (‘posso tomar-te por testemunha?’ Eu, na verdade, apresento a orelha). Virgílio também o faz na écloga VI²²⁸.

Sêneca lança mão mais uma vez de fatos históricos de sua época na seqüência deste mesmo trecho analisado. Diéspiter já trata Cláudio como deus, apoiando seu discurso na divinização de Augusto e de Augusta, avó de Cláudio, elevada à condição de divindade²²⁹ pelo *princeps* ironizado na *Apocolocintose*. Ironicamente Suetônio²³⁰

²²³ *Apocolocintose*, III, 3.

²²⁴ Cf. Dion Cássio *LX*, 17. Este historiador também escreveu a respeito da cidadania romana sob Cláudio.

²²⁵ Cf. nota 16.

²²⁶ Há uma grande incidência deste vocábulo nas cartas de Cícero. Cf., por exemplo, *Ad. Fam.*

²²⁷ *Historia Naturalis*, XI, 103.

²²⁸ *Cum canerem reges et proelia, Cynthia aurem/ uellit, et admonuit* (como eu cantasse reis e batalhas, Cíntio (Apolo) advertiu-me e belisca a [minha] orelha).

²²⁹ Cf. Suetônio, *Cláudio*, 11 e Dion Cássio *LX*, 5.

²³⁰ *Cláudio*, 3. *Avia Augusta pro despectissimo semper habuit, non affari nisi rarissime* (a avó Augusta teve por ele sempre muito desprezo; falava com ele a não ser rarissimamente).

afirma que Augusta não apresentava muitas afeições pelo neto e dava-lhe conselhos secos e ásperos. O discurso de Diéspiter segue a linha do elogio e cabe aqui uma comparação também irônica com o próprio discurso de Nero quando Cláudio morrerá. Assim a intenção de Sêneca é produzir humor com as palavras elogiosas de Diéspiter a Cláudio da mesma forma que o riso havia sido inevitável na cerimônia fúnebre de Cláudio²³¹. O humor, também característica da menipéia, culmina na passagem com a referência a Cláudio poder *feruentia rapa uorare* (devorar nabos fervidos), visto que o *princeps* era conhecido por sua grande vontade de comer e beber a qualquer hora²³², e a expressão *feruentia rapa uorare* alude a uma comida frugal, econômica. Era senso comum em Roma a idéia de que Rômulo, depois de divinizado, continuara a alimentar-se de forma modesta, exatamente dos nabos fervidos²³³. Sêneca insinua portanto a impossibilidade de Cláudio tornar-se deus, e faz isso no trecho com a comparação com Rômulo, fundador de Roma. O discurso de Diéspiter está em simetria com o de Jano no uso de expressões que se referem à comida. Enquanto que na exposição de Jano há a referência aos que *ἀρούρης καρπὸν ἔδουσι* (comem o fruto da Terra), ou daqueles que *ζείδωρος ἄρουρα* (a fecunda terra) alimenta, Diéspiter utiliza-se de *feruentia rapa uorare* (devorar nabos fervidos). Sêneca busca expressões dos chamados gêneros elevados para estruturar sua sátira menipéia contra Cláudio, o *princeps* morto.

O excerto encaminha-se para seu término com a referência intertextual ao livro *Metamorfoses*, de Ovídio. Sêneca utiliza-se no trecho de uma linguagem formal e típica do senado romano em *ita uti ante eum qui optimo iure factus sit, eamque rem ad Metamorphosis Ouidi adiciendam* (assim como antes dele aquele que com todos os direitos tenha sido feito, e este fato acrescentado às *Metamorfoses* de Ovídio) para que, imitando assim o discurso político, Diéspiter possa convencer seus pares a divinizar Cláudio. Como as *Metamorfoses* já estavam escritas e publicadas, o pedido de Diéspiter não pode ser realizado, daí mais uma razão contra a divinização de Cláudio. Nesta relação portanto intertextual e metalingüística, enquanto as *Metamorfoses*²³⁴ celebram a apoteose de Rômulo e de César, a *Apocolocintose* celebra o escárnio de Cláudio.

A seguir, Sêneca escreve:

²³¹ Tácito (*Anais*, XIII, 3) relata: *postquam ad providentiam sapientiamque flexit, nemo risui temperare* (depois que [Nero] pronunciou sobre a suprema sabedoria e conhecimento [de Cláudio], ninguém [pôde] moderar o riso).

²³² Cf. Suetônio, *Cláudio*, 33.

²³³ Marcial relata isso em *Xênia (XIII),16: Haec tibi brumali gaudentia frigore rapa/ quae damus, in caelo Romulus esse solet* (estes rábanos, apreciadores do frio invernal,/ que te damos, costuma-os comer Rômulo no céu).

²³⁴ Para a apoteose de Rômulo, cf. livro XIV, 772-828; para a de César, livro XV, 745-870.

Variae erant sententiae, et uidebatur Claudius sententiam uincere. Hercules enim, qui uideret ferrum suum in igne esse, modo huc, modo illuc cursabat et aiebat: “Noli mihi inuidere, mea res agitur; deinde tu si quid uolueris, in uicem faciam; manus manum lauat.”

Várias eram as opiniões e Cláudio parecia ganhar a proposição. Com efeito Hércules, como examinaria seu ferro que estava no fogo, pouco antes ali e agora aqui corria e dizia: “Não me queiras embaraçar; meu interesse é exercer um cargo: depois se desejares, farei por ti igualmente. Uma mão lava a outra.” (*Apocol.*, IX, 6)

Com uma opinião contra e outra favorável à transformação de Cláudio em deus, Sêneca produz certo suspense com a afirmação de que Cláudio levava vantagem nesta disputa na Cúria celestial com outras várias opiniões de divindades. É a reprodução dos debates acalorados que aconteciam no senado romano e que Sêneca parodia. E como nos debates exaltados, os interesses deixam o coletivo de lado para cair nos interesses individuais, e essa crítica Sêneca faz ao colocar a seguinte fala na boca do poderoso herói Hércules: “*Noli mihi inuidere, mea res agitur; deinde tu si quid uolueris, in uicem faciam; manus manum lauat* (Não me queiras embaraçar; meu interesse é exercer um cargo: depois se desejares, farei por ti igualmente. Uma mão lava a outra). Sêneca evidencia a corrupção na Cúria celestial, e propõe ao leitor a analogia com a Cúria romana e seus velhos costumes. Infere-se nessa crítica que o governo de Cláudio e seus auxiliares possuíam como característica a perversão dos costumes, e que com Nero será diferente, exatamente pela censura à apoteose de Cláudio. Desse ponto de vista, a *Apocolocintose* não é só o escárnio de Cláudio, mas também o louvor de uma nova forma de governar, associada a Nero e à idéia de um novo século de ouro.

Neste mesmo excerto, Sêneca faz uso de estrutura coloquial com *qui uideret ferrum suum in igne esse* (como examinaria seu ferro que estava no fogo). Esse mesmo trecho, que indica metaforicamente os bastidores das negociações e suas dificuldades, pode ser associado à outra passagem da *Apocolocintose*: *Venisti huc ubi mures ferrum rodunt* (Vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro)²³⁵. Mais uma vez Sêneca estrutura

²³⁵ *Apocolocintose*, VII, 1.

seu libelo contra Cláudio conforme as características da sátira menipéia, visto que há uma intenção de humor e paródia na ação de Hércules, isto é, transformar Cláudio em deus é tão ou mais difícil que a realização de qualquer dos doze trabalhos. Sêneca se faz mais desdenhoso na paródia a Hércules com a inserção da expressão *modo huc, modo illuc* (pouco antes ali e agora aqui), extraída de um poema de Catulo²³⁶. No referido poema, o verso catuliano faz referência ao pássaro de Lésbia, e aqui Sêneca provoca o sorriso no leitor ao levá-lo a imaginar o grande herói saltitando graciosamente como a ave de Lésbia. Sêneca fecha o fragmento analisado com o popular provérbio ‘uma mão lava a outra’, em que se explicita de vez o funcionamento da velha política e dos políticos romanos, associados que foram à Cúria celestial. Sêneca dessacraliza o herói dos doze trabalhos para assim provocar o escárnio contra o *princeps* morto.

No prosseguir da invectiva de Sêneca contra Cláudio, temos o seguinte excerto:

Tunc diuus Augustus surrexit sententiae suae loco dicendae et summa facundia disseruit. “Ego inquit P.C., uos testes habeo, ex quo deus factus sum, nullum me uerbum fecisse. Semper meum negotium ago. Sed non possum amplius dissimulare et dolorem, quem grauiorem pudor facit, continere. In hoc terra marique pacem peperit? Ideo ciuilia bella compescui, ideo legibus Urbem fundauit, operibus ornaui, ut... Quid dicam, P.C., non inuenio: omnia infra indignationem uerba sunt. Confugiendum est itaque ad Messalae Coruini, disertissimi uiri, illam sententiam: ‘Pudet imperii.’

Então o divino Augusto ergueu-se do lugar e discorreu com extrema eloquência seu discurso: “Eu, diz, tenho a vós, pais conscritos, como testemunhas que nenhum discurso fiz desde que fui feito deus. Sempre me ocupo de minha obrigação. Entretanto não posso fingir por mais tempo nem guardar a dor que a vergonha faz mais insuportável. Obtive a paz na terra e no mar para isto? Com que intenção contive as guerras civis? Com que intenção assentei solidamente a cidade, ornei-a com obras, para quê? Pais conscritos, não encontro o que diga: todas as palavras são inferiores à minha indignação. Desse modo deve-se procurar auxílio naquela sentença de Messala Corvino, homem muito eloquente: ‘tenho vergonha do poder’. (*Apocol. X, 1-2*)

²³⁶ Cf. Catulo, 3,9.

Neste capítulo Sêneca muda a inflexão da invectiva contra Cláudio. O tom do texto torna-se mais sério, e as palavras colocadas na boca de Augusto apresentam um estilo solene. Sêneca vale-se da imagem de Augusto para encaminhar o veredicto final contra a divinização de Cláudio. Otávio Augusto é a própria representação do ideal romano; encontrou uma Roma caótica ao chegar ao poder e deixou, na medida do possível, “um Estado organizado, pacificado, munido de um ideal e de uma razão de ser que os contemporâneos de César haviam em vão procurado”²³⁷. Sem dúvida, Augusto é considerado uma das figuras mais influentes, e Sêneca o utiliza para assim encerrar de vez a tentativa da apoteose de Cláudio, já que não cabe comparação entre os dois governantes de Roma.

No fragmento acima, Sêneca imita o estilo de Augusto, notadamente as *Res Gestae*²³⁸ deste *princeps*. Suetônio afirma que Augusto apreciava um tipo de escrita simples e clara, longe do preciosismo, dos termos obscuros, das frases vazias e do mau cheiro das palavras²³⁹. Novamente a crítica à dificuldade de expressão de Cláudio pode ser inferida assim que se lê *Tunc diuus Augustus surrexit sententiae suae loco dicendae et summa facundia disseruit* (então o divino Augusto ergueu-se do lugar e discorreu com extrema eloquência seu discurso). Em relação ao estilo, primeiramente Augusto escrevia sobre si mesmo, os cargos ocupados para depois informar as providências públicas tomadas por ele. No trecho analisado a seqüência também é essa; Sêneca escreve de forma que Augusto se apresente como uma pessoa discreta, que se ocupa das suas obrigações para depois, retoricamente, questionar mostrando, entre outros feitos, como conseguiu a paz na terra e no mar (*In hoc terra marique pacem peperit? – Obtive a paz na terra e no mar para isto?*)²⁴⁰. No processo de estruturar um gênero baixo – a sátira menipéia, por exemplo – com um gênero alto – as *Res Gestae*, de Augusto –, Sêneca parodia passagens da obra do mais famoso *princeps* romano: *Ideo ciuilia bella compescui, ideo legibus Urbem fundavi, operibus ornavi* (com que intenção contive as guerras civis? com que intenção assentei solidamente a cidade, ornei-a com obras, para quê?)²⁴¹

²³⁷ Cf. *O Século de Augusto*, de Pierre Grimal, p. 15.

²³⁸ Para uma versão em português, confira *A vida e os feitos de Divino Augusto*, editora UFMG, 2007.

²³⁹ Cf. *Augusto*, 86. Tácito (*Anais*, XIII, 3) também informa que Augusto possuía a capacidade de expressar-se facilmente.

²⁴⁰ Cf. *Res Gestae*, XIII.

²⁴¹ *Idem*, XXXIV, XIX – XXI.

Ainda no excerto, o período *Sed non possum amplius dissimulare et dolorem, quem grauiorem pudor facit, continere* (entretanto não posso fingir por mais tempo nem guardar a dor que a vergonha faz mais insuportável), colocado na boca de Augusto, pode ser lido como a vergonha gerada pela divinização de alguém incapaz para qualquer atividade pública como Cláudio, mesmo sendo parente de Augusto. Também pode se fazer uma analogia com uma carta que Augusto envia a Lívvia, a qual Suetônio reproduz em *Cláudio*, 4. Dessa carta destacamos: *Spectare eum circenses ex puluinari non placet nobis; expositus enim in fronte prima spectaculorum conspicietur* (Não é do nosso agrado que ele veja do camarote imperial os jogos circenses; exposto com efeito na frente dos espetáculos chamará a atenção). Suetônio é posterior a Sêneca e dá notícia da carta; portanto pode-se deduzir que o conteúdo dessa missiva era de conhecimento na época de Sêneca e que a visão de Augusto corrobora os sentimentos de Sêneca na jornada para depreciar Cláudio.

Por fim, neste capítulo abundante de referências, Sêneca cita, por meio de Augusto, a sentença de Messala Corvino: *Pudet imperii* (tenho vergonha do poder). O dito atribuído a Messala Corvino faz referência ao uso do poder. Segundo Tácito²⁴², assim que Augusto obteve o poder absoluto, Messala Corvino foi o primeiro a ser nomeado para que pudesse coibir com castigos os escravos insubordinados, porém deixou o cargo poucos dias depois alegando incapacidade para tal incumbência. A crítica que se busca nessa passagem é a referência de que Messala Corvino foi um homem competente, escolhido por Augusto para responsabilidades públicas, mas que reconheceu a própria limitação no uso do poder. Sêneca procura dessa maneira atingir Cláudio e a inépcia do *princeps* em tentar ser divinizado; é Sêneca reiterando a incompatibilidade entre o poder ou condição divina e a própria pessoa de Cláudio.

O discurso de Augusto continua assim:

Hic, P.C., qui uobis non posse uidetur muscam excitare, tam facile homines occidebat quam canis excidit. Sed quid ego de tot ac talibus uiris dicam? Non uacat deflere publicas clades intuenti domestica mala. Itaque illa omittam, haec referam; nam, etiam si sormea graece nescit, ego scio: ἔγγιον γόνυ κνήμης.

²⁴² *Anais*, VI, 11.

Este, senadores, que a vós parece não poder despertar uma mosca, tão facilmente matava homens quanto um cão se assenta. Mas o que eu falarei de tantos e semelhantes homens? Ele não emprega o tempo em chorar as desgraças públicas com a depravação familiar que o contempla. Dessa forma deixarei de lado aqueles fatos e trarei estes: pois mesmo que *** desconheça o grego, eu o conheço: *ἔγγιον γόνυ κνήμης* (o joelho está mais perto do que a panturrilha). (*Apocol.*, X, 3)

Além de prezar uma linguagem simples, Augusto fazia uso da linguagem dos provérbios populares²⁴³. Neste capítulo Sêneca imita novamente Augusto e logo no início do excerto escreve: *qui uobis non posse uidetur muscam excitare* (que a vós parece não poder despertar uma mosca). Sobre a inutilidade e insignificância da mosca, Petronio (*Satyricon*²⁴⁴, XLII, 4) fez referência; Luciano de Samósata escreveu uma irônica sátira²⁴⁵. No mesmo período há outra sentença popular em *tam facile homines occidebat quam canis excidit* (tão facilmente matava homens quanto um cão se assenta). Todavia o que Sêneca, pela voz de Augusto, ressalta na passagem é a capacidade de Cláudio de tirar a vida de outrem²⁴⁶.

Augusto, quando esteve à frente de Roma, preocupou-se em permanecer fiel ao velho ideal romano da simplicidade e economia. Evitou o excesso de luxo e primou pela moralização dos costumes. Sêneca apóia-se nesse fato para introduzir a intimidade da corte de Cláudio em *non uacat deflere publicas clades intuenti domestica mala* (ele não emprega o tempo em chorar as desgraças públicas com a depravação familiar que o contempla). Em uma clara referência aos atos de Messalina, Sêneca ainda insere um dito popular em língua grega – *o joelho está mais perto do que a panturrilha* – para deixar bem claro que conhecia aquilo a que estava se referindo. Nesse mesmo excerto, há uma lacuna no texto. Segundo a edição estabelecida pela Les Belles Lettres, a lacuna deve ser preenchida com o vocábulo *sormea*, intraduzível em português. Outras

²⁴³ Cf. Suetônio, *Augusto*, 87.

²⁴⁴ *Minoris quam muscae sumus, muscae tamen aliquam uirtutem habent, nos non pluris sumus quam bullae* (somos menores que moscas; as moscas todavia possuem alguma virtude, nós não somos mais que bolhas).

²⁴⁵ *Elogio da mosca*. Vide nota 205.

²⁴⁶ Cf. Suetônio, *Cláudio*, 29. Cf. também neste trabalho de pesquisa nossa tradução da *Apocolocintose*, VI, 2: Todavia ele ordenava que Febre fosse levada dali, com aquele gesto de mão frouxa, mas somente para isto bastante firme: porque estava habituado a degolar homens. Ele tinha decretado cortar o pescoço de outros: considerarias que todos fossem libertos dele, mas até o momento ninguém se importou com ele.

edições²⁴⁷ consideram a expressão *soror mea*, traduzida então para “minha irmã”. Augusto, apesar de não falar o grego correntemente nem escrever, estudara a língua grega com Apolodoro de Pérgamo²⁴⁸. Se se pensar na hipótese *soror mea*, Augusto faz um elogio a si mesmo e critica a irmã, por esta não saber o grego.

Sêneca dá andamento por intermédio de Augusto à sátira contra Cláudio da seguinte maneira:

Iste quem uidetis, per tot annos sub meo nomine latens, hanc mihi gratiam rettulit, ut duas Iulias proneptes meas occideret, alteram ferro, alteram fame, unum abnepotem L. Silanum: uideris, Iuppiter, an in causa mala; certe in tua, si aequus futurus es. Dic mihi, diue Claudi, quare quemquam ex his quos quasque occidisti, antequam de causa cognosceres, antequam audires, damnasti? Hoc ubi fieri solet? In caelo non fit.

Este, a quem vedes, por numerosos anos escondendo-se sob meu nome restituiu-me a graça, ainda que matasse duas Júlias, minhas bisnetas. Uma com o ferro, outra com a fome. E um trineto, Lúcio Silano, tu o terás visto, Júpiter, ou numa causa má, mas certamente numa causa tua, se hás de ser justo. Dize-me, divino Cláudio, por que razão algum destes, os quais e as quais mataste antes de tomar conhecimento dos motivos, antes de ouvi-los, por que razão os condenaste? Em que lugar tem-se o costume de se fazer isso? No céu não há esse costume. (*Apocol.*, X, 4)

Há no parágrafo outra alusão histórica na informação de que Cláudio escondia-se sob o nome de Augusto²⁴⁹ e também sob o de César. Na própria *Apocolocintose* Sêneca já fizera referência a isso²⁵⁰ de forma irônica, apesar da praxe entre os governantes de Roma, após a morte de Júlio César, terem adotado o título e o nome de César. Críticas sobre o morticínio provocado por Cláudio continuam neste fragmento analisado, e Sêneca faz questão de voltar sempre a esse ponto como forma de ressaltar a violência do *princeps* morto. As atitudes de um *princeps* para Sêneca deveriam passar

²⁴⁷ Cf. a edição estabelecida pela Loeb Classical Library.

²⁴⁸ Cf. Suetônio, *Augusto*, 89.

²⁴⁹ Idem, *Cláudio*, 11.

²⁵⁰ *Apocolocintose*, V, 4.

pela clemência, pelo *mos maiorum*. O mesmo Sêneca escreveu em *De Clementia* (XXIV, 5) para Nero:

Felicitas illa multis salutem dare et ad uitam ab ipsa morte reuocare et mereri clementia ciuicam. Nullum ornamentum principis fastigio dignius pulchriusque est quam illa corona ob ciues seruatos, non hostilia arma detracta uictis, non currus barbarorum sanguine cruenti, non parta bello spolia. Haec diuina potentia est gregatim ac publice seruare; multos quidem occidere et indiscretos incendii ac ruinae potentia est.

A verdadeira felicidade consiste em proporcionar salvação a muitos e, da própria morte, fazê-los retornar à vida, merecendo a coroa cívica pela clemência. Não há ornamento mais digno da proeminência do príncipe e nada mais belo do que a famosa coroa: ‘por ter salvo a vida de cidadãos’, nem os carros manchados de sangue dos bárbaros, nem os despojos obtidos na guerra. Este é um poder divino, o de salvar multidões e em massa. Na verdade, matar muitos e indistintamente é poder do fogo e da destruição²⁵¹.

Evidencia-se no excerto do *De Clementia* a exaltação das virtudes que um governante deve apresentar e praticar para obter sucesso. Tais atitudes são divinas porque é um poder oriundo dos deuses, em oposição às ações de Cláudio que, segundo relatado na *Apocolocintose* e pelos historiadores da época – Suetônio e Tácito principalmente –, eram sempre enviesadas pela morte. O último período deste trecho do *De Clementia* pode ser lido como uma crítica a Cláudio no que concerne, portanto, a matar muitos (*multos occidere*).

Tornando ao trecho analisado da *Apocolocintose*, Sêneca busca novamente os dados históricos a respeito da corte de Cláudio, estrutura essa que se insere nas características da sátira menipéia, em que apresenta o homem na sua essência e na sua totalidade²⁵². Assim Sêneca nos apresenta e relembra ao leitor da época as duas Júlias, bisnetas de Augusto. Júlia Livila, filha de Germânico e irmã de Calígula, foi acusada de conduta imoral, desterrada e, privada de alimentar-se, morreu no exílio. Considerava-se Sêneca entre seus amantes, sendo essa acusação um dos motivos do exílio do filósofo

²⁵¹ *Tratado sobre a Clemência*. Editora Vozes, p. 76. Tradução de Ingeborg Braren.

²⁵² BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 115.

no início do governo de Cláudio²⁵³. Parece haver no desterro um fundo de intriga política, pois Messalina – esposa de Cláudio à época – livrava-se de concorrente ao leito nupcial, como Agripina, outra sobrinha de Cláudio exilada, mãe de Nero e futura esposa de Cláudio. Para Sêneca o exílio veio em lugar da morte, visto que foi solicitada para ele a pena de morte, acusado que foi de adultério. Ironicamente quem o livrou da morte na época foi Cláudio²⁵⁴. Essa angústia por ter sido exilado por Cláudio, embora o mesmo *princeps* tenha evitado a sua morte, revela-se com toda a força contra Cláudio nesta derrisão que é a *Apocolocintose*. Sobre a segunda Júlia citada, ela era filha de Druso e também foi acusada de adultério²⁵⁵. Silano era filho de Emília Lépidia, neta de Júlia, filha de Augusto. Já citado na *Apocolocintose* (VIII, 1), Lúcio Silano era noivo de Otávia, filha de Cláudio. Agripina, mãe do futuro imperador Nero, preparou intrigas incestuosas em relação a Silano e à irmã deste, Júnia Calvina. Cláudio o condenou e este se matou no dia do casamento do *princeps* com Agripina²⁵⁶.

À parte a importância dos dados históricos, que demonstram a crueldade de Cláudio, a ironia se faz mais incisiva na expressão ‘divino Cláudio’ (*diue Claudi*), pois a idéia de divino para Sêneca passa pela capacidade de salvar multidões, como escrito no fragmento acima do *De Clementia*. A ironia também se faz presente na referência novamente ao hábito da imprevisibilidade do *princeps* ao condenar as pessoas sem dar a elas a oportunidade de defesa, costume contrário às atitudes divinas.

Sêneca encadeia o período final deste trecho analisado em que faz referência às atitudes divinas com o parágrafo seguinte:

Ecce Iuppiter, qui tot annos regnat, uni Volcano crus fregit, quem Πῖψε ποδὸς τεταγῶν ἀπὸ βηλοῦ θεσπεσίοιο. Et iratus fuit uxori et suspendit illam: numquid occidit? Tu Messalinam, cuius aequae auunculus maior eram quam

²⁵³ Cf. Tácito, *Anais*, XIII, 42.

²⁵⁴ Cf. *Consolação a Políbio*, XIII, 2: *Quorum me quoque spectatorem futurum, quae ex uirtutibus eius primum optinet locum, promittit clementia. Nec enim sic me deiecit, ut nollet erigere, immo ne deiecit quidem, sed impulsus a fortuna et cadentem sustinuit et in praeceps euntem leniter diuinae manus usus moderatione deposuit: deprecatus est pro me senatum et uitam mihi non tantum dedit sed etiam petit.* (A sua clemência que, entre outras virtudes, ocupa o primeiro lugar, me assegura que eu mesmo serei um de seus espectadores. Na verdade, ele não me derrubou de modo a não querer me levantar, pelo contrário, ele nem mesmo me derrubou, mas impelido pela Sorte, e enquanto eu caía, ele me protegeu e, como rolava para o abismo, usando com moderação as suas mãos divinas, colocou-me suavemente no chão: intercedeu por mim no senado, e não só me concedeu a vida, mas também a pediu.) Tradução de Cleonice Furtado (*Cartas Consolatórias*, Editora Pontes, p 113).

²⁵⁵ Suetônio escreve em *Cláudio*, 29: *Iuliasque, alteram Drusi, alteram Germanici filiam, crimine incerto nec defensione ulla data occidit* (matou as duas Júlias, uma filha de Druso, outra de Germânico, sob acusações vagas e sem lhes conceder o direito de defesa).

²⁵⁶ Cf. Tácito, *Anais*, XII, 3, 4, 8.

tuus, occidisti. — Nescio, inquis. — Di tibi male faciant! adeo istuc turpius est, quod nescisti, quam quod occidisti.

Eis Júpiter, que por numerosos anos reina e que uma vez quebrou a perna de Vulcano, quando *Ῥῖψε ποδὸς τεταγῶν ἀπὸ βηλοῦ θεσπεσίοιο* (agarrou-o por um pé e levantou-o mais alto que o umbral dos deuses). E também Júpiter estava com raiva da mulher e a sacudiu: acaso a matou? Tu mataste Messalina, cujo tio dos pais era eu como tu eras tio dela. “Não tenho conhecimento”, dizes. Que os deuses façam-te desgraçadamente! Muito mais torpe é este por ter ignorado do que por ter matado. (*Apocol.*, XI, 1).

O autor da *Apocolocintose* retoma uma das características da menipéia, que é a fusão do gênero considerado alto – no caso, a *Iliada* – com a sátira a Cláudio, considerada gênero baixo. Isso se dá com a citação de verso homérico que menciona o acontecido com Vulcano e se dá com a alusão ao acontecido com Juno²⁵⁷. Suspender e quebrar pernas eram costumes dos romanos mais severos²⁵⁸, mas não matavam, como Sêneca denuncia o ato de Cláudio no excerto analisado. Na passagem, há o argumento de Augusto para que não se faça de Cláudio um deus ao comparar a atitude de Júpiter, deus supremo, às atitudes de Cláudio, incompatíveis com a divindade. A partir de Júlio César, o *princeps* associava-se a um deus, como Augusto e Nero a Apolo. Cláudio associou-se ao próprio Júpiter, daí a ironia e a intenção de Sêneca no trecho acima analisado.

Embora não tenha motivos para defender Messalina, Sêneca coloca na boca de Augusto o amparo a ela²⁵⁹, com a intenção clara de ressaltar a crueldade, a indiferença e os esquecimentos de Cláudio. Sobre isso, Suetônio²⁶⁰ escreve: *Inter cetera in eo mirati sunt homines et obliuionem et inconsiderantiam* (causava espanto, entre outras coisas, a sua faculdade de esquecer e a sua irreflexão). Sêneca encerra o excerto salientando mais uma faceta de Cláudio, além de todo o morticínio causado: a indiferença às pessoas e ao que acontecia ao seu redor.

²⁵⁷ Cf. *Iliada*, I, 591 para Vulcano e XV, 18-24 para Juno.

²⁵⁸ Cf. Plauto (*Poenulus*, 396) e o próprio Sêneca (*De ira*, III, 32).

²⁵⁹ Messalina era filha de Barbato Messala, primo de Cláudio, como dito por Suetônio, *Cláudio*, 26.

²⁶⁰ *Cláudio*, 39. Tácito (*Anais*, XI, 38) também relata a insensibilidade de Cláudio: (...) *ullius denique humani adfectus signa dedit, non cum laetantis accusatores aspiceret, non cum filios maerentis* [(...) conservou-se sempre insensível a todos os sentimentos naturais, quer visse os acusadores exultando de alegria, quer seus próprios filhos abismados em pranto].

No próximo parágrafo, Sêneca – por meio de Augusto – traz à tona mais dados históricos relacionados aos assassinatos provocados por Cláudio:

C. Caesarem non desiit mortuum persequi. Occiderat ille socerum: hic et generum. Gaius Crassi filium uetuit Magnum uocari: hic nomen illi reddidit, caput tulit. Occidit in una domo Crassum, Magnum, Scriboniam, /Tristionias, Assarionem,/ nobiles tamen, Crassum uero tam fatuum, ut etiam regnare posset. Hunc nunc deum facere uultis? Videte corpus eius dis iratis natum. Ad summam, tria uerba cito dicat, et seruum me ducat.

E ele não deixa de seguir os caminhos do morto Caio César. Este havia assassinado o sogro. Aquele, também o genro. Caio proibiu que o filho de Crasso fosse chamado de Magno: Cláudio restituiu-lhe o nome, no entanto tirou-lhe a cabeça. Matou, em uma só família, Crasso, Magno, Escribônia, os Tristiões, Assariões, todavia nobres e, na verdade, Crasso tão estúpido que também poderia governar. Agora quereis torná-lo deus? Vedes o corpo dele, nascido de uma cólera divina. Em suma, diga ele rapidamente três palavras e conduza-me como seu escravo. (*Apocol.*, XI, 2-3).

A maestria por parte de Sêneca na composição revela-se no início deste parágrafo com o período *C. Caesarem non desiit mortuum persequi* (e ele não deixa de seguir os caminhos do morto Caio César). No trecho Caio César é Calígula, e a frase pode ser associada à passagem do parágrafo anterior (muito mais torpe é este por ter ignorado do que por ter matado) no que diz respeito aos esquecimentos, visto que Calígula esquecia-se de que havia matado as pessoas²⁶¹. A frase composta por Sêneca pode também se referir aos períodos seguintes, visto que há um compêndio dos assassinatos cometidos por Calígula e por Cláudio. Interessante observar que Sêneca nivela Calígula e Cláudio por baixo, e isso é feito na voz de Augusto, parente próximo dos dois detratados. Outro dado relevante é o elenco de famílias citadas, todas nobres²⁶²; enxerga-se aí um componente de grande valor, porque Sêneca exterioriza aos familiares vivos a crueldade de Cláudio para assim ganhar a adesão deles contra o *princeps* morto.

²⁶¹ Cf. Suetônio, *Calígula*, 26: *citare nihilo minus ut uiuos perseuerauit, paucos post dies uoluntaria morte perisse mentitus* (sem embargo, continuou a referir-se às vítimas como se estas estivessem vivas ainda. Poucos dias decorridos, atribuíu-lhes mentirosamente uma morte voluntária).

²⁶² Cf. Suetônio, *Calígula*, 23, 35 e *Cláudio*, 29.

Ainda neste excerto, há nova referência ao questionamento de transformar Cláudio em deus, como analisado na *Apocolocintose* VIII, 1, logo que Cláudio adentrou na Cúria celestial. Reporta-se ao corpo do *princeps* e sua forma com a comum expressão romana *dis iratis natum* (nascido de uma cólera divina), expressão essa que aparece da mesma forma em vários outros escritores, geralmente relacionados ao gênero baixo²⁶³. Nada mais é do que a estrutura da sátira menipéica em concatenar um discurso eloqüente na voz do grande governante romano – Augusto – com as representações coloquiais de textos satíricos e teatrais. O parágrafo termina com caricatura da dificuldade de Cláudio em articular e pronunciar palavras (*tria uerba cito dicat*²⁶⁴ – diga ele rapidamente três palavras), ridicularizado pelo mesmo motivo em outras passagens da *Apocolocintose* e fato também relacionado por historiadores²⁶⁵. Essa última ridicularização passa por expressão comum, que termina com eventual alusão à fórmula usada para se reclamar um escravo²⁶⁶.

O parágrafo seguinte traz:

Hunc deum quis colet? quis credet? Dum tales deos facitis, nemo uos deos esse credet. Summa rei, P.C., si honeste me inter uos gessi, si nulli durius respondi, uindicat iniurias meas. Ego pro sententia mea hoc censeo.” Atque ita ex tabella recitauit:

Um deus? Este? Quem o honrará? Quem confiará nele? Enquanto fazeis tais deuses, ninguém acreditará que vós sois deuses. Em suma, ó pais conscritos, se me mantive honestamente entre vós, se eu nunca respondi a ninguém de forma mais dura, vingai minhas ofensas. Eu, diante da minha consideração, dou o seguinte parecer”: e desse modo leu em voz alta de uma tábua: (*Apocol.*, XI, 4).

O autor da *Apocolocintose* continua seu discurso contra Cláudio através da voz, no céu, de Augusto. Há no início desta passagem menção por meio de um questionamento à forma de culto a Cláudio, caso seja divinizado. Essa mesma relação Sêneca já fizera em *Apocolocintose* VIII, 3 com a informação de um templo em Camaloduno, na Bretanha, considerado pelos habitantes daquela região como um

²⁶³ Cf. Horácio (*Sátiras*, II, 3, 8), Fedro (*Fábulas*, IV, 21, 15) e Plauto (*Mostelaria*, 563).

²⁶⁴ Sobre esta expressão, o mesmo Sêneca a utiliza em *Cartas a Lucílio*, 40, 9.

²⁶⁵ Cf. Suetônio, *Cláudio*, 4.

²⁶⁶ Para a mesma expressão, cf. Plauto, *Trinummus*, 963.

símbolo de escravidão²⁶⁷. Como a Cúria celestial é uma paródia da Cúria romana, Sêneca faz uma crítica direta aos senadores romanos ao questionar a credibilidade de tais senhores em *dum tales deos facitis, nemo uos deos esse credet* (enquanto fazeis tais deuses, ninguém acreditará que vós sois deuses), ou de outra maneira, ninguém acreditará na nobreza dos detentores do poder em Roma. Com a mesma praxe dos senadores romanos, Sêneca faz Augusto tomar uma tábua em que se inscreve a sentença de Cláudio, a ser lida e executada. Este momento pode ser considerado um dos pontos altos da *Apocolocintose*, porque é exatamente o desejo que Sêneca guardou por muitos anos e que se realizará nesta derrisão ao *princeps* morto.

A sentença e a sua execução estão nos dois parágrafos seguintes:

“quandoquidem Diuus Claudius occidit socerum suum Appium Silanum, generos duos Magnum Pompeium et L. Silanum, socerum filiae suae Crassum Frugi, hominem tam similem sibi quam ouo ouum, Scriboniam socrum filiae suae, uxorem suam Messalinam et ceteros quorum numerus iniri non potuit, placet mihi in eum seuerè animaduerti nec illi rerum iudicandarum uacationem dari, eumque quam primum exportari et caelo intra triginta dies excedere, Olympo intra diem tertium.” Pedibus in hanc sententiam itum est. Nec mora, Cyllenius illum collo obtorto trahit ad Inferos, Vnde negant redire quemquam.

“Na verdade, o divino Cláudio matou seu sogro Ápio Silano, seus dois genros, Magno Pompeio e Lúcio Silano, o sogro de sua filha, Crasso Frugi, homem tão similar a ele quanto um ovo a outro, a sogra de sua filha, Escribônia, sua esposa Messalina e outros cujo número não pode ser estabelecido, por isso agrada-me que ele seja castigado severamente, nem seja dado o perdão dos fatos a serem julgados e que na primeira ocasião ele seja deportado. Que se retire do céu dentro de trinta dias e do Olimpo em três dias.” Acatou-se a sentença rapidamente. Sem demora, Mercúrio, apertando o pescoço de Cláudio, arrasta-o para os infernos, *Vnde negant redire quemquam* (de onde negam que alguém volte). (*Apocol.*, XI, 5-6).

²⁶⁷ Cf. Tácito *Anais*, XIV, 31.

O longo e veemente discurso proferido por Augusto – que nada mais é do que o desabafo de Sêneca – na Cúria celestial contra a apoteose de Cláudio entra em sua parte final com a retomada²⁶⁸ dos nomes daqueles que foram assassinados por Cláudio. As características da paródia ao discurso de Augusto também permanecem no excerto com o dito popular *hominem tam similem sibi quam ouo ouum* (homem tão similar a ele quanto um ovo a outro), em que são comparados Cláudio e Crasso Frugi²⁶⁹; além disso, Sêneca faz nova relação intratextual com o início da *Apocolocintose* (I, 1), quando citou o provérbio *aut regem aut fatuum nasci oportere* (ser conveniente nascer ou rei ou tolo). Além de seguir o estilo de Augusto, Sêneca utiliza-se da linguagem oficial do senado em *caelo intra triginta dies excedere, Olympo intra diem tertium* (que se retire do céu dentro de trinta dias e do Olimpo em três dias). Por metonímia pode-se corresponder *caelo* (céu) à Itália e *Olympo* (Olimpo) a Roma, visto que também há analogia entre Cúria celestial e a Cúria romana. A sentença final marca também o fim do longo discurso de Augusto, que condenou Cláudio da mesma forma que este *princeps* presidia os julgamentos em Roma, de maneira rápida e peremptória sem deixar o réu se defender.

Infere-se que Sêneca, ao fazer Augusto porta-voz de sua derrisão contra Cláudio com um discurso tão incisivo, abarca alguns caminhos. O primeiro diz sobre o poder que Augusto possuía sobre o povo romano e de como esta população o venerava. A palavra de Augusto era decisiva quando governante, e isso permanece no texto de Sêneca. Outro dado interessante é a ligação que havia entre Apolo e Augusto, pois no governo deste as representações apolínicas eram o símbolo de uma nova ordem divina sancionada, em que a piedade e a obediência em relação aos deuses desempenham papel mais importante. Nero também se relaciona com Apolo, e seu governo é patrocinado por este deus²⁷⁰. Como Apolo é patrono de Augusto e Nero, no veredicto de Augusto pode-se ler também a indicação de uma nova ordem e forma de governo a ser implantada por Nero. Augusto é o modelo a ser seguido e é sempre citado em outros textos. Uma observação interessante pode ser feita em comparação com a pretexto *Otávia*, peça atribuída a Sêneca. Na *Otávia* há uma crítica aos desmandos de Nero, às mortes provocadas pelo imperador, e Augusto é citado também, dessa vez contra Nero:

²⁶⁸ Cf. *Apocolocintose*, XI, 2.

²⁶⁹ Idem, *ibidem*. No parágrafo citado, Sêneca escreve sobre Crasso Frugi: *nobiles tamen, Crassum uero tam fatuum, ut etiam regnare posset* (todavia nobres e, na verdade, Crasso tão estúpido que também poderia governar).

²⁷⁰ Idem, IV, 1 e Suetônio, *Nero*, 53.

Vtinam suorum facinorum poenas luat/ Nero insituius Domitio genitus patre,/ orbis tyrannus, quem premit turpi iugo/ morumque uitiiis nomen Augustum inquinat! (Oxalá possa merecer o castigo de seus crimes esse Nero de adoção, filho de Domício, tirano do mundo que ele esmaga com seu jugo vergonhoso, conspurcando o nome de Augusto com a infâmia de seus costumes)²⁷¹. Além disso, Sêneca, ao fazer uso da imagem de Augusto sentenciando Cláudio, elabora a *Apocolocintose* como uma *consecratio* (consagração), honra de divinização atribuída a alguns imperadores, ao contrário, já que destina Cláudio ao inferno.

Com este novo comando em Roma, o caminho para Cláudio não é outro que não o inferno, e é isso o que sucede na *Apocolocintose*. Mercúrio é o encarregado de levar Cláudio dali, e a punição ao *princeps* começa já na maneira de ser transportado, com o estrangulamento. Uma das funções de Mercúrio é exatamente a de levar as almas dos mortos e, quando realiza essa função, é cognominado de psicopompo. O período se encerra com a retomada do poema de Catulo, já citado por Sêneca nesta derrisão a Cláudio²⁷². Na primeira citação de verso do Catulo, comparou-se Hércules ao pássaro de Lésbia por causa de sua maneira de agir; agora a comparação do pássaro de Lésbia é com o próprio Cláudio. Todavia o mais importante contido no verso catuliano é a informação de que do Hades não há retorno, exatamente o desejo de Sêneca em relação a Cláudio. Com isso, Sêneca põe fim ao percurso do *princeps* no céu e conseqüentemente a sua tentativa de divinização. Com Cláudio dessacralizado, Sêneca parte agora para desconstruir a imagem do *princeps* na terra, com o funeral dele.

A *Apocolocintose* continua com a descida de Cláudio em direção ao Hades, arrastado por Mercúrio:

Dum descendunt per uiam Sacram, interrogat Mercurius quid sibi uelit ille concursus hominum, num Claudii funus esset? Et erat omnium formosissimum, et impensa cura, plane ut scires deum effferri. Tubicinum, cornicinum, omnis generis aenatorum tanta turba, tantus conuentus, ut etiam Claudius audire posset. Omnes laeti, hilares; populus romanus ambulabat tanquam liber. Agatho et pauci causidici plorabant, sed plane ex animo. Iurisconsulti e tenebris procedebant, pallidi, graciles, uix animam habentes, tanquam qui tum maxime reuiuiscerent. Ex his unus cum uidisset capita conferentes et fortunas suas

²⁷¹ *Octavia*, 249-251. Texto inédito de Zelia de Almeida Cardoso.

²⁷² Catulo, 3. Cf. *Apocolocintose*, IX, 6.

deplorantes causidicos, accedit et ait: “Dicebam uobis: non semper Saturnalia erunt.”

Enquanto descem pela via Sacra, Mercúrio interroga-se o que desejaria ali aquele encontro de homens, acaso seria o enterro de Cláudio? Não só era o funeral todo ele o mais formoso como também o ofício era importante, que perfeitamente se sabia que um deus era enterrado. Tão grande multidão de todo o gênero de músicos, de tocadores de trombetas e de cornetas, tão grande assembléia que até mesmo Cláudio podia ouvir. Todos felizes, risonhos: o povo Romano andava como um povo livre. Ágato e uns poucos advogados choravam, mas inteiramente de coração. Os juriconsultos saíam das sombras, pálidos, franzinos, tendo apenas a vontade, como exatamente quem então tornasse à vida. Um desses juízes, quando teria visto os que se reuniam e os advogados que choravam suas sortes, aproximou-se e disse-lhes: “Eu vos falava: não haverá sempre as Saturnais” (*Apocol.*, XII, 1-2).

Sêneca transporta o leitor para a cerimônia fúnebre de Cláudio, ocorrida na via Sacra. Mercúrio surpreende-se com a quantidade de pessoas presentes, e isso é escrito de forma irônica por Sêneca, mesmo que a solenidade tenha competido com o funeral de Augusto, segundo relatam Tácito²⁷³ e Suetônio²⁷⁴. Este último historiador ainda faz menção ao ato de Nero de retirar de Cláudio o título de divino, numa referência ao assunto de que trata a *Apocolocintose*. Eis o que escreve o historiador: *funeratusque est sollemni principum pompa et in numerum deorum relatus; quem honorem a Nerone destitutum abolitumque recepit mox per Vespasianum* (seus funerais se efetuaram com a pompa usada pelos imperadores e o incluíram no número dos deuses. Esta honra, de que se viu privado e despojado por Nero, foi-lhe logo restituída por Vespasiano).

Outra ironia se faz presente em relação ao estrondo provocado pelos músicos, na alusão de que até os mortos poderiam ouvir o que ali acontecia, e que agora Cláudio, morto, finalmente notava o que estava acontecendo – algo que não fazia quando vivo e no poder²⁷⁵. Horácio menciona também a presença de cantores em funerais ao criticar

²⁷³ Cf. Tácito, *Anais*, XII, 69: *caelestesque honores Claudio decernuntur et funeris sollemne perinde ac diuo Augusto celebratur* (decretam-se a Cláudio as honras celestes, e o funeral se faz com a mesma pompa com que já se havia feito o de Augusto).

²⁷⁴ Cf. Suetônio, *Cláudio*, 45 e *Nero*, 9.

²⁷⁵ Cf. Suetônio, *Cláudio* 8.

um romano da época: *at hic, si plostra ducenta/ concurrantque foro tria funera magna, sonabit,/ cornua quod vincatque tubas* (mas este, se concorrem no foro duzentos carros e três funerais, faria ressonar sua voz por cima dos cornos e das trombetas)²⁷⁶. Dado interessante na composição de Sêneca é o relato que faz dos costumes dos artistas e a opinião crítica que tem sobre eles, como escrito em: *Exspiravit autem dum comoedos audit, ut scias me non sine causa illos timere* (Expirou, seguramente, enquanto ouvia atores cômicos, para que saibas que não é sem motivo que os receio)²⁷⁷. Ainda sobre cantores o mesmo Sêneca retoma o assunto em uma de suas *Cartas a Lucílio* e nos informa: *De choro dico quem ueteres philosophi nouerant: in commissionibus nostris plus cantorum est quam in theatris olim spectatorum fuit* (digo a respeito do coro a quem os antigos filósofos conheceram: nas nossas representações teatrais existem mais cantores do que nos teatros outrora houve espectadores)²⁷⁸.

O funeral de Cláudio apresenta grande número de pessoas, entretanto Sêneca não faz um panegírico do *princeps*; ao contrário, mostra o alívio dos romanos por se verem livre de um governante ruim. Prossegue Sêneca com o choro dos advogados, dado que se relaciona ao mencionado por Tácito²⁷⁹. Cláudio dava condições favoráveis a alguns advogados e exercia opressão sobre juízes, ele mesmo sendo juiz em várias ocasiões e desprestigiando o trabalho dos magistrados. É nítida a crítica de Sêneca a essa forma de tratamento dos advogados e mais visível a referência às mudanças que Nero, o novo *princeps*, irá realizar na conjuntura das leis romanas. De fato Nero realizou algumas mudanças relativas aos advogados nos primeiros anos de seu governo como atestam Suetônio (*Nero*, 17) e Tácito (*Anais*, XIII, 5). A fala final do fragmento é indiscutível sob esse ponto de vista, quando Sêneca, por meio de um juiz, expressa *dicebam uobis: non semper Saturnalia erunt* (eu vos falava: não haverá sempre as Saturnais) em uma nova relação com a própria *Apocolocintose* (VIII, 2), em que Cláudio fora nomeado *Saturnalicus princeps* (príncipe das Saturnais). A crítica de Sêneca incide sobre a analogia do governo de Cláudio com as Saturnais²⁸⁰, festas em que a ordem social era quebrada de 17 a 23 de dezembro. Entretanto Sêneca condena Cláudio pela ininterrupta Saturnal que o *princeps* proporcionava.

²⁷⁶ Horácio, *Sermones*, I, 6, 42-44.

²⁷⁷ *Apocolocintose*, IV, 2.

²⁷⁸ *Cartas a Lucílio*, 84, 10.

²⁷⁹ *Anais*, XI, 5: *nec quicquam publicae mercis tam uenale fuit quam aduocatorum perfidia* (com efeito, nunca houve coisa alguma tão venal como a perfídia dos advogados daquele tempo).

²⁸⁰ A palavra saturnal, além de significar a dita festa, também ficou como sinônimo de desregramento. Petrônio (*Satyricon*, XLIV, 3) é outro autor que cita a expressão.

Outro ponto forte na construção da sátira menipéia está na seqüência com a nênia:

Claudius, ut uidit funus suum, intellexit se mortuum esse. Ingenti enim μεγάλῳ χορικῶ naenia cantabatur anapaestis:

“Fundite fletus!

Edite planctus!

Resonet tristi

Clamore Forum:

Cecidit pulchre

Cordatus homo,

Quo non alius

Fuit in toto

Fortior orbe.

Ille citato

Vincere cursu

Poterat celeres,

Ille rebelles

Fundere Parthos

Leuibusque sequi

Persida telis,

Certaque manu

Tendere neruum

Qui praecipites

Vulnere paruo

Figeret hostes

Pictaque Medi

Terga fugacis.

Ille Britannos

Vltra noti

Litora ponti

Et caeruleos

Scuta Brigantas

Dare romuleis

Colla catenis
Iussit et ipsum
Noua romanae
Iura securis
Tremere Oceanum.
Deflete uirum,
Quo non alius
Potuit citius
Discere causas,
Vna tantum
Parte audita,
Saepe et neutra.
Quis nunc iudex
Toto lites
Audiet anno?
Tibi iam cedit,
Sede relicta,
Qui dat populo
Iura silenti,
Cretaea tenens
Oppida centum
Caedite maestis
Pectora palmis,
O causidici,
Venale genus!
Vosque, poetae,
Lugete, noui;
Vosque in primis
Qui concusso
Magna parastis
Lucra fritillo!”

Cláudio, ao ver seu enterro, compreendeu que morrerá. Com efeito, em poderoso grande coro (μεγάλῳ χορικῶ), uma nênia era cantada em versos anapésticos:

Derramai choros!
Expedi prantos!
Ressoe com triste
clamor o Fórum:
morreu belamente
um cordato homem,
pois nenhum outro
foi em todo o orbe
mais vigoroso.
Com passo veloz
vencer na corrida
ele podia aos velozes,
podia derrotar
os revoltosos Partos
e, com rápidos dardos,
perseguir os Persas;
também com precisa mão
podia estender
os músculos, que varava
com sutil ferida
os inimigos ousados
e as costas pintadas
dos fugitivos Medos.
Aos Britanos,
além das praias
do conhecido mar,
e aos escudos
dos Brigantos azulados,
ordenou curvarem a cabeça
às cadeias de Roma
e também mandou
às novas leis
do poder Romano fazer
tremor o próprio Oceano.

Lastimai o homem,
 pois nenhum outro
 pôde com mais rapidez
 conhecer os processos,
 tanto uma parte
 sendo ouvida como,
 às vezes, nenhuma.
 Qual juiz agora
 ouvirá demandas
 o ano todo?
 Com a cadeira abandonada,
 Ceder-te-á aquele
 que dá as leis
 ao povo sem voz,
 aquele que tem cem
 cidadelas em Creta.
 Golpeai os peitos
 com palmas tristes,
 ó advogados,
 raça venal!
 E vós, poetas novos,
 gemei,
 e vós que, primeiramente
 ao agitar
 o copo de jogar,
 alcançais um grande lucro.” (*Apocol.*, XII, 3).

Nênia em versos anapésticos significa um canto fúnebre formado de três sílabas, as duas primeiras breves e a última longa. Cícero²⁸¹ diz que nênia era um canto de luto, em que não só se lamentava, como também se convidava a chorar a morte de um homem ilustre. Além disso, cantavam-se seus feitos. Assim relata Cícero: *Honoratorum uirorum laudes in contione memorentur, easque etiam <et> cantus ad tibicinem*

²⁸¹ *De Legibus*, II, 62.

prosequatur, cui nomen neniae, quo uocabulo etiam <apud> Graecos cantus lugubres nominantur (as glórias dos homens honrados eram lembradas na assembléia, e junto do flautista as acompanhava um canto, cujo nome era nênia e pelo mesmo vocábulo também junto aos gregos os cantos lúgubres foram nomeados). Suetônio (*Augusto*, 100) informa que no funeral de Augusto nênias foram cantadas, entretanto não há a informação em Suetônio e Tácito sobre o mesmo ter ocorrido no funeral de Cláudio. À parte isso, como convém à sátira menipéia – em que gêneros e estilos se misturam –, Sêneca conhecia este gênero, faz paródia deste canto fúnebre e, presta assim, sua homenagem irônica a Cláudio. Mais uma vez a maestria estilística de Sêneca em ajustar o gênero à intenção de derrisão ao *princeps* morto.

Em nosso trabalho de pesquisa dividimos a nênia composta por Sêneca em três partes, cada uma com um determinado foco e assunto. Consideramos a seguinte estrutura nesta nênia: de *Fundite fletus!* (Derramai choros!) a *Tremere Oceanum* (tremar o próprio Oceano), depois de *Deflete uirum* (Lastimai o homem) a *Cretaea oppida centum* (cem cidadelas em Creta) e a seguir de *Caedite maestis/ Pectora palmis* (Golpeai os peitos/ com palmas tristes) ao final deste canto fúnebre. E como Sêneca não deixaria por menos, em toda a nênia há a caracterização derrisória de Cláudio.

A primeira parte, conforme nossa divisão, é também a mais extensa, com 34 versos. Apresenta uma pequena introdução em que se faz conhecer quem é o homenageado, e logo após os feitos fora de Roma são indicados ao leitor. Logo no início da nênia há a convocação ao pranto pela morte de Cláudio, entretanto do quinto ao nono versos [*Cecidit pulchre/ Cordatus homo/ Quo non alius/ Fuit in toto/ Fortior orbe* (morreu belamente/ um cordato homem,/ pois nenhum outro/ foi em todo o orbe/ mais vigoroso)] os escárnios principiam, com as alusões ao comportamento do *princeps*. Cordato e vigoroso marcam de forma mais incisiva a ironia desses versos. A palavra cordato, derivada de coração, rememora outra passagem desta mesma *Apocolocintose* (VIII, 1), em que Sêneca escreveu sobre Cláudio o seguinte: Há algum traço de deus estóico nele, vejo agora: não tem coração nem cérebro. Este último período (VIII, 1) foi dito no céu por uma divindade, e o vocábulo *cordatus* (cordato) pelas pessoas que acompanham o funeral do *princeps*. Sêneca deixa claro que Cláudio é reconhecido no céu e na terra pela insensatez e que, portanto, seu destino é o inferno. A palavra vigoroso é outra carregada de insinuações a respeito de Cláudio. A capacidade de decisão e o próprio vigor não foram escarneados somente por Sêneca nesta sátira

menipéia, mas também os historiadores²⁸² comentam em seus textos essa característica do *princeps* morto.

Ainda nesta primeira parte, os versos *Ille citato/ Vincere cursu/ Poterat celeres,/ Ille rebelles/ Fundere Parthos/ Leibusque sequi/ Persida telis* (Com passo veloz/ vencer na corrida/ ele podia aos velozes,/ podia derrotar/ os revoltosos Partos/ e, com rápidos dardos,/ perseguir os Persas) continuam com veemência a desconstrução de Cláudio. Recorde-se a passagem da *Eneida*²⁸³ e a comparação feita nesta *Apocolocintose* (I, 2) com a deficiência física de Cláudio. Dessa forma as palavras veloz, corrida, velozes e rápidos estabelecem a ironia em relação ao morto. Outra ironia se faz em relação aos Partos, inimigos tradicionais dos romanos; todavia Cláudio esquivou-se de enfrentá-los. Para o leitor contemporâneo de Sêneca, a nênia – canto triste por ser fúnebre – transforma-se em um texto extremamente humorístico com as referências aos desatinos de Cláudio.

Os aspectos satíricos prosseguem com os versos *Certaque manu/ Tendere neruum/ Qui praecipites/ Vulnere paruo/ Figeret hostes/ Pictaque Medi/ Terga fugacis* (também com precisa mão/ podia estender/ os músculos, que varava/ com sutil ferida/ os inimigos ousados/ e as costas pintadas/ dos fugitivos Medos). Há nova referência ao vigor do *princeps* com ‘precisa mão’, da mesma forma já aludido nesta mesma nênia e na expressão *illo gestu solutae manus* (com aquele gesto de mão frouxa), quando determinou que Febre deixasse de acompanhá-lo no céu²⁸⁴. Interessante observar que Sêneca procura retratar as situações de forma o mais verossímil possível, como no caso dos Medos, povo cuja tática de guerra consistia em simular a retirada do local para depois cair de surpresa sobre os inimigos. Com essa verossimilhança, Sêneca credibiliza também as informações a respeito de Cláudio, e além de ser a intenção de Sêneca isso é uma das características da sátira menipéia: apresentar o homem na sua essência e na sua totalidade²⁸⁵.

Na seqüência final desta longa primeira parte, a nênia de Cláudio apresenta os versos *Ille Britannos/ Vltra noti/ Litora ponti/ Et caeruleos/ Scuta Brigantas/ Dare romuleis/ Colla catenis/ Iussit et ipsum/ Noua romanae/ Iura securis/ Tremere Oceanum* (Aos Britanos,/ além das praias/ do conhecido mar,/ e aos escudos/ dos

²⁸² Cf. Suetônio, *Cláudio*, 35.

²⁸³ *Eneida*, II, 724: *Non passibus aequis* (com passos desiguais). No livro de Virgílio, o pequeno Iulo se agarra à mão de Enéias e o segue “com passos desiguais”.

²⁸⁴ *Apocolocintose*, VI, 2.

²⁸⁵ BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 115.

Brigantos azulados,/ ordenou curvarem a cabeça/ às cadeias de Roma/ e também mandou/ às novas leis/ do poder Romano fazer/ tremer o próprio Oceano). Outra vez a inserção de fatos históricos, com o desejo de veracidade na referência à expedição realizada por Cláudio contra os britanos no ano de 43 d.C. O próprio Sêneca alude aos feitos de Cláudio na *Consolação a Políbio*, porém na ocasião de forma elogiosa, pois estava exilado e precisava conquistar o liberto de Cláudio para assim granjear o perdão do *princeps*. Comparando o trecho *tunc Caesaris tui opera, ut per omnia saecula domestico narrentur praeconio, quantum potes, compone: nam ipse tibi optime formandi condendique res gestas et materiam dabit et exemplum* (reúna, pois, o mais depressa possível, um relato dos feitos de teu César, para que, com um elogio familiar, sejam narrados por todos os séculos: o próprio César te fornecerá matéria e exemplo para ordenar e escrever, perfeitamente, uma obra histórica)²⁸⁶ com esta nênia da *Apocolocintose*, percebe-se claramente as intenções de Sêneca nas duas ocasiões, a do próprio exílio e a da morte de Cláudio. Sobre outras relações intertextuais, este trecho da nênia composta por Sêneca se coaduna com exatidão ao que escreveu Suetônio em *Cláudio* 17. Ambos retratam a única expedição de Cláudio e o triunfo em relação ao mar (*tremere Oceanum*). Tácito também relata a façanha de Cláudio em *Agricola*, 13, 3. Até em relação à coloração²⁸⁷ dos britanos Sêneca detalha para o leitor, tamanha a preocupação no esmero na composição de um texto que esmiúça os feitos do *princeps* morto.

A segunda parte do canto fúnebre diz respeito aos empreendimentos internos de Cláudio, e a relação de crítica estabelecida por Sêneca novamente se volta para o costume do *princeps* em envolver-se nas discussões judiciais. Com os versos *Deflete uirum,/ Quo non alius/ Potuit citius/ Discere causas,/ Vna tantum/ Parte audita,/ Saepe et neutra* (Lastimai o homem,/ pois nenhum outro/ pôde com mais rapidez/ conhecer os processos,/ tanto uma parte/ sendo ouvida como,/ às vezes, nenhuma) a crítica se faz mais aguda na menção do hábito de Cláudio de julgar sem ouvir os litigantes, fato este relatado da mesma forma por Suetônio em *Cláudio* 15, em que a imprevisibilidade e irresponsabilidade do governante de Roma são ressaltadas. Além disso Sêneca estabelece analogia entre o *princeps* morto e Minos, que já é uma referência ao mundo dos mortos, visto que Minos é um dos juízes do inferno juntamente com Éaco e

²⁸⁶ *Consolação a Políbio*, VIII, 2. Tradução das *Cartas Consolatórias* (Editora Pontes) por Cleonice Furtado Mendonça.

²⁸⁷ Cf. César, *De Bello Gallico*, V, 14: *Omnes uero se Britanni uitro inficiunt, quod caeruleum efficit colore* (verdadeiramente, todos os Britanos tingem-se com a planta pastel, que produz a cor azul).

Radamante. Pressupõe-se na relação Cláudio/ Minos a ironia senequiana de que só no inferno alguém poderia ceder para Cláudio o comando de alguma coisa.

Por fim a terceira parte da nênia, em que de modo mais penetrante Sêneca desfia suas críticas aos advogados, poetas novos e praticantes de jogos de azar. *Venale genus!* (raça venal!) é a forma com que Sêneca se dirige aos advogados. Rememore-se nesta mesma *Apocolocintose*²⁸⁸ a referência àqueles que choravam a morte de Cláudio com sinceridade, e assim a crítica de Sêneca adquire sentido, já que Cláudio dava condições favoráveis a alguns advogados²⁸⁹ e exercia opressão sobre juízes, ele mesmo sendo juiz em várias ocasiões e desprestigiando o trabalho dos magistrados. Crítica feroz aos homens da lei também quem faz é Petrônio no *Satyricon*²⁹⁰: *Quid faciunt leges, ubi sola pecunia regnat,/ aut ubi paupertas vincere nulla potest?! (...)/ Ergo iudicium nihil est nisi publica merces,/ atque eques in causa qui sedet empta probat* [Que fazem as leis,/ onde somente o dinheiro reina,/ ou a pobreza não pode vencer nada?! (...)/ Portanto um processo nada é a não ser comércio público,/ e o cavaleiro que numa causa se fixa reconhece os subornos]. Logo a condenação a Cláudio passa também pela reprovação dos atos daqueles que se aproveitavam do governo de Cláudio, e Sêneca censura as iniquidades provocadas por essas pessoas. Além disso sinaliza para a nova época que se inaugura com Nero, época de justiça e clemência.

Depois dos advogados, os poetas são o alvo de exame crítico por parte do autor da *Apocolocintose*. Sêneca dedicou um capítulo de sua sátira a Cláudio para a crítica à poesia frívola de sua época, e retoma esse mesmo escárnio aos poetas até como forma de manter na memória do leitor o rol de críticas feitas na *Apocolocintose*. Além de trazer portanto à memória do leitor as críticas, Sêneca finaliza a nênia inserindo uma informação nova, que até então não havia sido citada e, conseqüentemente, escarnekida: a relação de Cláudio com os jogos de azar ao citar que aqueles que alcançam lucro com os jogos devem chorar pelo *princeps*. Essa crítica ao jogo será a tônica ao final da *Apocolocintose*, e infere-se que a citação sobre esse assunto nesta parte da sátira tem como função ser uma espécie de preparação para o grande final do texto de Sêneca em que, como veremos, Cláudio será condenado a ficar jogando eternamente no inferno.

No próximo capítulo da *Apocolocintose* temos:

²⁸⁸ XII, 2.

²⁸⁹ Tácito (*Anais*, XI, 5) escreve: *nec quicquam publicae mercis tam uenale fuit quam aduocatorum perfidia* (com efeito, nunca houve coisa alguma tão venal como a perfídia dos advogados daquele tempo).

²⁹⁰ XIV, 2.

Delectabatur laudibus suis Claudius et cupiebat diutius spectare. Inicit illi manum Talthybius deorum et trahit capite obuoluto, ne quis eum possit agnoscere, per Campum Martium, et inter Tiberim et uiam Tectam descendit ad Inferos. Antecesserat iam compendiarum Narcissus libertus ad patronum excipiendum, et uenienti nitidus, ut erat a balineo, occurrit et ait: “Quid di ad homines?” “_Celerius!” inquit Mercurius, “et uenire nos nuntia.” Dicto citius Narcissus euolat.

Cláudio era afagado por seus louvores e desejava avidamente assistir por mais tempo ao seu funeral. O Taltíbio dos deuses lança a mão sobre ele e arrasta-o com a cabeça encoberta, para que ninguém possa reconhecê-lo, e através do campo de Marte, entre o Tibre e a via Tecta, desce para os infernos. Já se havia adiantado por um caminho mais curto para receber o patrono o liberta Narciso, que vem limpo, como quem estava num banho, e aproxima-se e diz: “Quê? Deuses junto aos homens?” “Rápido. Anuncia que nós chegamos”, diz Mercúrio. Narciso sai apressadamente com a ordem. (*Apocol.*, XIII, 1-2)

Uma das marcas da sátira menipéica é a estrutura em planos, como a Terra, o céu e depois o inferno. Sêneca conhece essa categoria da menipéica, e como a intenção é desconstruir a imagem de divino de Cláudio, faz com que o governante morto de Roma percorra esse itinerário, e a partir deste capítulo que ora analisamos desemboque no Hades, onde Sêneca finalizará a derrisão contra o *princeps*. No excerto acima Sêneca faz uso de uma antonomásia para designar Mercúrio na expressão *Talthybius deorum* (Taltíbio dos deuses). Taltíbio na verdade fora o arauto de Agamêmnom na guerra de Tróia e não serviu aos deuses, porém seu nome é sinônimo também para a função de mensageiro. Em oposição ao início desta sátira, em que Sêneca informou ser a via Ápia o caminho para a ascensão aos céus, agora há o conhecimento da direção do inferno através do campo de Marte. O relevante na passagem é o cuidado de Sêneca com detalhes, no trato minucioso que o autor dá à sátira para conseguir assim o efeito máximo pretendido para seu texto. Outro dado importante neste excerto é a inserção do poderoso liberta Narciso, secretário particular de Cláudio. Sêneca escreve que Narciso havia se adiantado por um caminho mais curto, e isso pode ser lido como uma ironia em relação a Agripina e um eufemismo para a morte de Narciso. O liberta poderia atrapalhar a ascensão de Nero ao poder devido à fidelidade à memória de Cláudio e ao

legítimo descendente deste, Britânico. Dessa forma Agripina força Narciso a se matar quando ele se tratava de gota no balneário de Sinuessa, na Campânia²⁹¹. Essa fidelidade de Narciso é retratada por Sêneca na expressão de susto do liberto ao avistar Cláudio: “*Quid di ad homines?* (Quê? Deuses junto aos homens?). Por outro lado, a fala de Narciso pode ser entendida retoricamente como uma zombaria de Sêneca contra aquele que esteve para ser deificado e agora se encontra às portas do inferno.

Os dois parágrafos seguintes trazem:

Omnia procliuia sunt, facile descenditur. Itaque, quamvis podagricus esset, momento temporis peruenit ad ianuam Ditis, ubi iacebat Cerberus uel ut ait Horatius, “belua centiceps”. Pusillum perturbatur (subalbam canem in deliciis habere adsueuerat) ut illum uidit canem nigrum, uillosum, sane non quem uelis tibi in tenebris occurrere. Et magna uoce: “Claudius” inquit “ueniet!” Cum plausu procedunt cantantes: “Εύρήκαμεν, συγχαίρωμεν.” Hic erat C. Silius consul designatus, Iuncus praetorius, Sex. Traulus, M. Heluius, Trogus, Cotta, Vettius Valens, Fabius, equites romani quos Narcissus duci iusserat. Medius erat in hac cantantium turba Mnester pantomimus, quem Claudius decoris causa minorem fecerat.

Todos os caminhos são ladeiras e se desce facilmente. Assim, embora estivesse com gota, em um movimento do tempo Narciso chega à porta de Plutão, onde repousava Cérbero, ou como disse Horácio: “Animal de cem cabeças”. Narciso estava perturbado – acostumara-se com as delícias de ter um cachorro branco – porque viu aquele cão negro, cabeludo, que seguramente tu não desejarias encontrar nas sombras, e em alto som ele diz: “Cláudio chegará!” Com aplauso cantores avançam: nós encontramos-lo, alegremo-nos (*Εύρήκαμεν, συγχαίρωμεν*)! Estavam ali Caio Sílio, cônsul designado, o pretor Junco, Sexto Traulo, Marco Hélvio, Trogo, Cota, Vétio Valente, Fábio e cavaleiros Romanos os quais Narciso tinha ordenado levar a juízo. Estava no meio daquela multidão de cantores o ator Mnester, a quem Cláudio fizera menor como motivo de enfeite. (*Apocol.*, XIII, 3-4).

²⁹¹ Cf. Tácito, *Anais*, XII, 66.

Sêneca inicia o trecho não com uma citação, mas sim com uma paráfrase de passagem da *Eneida*²⁹² em que a Sibila se dirige a Enéias a respeito das facilidades de se descer para o inferno. Sêneca introduz a referência a *Eneida* com a finalidade de ela se contrapor à impossibilidade que Cláudio sentiu em adentrar no céu. É como se afirmasse que Cláudio enfim encontrara seu lugar, onde não existem obstáculos a sua dificuldade de locomoção, pois é morro abaixo. A ficção se mescla à realidade logo que Sêneca detalha para o leitor as condições de Narciso no momento da morte: *quamuis podagricus esset* (embora estivesse com gota). Como já visto nesta análise da *Apocolocintose*, Narciso estava tratando desse mal no balneário de Sinuessa quando foi forçado a se matar.

E como afirma Bakhtin na sua teoria acerca da sátira menipéia, o caráter fantástico adquire feições de aventura, com a função puramente de provocar e experimentar a verdade²⁹³. Isso transparece em toda a *Apocolocintose* com a presença de aspectos mitológicos, e no inferno não poderia ser diferente, por exemplo, com a referência inicial a Cérbero, cão de três cabeças vigilante da entrada do Hades. Sêneca faz a menção a Cérbero por meio de um verso de Horácio, autor que exagera na representação do animal de Plutão ao descrevê-lo com cem cabeças. Esse exagero pode ser lido como uma ênfase para aquilo que estará à espera de Cláudio, na mesma linha de raciocínio do que foi dito por Hércules no céu: *Venisti huc ubi mures ferrum rodunt* (Vieste para aqui, onde os ratos roem o ferro)²⁹⁴. O destaque às dificuldades e aos aspectos assustadores é evidenciado com a oposição da vida terrena expressa em *subalbam canem in deliciis habere adsueuerat* (acostumara-se com as delícias de ter um cachorro branco) com o grande e assustador cão negro Cérbero, encontrado no escuro.

Depois do anúncio de que Cláudio estava chegando finalmente ao Hades, Sêneca insere diversas personalidades e as primeiras são os cantores. Na morte de Cláudio atores cômicos estavam presentes²⁹⁵ e agora quem recebe o *princeps* são cantores, na crítica patente a essa classe artística. Há no excerto expressão em grego que se refere às palavras proferidas nos cultos de Ísis, deusa egípcia cuja cerimônia se disseminou no mundo greco-romano no começo de nossa era. Portanto Sêneca utiliza costumes contemporâneos à sociedade dele como elemento formador da sátira contra Cláudio. Das personalidades presentes no inferno trazidas à baila por Sêneca, Caio Sílio e o ator

²⁹² VI, 126.

²⁹³ BAKHTIN, Mikhail. Op. cit. p. 114.

²⁹⁴ *Apocolocintose*, VII, 1.

²⁹⁵ Idem, IV, 2.

Mnester são especialmente destacados pelas ligações íntimas que mantiveram com Messalina, esposa de Cláudio anterior a Agripina. Caio Sílio chegou a casar-se publicamente com Messalina – ela casada com Cláudio – e os dois foram mortos logo após. O ator Mnester estava no rol de amantes da esposa do *princeps*, e nos *Anais* Tácito²⁹⁶ escreveu sobre esse artista: *Dum histrio cubiculum principis insultauerit* (enquanto um histrião insultava o leito conjugal do príncipe).

Não só as pessoas próximas a Messalina são descritas por Sêneca, mas a própria também é trazida à cena no parágrafo seguinte:

Ad Messalinam (cito rumor percebuit Claudium uenisse) conuolant primi omnium liberti Polybius, Myron, Harpocras, Amphaeus, Pheronactus, quos Claudius omnes, necubi imparatus esset, praemiserat, deinde praefecti duo Iustus Catonius et Rufrius Pollio, deinde amici Saturninus Lusius et Pedit Pompeius et Lupus et Celer Asinius consulares, nouissime fratris filia, sororis filia, generi, soceri, socrus, omnes plane consanguinei, et agmine facto Claudio occurrunt. Quos cum uidisset, Claudius, exclamat: “Πάντα φίλων πλήρη!” Quomodo huc uenistis uos?” Tum Pedit Pompeius: “Quid dicis, homo crudelissime? Quaeris quomodo? Quis enim nos alius huc misit quam tu, omnium amicorum interfector? In ius eamus: ego tibi hic sellas ostendam.”

Para junto de Messalina – logo a notícia de que Cláudio chegara espalhou-se – correm: em primeiro lugar os libertos Políbio, Míron, Arpocra, Ampheo, Pheronacto, os quais todos, para que em nenhuma parte fosse surpreendido, Cláudio enviara antes. Depois dois prefeitos, Justo Catônio e Rufrio Polião. Em seguida os amigos Saturnino Lúsio, Pedit Pompeio e Lupo e Celer Asínio, cônsules. E por último a filha do irmão, a filha da irmã, genros, sogros, sogras, todos inteiramente consagüíneos. E em fila aproximam-se de Cláudio. Quando ele os viu, exclama: “Πάντα φίλων πλήρη! (todo cheio de amigos!) Como vós viestes para cá?” Então Pedit Pompeio fala: “O que dizes, homem cruelíssimo? Perguntas como? Quem, com efeito, nos enviou para aqui senão tu, assassino de todos os amigos? Vamos à justiça. Eu, aqui, apresentar-te-ei aos tribunais.” (*Apocol.*, XIII, 5-6).

²⁹⁶ *Anais*, XI, 28.

Esta parte da *Apocolocintose* apresenta simetria com a chegada de Cláudio ao céu. Lá o governante morto de Roma também provocou balbúrdia, ao fazer Hércules pensar no décimo terceiro trabalho. Aqui no entanto a desordem provocada pelo *princeps* parte das pessoas que tinham proximidade com Cláudio e que, de uma forma ou de outra, foram por ele assassinadas. O Políbio aqui citado é o mesmo a quem Sêneca, alguns anos antes, dirige-se em uma carta consolatória, a mesma carta em que Sêneca pretende confortar Políbio por este ter perdido um irmão. Entretanto o que se lê na carta é tentativa de Sêneca bajular Cláudio com a intenção de fazer com que o *princeps* lhe perdoasse. Como não conseguiu o perdão e presenciou depois do exílio ações de Cláudio incompatíveis com a romanidade, Sêneca escreve esta sátira menipéia contra o *princeps*.

Sobre as outras pessoas relacionadas, Justo Catônio é um que foi morto por Cláudio, este induzido por Messalina. Messalina também é implicada na morte de Saturnino Lúcio e Cornélio Lupo. A filha do irmão e a filha da irmã citadas são as duas Júlias, que Augusto menciona em seu discurso. Pedo Pompeio terá papel importante na finalização desta sátira, visto que ele é quem leva Cláudio a julgamento. Sobre Pedo Pompeio não há referência, sendo portanto um nome desconhecido. Isso, ser desconhecido, pode ter sido de fato a intenção de Sêneca, já que os outros fizeram parte da vivência de Cláudio e certamente apresentavam atos que iam de encontro ao pensamento de Sêneca. Nas ironias a Cláudio no excerto, Sêneca coloca na boca do morto uma paródia de uma citação da obra *De anima* de Aristóteles, transformando a expressão *tudo está pleno de divindades*²⁹⁷ em *πάντα φίλων πλήρη!* (todo cheio de amigos!). Como Cláudio não terá mais direito nesta sátira à fala, sua última frase resume – na visão de Sêneca – as suas características: esquecimento, não ter ciência de nada, completamente desligado daquilo que acontece ao seu redor. Sêneca assim então coloca na boca de Cláudio seus últimos dizeres: *Quomodo huc uenistis uos?* (Como vós viestes para cá?).

O penúltimo capítulo da *Apocolocintose* assim começa:

Ducit illum ad tribunal Aeaci. Is lege Cornelia quae de sicariis lata est, quaerebat. Postulat nomen eius recipiat, edit subscriptionem: “Occisos

²⁹⁷ *De anima*, 411a7. Cf. a edição da Editora Martins Fontes, p. 68.

senatores XXXV, equites romanos CCXXI, ceteros ὅσα ψάμαθός τε κόνις τε.”
Aduocatum non inuenit. Tandem procedit P. Petronius, uetus conuictor eius,
homo claudiana lingua disertus, et postulat aduocationem. Non datur. Accusat
Pedo Pompeius magnis clamoribus. Incipit patronus uelle respondere. Aeacus,
homo iustissimus, uetat et illum, altera tantum parte audita, condemnat et ait:
Αἴκε πάθοι τά τ' ἔρεξε, δίκη κ' ἰθεῖα γένοιτο.

Conduziu-o ao tribunal de Éaco, que buscava na lei Cornélia os dizeres a respeito de assassinos. [Pedo] solicita que acolha o nome de Cláudio. Entrega a acusação: 35 senadores assassinados, 221 cavaleiros Romanos e outros ὅσα ψάμαθός τε κόνις τε (tantos como a arena ou o povo). Cláudio não encontra advogado de defesa. Finalmente, apresenta-se Públio Petrônio, velho comensal de Cláudio, homem conhecedor da língua claudiana, e requer o ofício de advogar. Não lhe é concedido. Pedo Pompeio acusa-o com grande indignação. O patrono de Cláudio começa a querer responder. Éaco, homem o mais justo, veta e somente com uma parte ouvida condena Cláudio e diz: *Αἴκε πάθοι τά τ' ἔρεξε, δίκη κ' ἰθεῖα γένοιτο* (se sofres tuas próprias ações, far-se-á uma reta justiça). (*Apocol.*, XIV, 1-2).

Sêneca muda seu estilo de composição a partir deste capítulo e elabora sua escrita em períodos curtos. Sugere assim para o leitor uma velocidade nos acontecimentos no tribunal do inferno e uma rápida decisão no julgamento de Cláudio com esta estrutura narrativa em flashes. Novamente pode-se contrapor o céu ao inferno, pois enquanto que naquele há discursos demorados, neste tudo acontece de forma objetiva. Figura mitológica, Éaco é o juiz infernal que tradicionalmente aparece na literatura greco-romana, como em Propércio e em Juvenal²⁹⁸. Éaco²⁹⁹ também é conhecido por sua justiça e piedade e devido a essa correção tornou-se juiz no tribunal de Hades. Sêneca busca no direito romano da época de Sula uma lei romana para ter base jurídica para a condenação de Cláudio. Essa lei estabelecia pena de morte a quem praticasse envenenamento que resultasse em perda da vida, assim como a quem desse, preparasse, vendesse ou fabricasse o veneno. A lei também prescrevia a punição para

²⁹⁸ *Elegias*, IV, 11, 19 e *Sátiras*, I, 9.

²⁹⁹ Cf. também *Diálogos dos mortos*, XI, de Luciano. Na obra a personagem Diógenes diz a respeito de Éaco: “E como foi que Éaco, que é minucioso, não reconheceu que tu não eras ele, e acolheu um suposto Heraclés aqui presente?” Tradução de Henrique G. Murachco. Edusp, p. 99.

aquele que desse sentenças injustas, e é isso também o que Sêneca evidencia na *Apocolocintose*: as injustiças de Cláudio.

A acusação entregue pela personagem Pedo contém as informações sobre o número de mortes provocadas por Cláudio. A mesma informação a respeito dos senadores mortos (35) está também em Suetônio (*Cláudio*, 29). O mesmo Suetônio relata serem mais de trezentos os cavaleiros assassinados pelo *princeps*, diferenciando de Sêneca neste aspecto. Tácito também faz menção a isso, mas escreve que foram muitas as mortes, sem quantificá-las. O relevante na escrita de Sêneca é a exposição de pormenores da corte claudiana para assim realçar a intenção de escárnio em relação a Cláudio. E essa ênfase recai no verso hiperbólico que Sêneca extrai da *Ilíada* em que Aquiles diz que Agamêmnon não o convenceria a lutar nem se desse a ele tantos presentes que equivaleriam ao número de grãos de areia. Portanto Sêneca fornece ao leitor a imagem máxima dos desmandos e crueldade de Cláudio.

Ainda assim Sêneca continua sua cruzada de derrisão contra o *princeps* ao nos apresentar seu sumário julgamento. Sêneca introduz a figura de Públio Petrônio para a tentativa, e não mais que isso, de defender o *princeps* morto. Sêneca faz com que não seja dada a voz para Cláudio nem para seu defensor para que a condenação final apresente o mesmo aspecto das condenações que Cláudio fazia em vida, ou seja, uma só parte ouvida. Rememore-se o discurso de Augusto (por que razão algum destes, os quais e as quais mataste antes de tomar conhecimento dos motivos, antes de ouvi-los, por que razão os condenaste? – *Apocol.*, X, 4) em que por meio de Sêneca há a crítica a esse hábito de Cláudio. Rememore-se também nesta *Apocolocintose* a nênia (XII, 3): nenhum outro/ pôde com mais rapidez/ conhecer os processos,/ tanto uma parte/ sendo ouvida como,/ às vezes, nenhuma. Além da crítica feita por Sêneca, Suetônio é um dos historiadores que escreveu sobre essas ações iníquas do *princeps* em *Cláudio*, 15: *Absentibus secundum praesentes facillime dabat, nullo dilectu culpane quis an aliqua necessitate cessasset* (pronunciava-se facilmente a favor dos presentes contra os ausentes, sem verificar se esta ausência era voluntária ou imperativa). Por fim para Cláudio é aplicada a lei de Talião, em que os delitos provocados são vingados, infligindo ao criminoso o mesmo dano ou mal que ele praticara. Ser categoricamente condenado sem ser ouvido associa-se ao modo de agir de Cláudio ao não ouvir as partes demandadas e também pode ser associado à crítica que Sêneca faz à incapacidade de Cláudio de verbalizar coerentemente seus pensamentos. Essa crítica aparece em toda a *Apocolocintose*, mas seja lembrada a fala Sêneca no discurso de Augusto, que diz: Em

suma, diga ele rapidamente três palavras e conduza-me como seu escravo (*Apocol.*, XI, 2).

Sêneca prossegue assim a sua sátira:

Ingens silentium factum est. Stupebant omnes, nouitate rei attoniti; negabant hoc unquam factum. Claudio magis iniquum uidebatur quam nouum. De genere poenae, diu disputatum est quid illum pati oporteret. Erant qui dicerent Sisyphum iam diu laturam fecisse, Tantalum siti periturum nisi illi succurreretur, aliquando Ixionis miseri rotam sufflaminanda: non placuit ulli ex ueteribus missionem dari, ne uel Claudius unquam simile speraret. Placuit nouam poenam constitui debere, excogitandum illi laborem irritum et alicuius cupiditatis speciem sine fine et effectum. Tum Aeacus iubet illum alea ludere pertuso fritillo. Et iam coeperat fugientes semper tesseras quaerere et nihil proficere.

Profundo silêncio se faz. Todos estavam entorpecidos, atônitos com a novidade, e diziam que isso nunca tinha sido pronunciado. Para Cláudio isso parecia mais injusto do que inesperado. Debateu-se por muito tempo a respeito do tipo de pena, aquela que fosse preciso que ele sofresse. Havia aqueles que diziam ter Sísifo feito o transporte por muito tempo, que Tântalo a morrer daquela sede deverá ser socorrido, que já finalmente é preciso frear a roda do infeliz Ixíon. Não foi do agrado a resolução ser concedida a nenhum dos antigos condenados, para que nem mesmo Cláudio algum dia tivesse esperança similar. Foi do agrado que uma nova pena devesse ser estabelecida, devendo ser encontrado para ele um trabalho inútil e uma aparência de algum desejo sem fim e sem consequência. Então Éaco ordena-o a divertir-se com o jogo de dados com um copo furado. E nesse instante Cláudio tinha começado a buscar incessantemente os dados fugitivos e de nada adiantar. (*Apocol.*, XIV, 3-5).

Cláudio, por meio da sátira de Sêneca, é o primeiro a ser sumariamente condenado daquela forma, tamanho é o sentimento de aversão que o autor desta menipéia sentia pelo governante morto de Roma. E Sêneca faz com que Cláudio perceba que aquilo que ali acontecia era injustiça, com a nítida intenção de fazer o *princeps* amargar o que praticava em vida. É o sentimento que Sêneca sentira

certamente quando fora exilado pelo mesmo Cláudio alguns anos antes, e que agora é revertido nesta desconstrução da imagem de divino do *princeps*. Na estruturação desta menipéia, Sêneca recorre a outra imagem comum na literatura greco-romana, que é a inserção das figuras mitológicas condenadas a pagar seus pecado por toda a eternidade. Na *Otavia*, pretexto atribuída a Sêneca, há o seguinte trecho na voz de Agripina: *ultrix Erinys impio dignum parat/ letum tyranno, uerbera et turpem fugam/ poenasque quis et Tantalii uincat sitim,/ dirum laborem Sisyphi, Tityi alitem/ Ixionisque membra rapientem rotam* (A Erínia vingadora prepara o fim que será digno do ímpio tirano; prepara açoites, uma fuga vergonhosa e punições com que possa superar a sede de Tântalo, o duro trabalho de Sísifo, a ave de Tício e a roda que arrasta os membros de Ixião)³⁰⁰. O mesmo Sêneca aproveita essa imagem na tragédia *Medéia*³⁰¹. Propércio (*Elegias*, IV, 11) é outro autor que pode ser citado que se utiliza da mesma imagem.

No caso da *Apocolocintose*, Sêneca ironicamente primeiro propõe a substituição de algum condenado célebre por Cláudio, mas isso é feito com a intenção retórica de se introduzir a seguinte resposta: *non placuit ulli ex ueteribus missionem dari, ne uel Claudius unquam simile speraret* (não foi do agrado a resolução ser concedida a nenhum dos antigos condenados, para que nem mesmo Cláudio algum dia tivesse esperança similar). Sêneca declara com firmeza que é irrevogável a condenação de Cláudio, que para o morto não há a possibilidade de se pensar no perdão a suas ações condenáveis em vida. Interessante observar que Cláudio foi de fato divinizado pelo senado romano, e teve cancelada por Nero essa honra. Até aí isso vai ao encontro das idéias apresentadas pela *Apocolocintose*, no entanto o título de deus foi restituído para Cláudio por Vespasiano, o que corresponderia na *Apocolocintose* à suspensão da pena no inferno.

E no último parágrafo deste capítulo, Sêneca faz Éaco definir a pena de Cláudio. Sêneca busca na nênia³⁰² (gemei,/ e vós que, primeiramente/ ao agitar/ o copo de jogar,/ alcançais um grande lucro) as imprecções feitas contra os jogadores e por extensão ao governante morto, pois era notório o gosto do *princeps* pelo jogo, como escreve Suetônio³⁰³: *Solitus etiam in gestatione ludere, ita essedo alueoque adaptatis ne lusus confunderetur* (costumava jogar até mesmo no carro em que viajava e o tabuleiro se achava tão bem ajustado à viatura que o jogo não se baralhava). A pena de Cláudio é

³⁰⁰ *Octavia*, 619-623. Tradução de Zelia de Almeida Cardoso. Inédito.

³⁰¹ *Medéia*, 744-747.

³⁰² *Apocolocintose*, XII, 3.

³⁰³ *Cláudio*, 33.

tentar jogar os dados no copo e estes escaparem sempre. Sêneca mescla o real – o jogo como a preferência absoluta de Cláudio – com o tipo de pena aplicada ao morto. Até nisso o autor desta sátira menipéia buscou alusões no mundo de conhecimentos mitológicos dos romanos, visto que o tipo de pena aplicada ao *princeps* faz analogia aos castigos impostos as Danaides. As Danaides são as cinquenta filhas do rei Dânao que se casaram com os cinquenta filhos do irmão de Dânao. Por instrução do pai, as filhas mataram os maridos na noite de núpcias, mas uma das filhas se recusou a fazer isso. Posterior a isso, o marido sobrevivente vingou os irmãos mortos, e a lenda informa que elas receberam no inferno o castigo que consistia em tentar eternamente encher com água um recipiente furado³⁰⁴. Sêneca faz analogia desse mito com a pena de Cláudio associando a mortandade provocada pelas Danaides à provocada pelo governante morto.

A aplicação da pena relativa a esse jogo sem fim abre o último capítulo desta sátira menipéia:

*Nam quotiens missurus erat resonante fritillo,
Vtraque subducto fugiebat tessera fundo;
Cumque recollectos auderet mittere talos,
Lusuro similis semper semperque petenti,
Decepere fidem: refugit digitosque per ipsos
Fallax adsiduo dilabatur alea furto.
Sic, cum iam summi tanguntur culmina montis,
Irrita Sisyphio uoluuntur pondera collo.
Apparuit subito C. Caesar et petere illum in seruitutem coepit. Producit testes,
qui illum uiderant ab illo flagris, ferulis, colaphis uapulantem. Adiudicatur C.
Caesari. Caesar illum Aeaco donat. Is Menandro liberto suo tradidit, ut a
cognitionibus esset.*

Pois cada vez que queria lançar os dados ao retumbante copo de jogar, um e outro dado passavam pelo fundo furado. E quando tentasse lançar os dados juntos, do mesmo modo que um jogador e sempre igual ao que busca os dados, a sorte enganava sua esperança: por entre os dedos o dado enganador foge e escapa num roubo eterno. Da mesma forma que, quando no instante em que as

³⁰⁴ Cf. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal. P. 110.

partes mais altas da montanha são tocadas, inúteis pesos são atirados do ombro de Sísifo.

Súbito, Caio César apareceu e começou a suplicá-lo como seu escravo; apresentou testemunhas, que tinham visto Cláudio sofrer sob César com os chicotes, com as chibatas e com as bofetadas. É oferecido a Caio César. Calígula presenteia Cláudio a Éaco. Este o passa a seu liberto Menandro, para que Cláudio fosse inquirido por ele. (*Apocol.*, XV, 1-2).

O início do excerto acima se relaciona portanto com a história mítica das Danaides, e como Sêneca fez desse dado mitológico a condenação eterna de Cláudio. Partindo da característica da *menipéia* que consiste em mesclar prosa e verso, Sêneca escreve em versos a primeira parte deste capítulo, aqui com intenção visível de cantar o começo do sofrimento do *princeps* no inferno. E por fim, no último parágrafo da *Apocolocintose* surge novamente Calígula que, por não ter sido divinizado nem contar com a simpatia de Sêneca, só poderia estar no inferno. Interessante observar que Sêneca fizera referência a Calígula e escrevera o seguinte relacionando-o a Cláudio: *C. Caesarem non desiit mortuum persequi* (e ele não deixa de seguir os caminhos do morto Caio César)³⁰⁵. O autor desta sátira busca o fato de Calígula quando vivo ter maltratado Cláudio para que isso se repita também no Hades. Suetônio³⁰⁶ é autor que escreveu sobre as crueldades de Calígula para com Cláudio: *Nam Claudium patrum non nisi in ludibrium reseruauit* (com efeito, não conservou Cláudio, seu tio paterno, a não ser para zombaria).

Depois disso, em três períodos curtos que se associam com os movimentos rápidos daquilo que acontece no inferno, Cláudio retorna a Éaco, que o passa ao liberto Menandro. A degradação de Cláudio chega ao fim e o *princeps* acaba sendo escravo de um escravo, recebendo ordens de um escravo. Sêneca faz relação disso com a vida de Cláudio, que não foi um *princeps* que teve voz ativa e foi muito influenciado por seus libertos³⁰⁷. A zombaria de Sêneca faz com que Cláudio continue ligado aos tribunais, no entanto não como o juiz que decide, mas sim como um mero subordinado a outro também subordinado. A partir de então, Cláudio situa-se no inferno, e é interessante observar que na *Otavia*, pretexto atribuída a Sêneca, há passagem em que o espectro de

³⁰⁵ *Apocolocintose*, XI, 2.

³⁰⁶ *Calígula*, 23.

³⁰⁷ Cf. Suetônio, *Cláudio*, 29.

Agripina relata ser perseguida pelo *princeps*: *Extinctus umbras agitat infestus meas/ flammisque uultus noxios coniunx petit,/ instat, minatur, imputat fatum mihi/ tumulumque nati, poscit auctorem necis* (Meu esposo morto, hostil, persegue minha sombra e procura alcançar com chamas meu rosto culpado; aproxima-se, ameaça, imputa-me sua morte e seus funerais, exige o autor do assassinio de seu filho. Espera! Ele te será entregue. Não te peço muito tempo)³⁰⁸. No trecho da *Apocolocintose*, Menandro, citado como aquele que irá inquirir o morto, pode ser relacionado com o poeta de comédias grego que viveu entre 342 a.C. e 291 a.C. Caso Sêneca tenha pensado neste poeta grego, essa é a homenagem final ao gênero textual que dissecava os vícios e que serviu de veículo para a grande derrisão contra Cláudio.

³⁰⁸ *Octavia*, 614-617. Tradução de Zelia de Almeida Cardoso. Inédito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste nosso trabalho de pesquisa, portanto, apresentamos a teoria acerca da sátira menipéia segundo Mikhail Bakhtin, Northrop Frye e Enyton José de Sá Rego, com as respectivas obras *Problemas da poética de Dostoievski*; *Anatomia da Crítica*; *O Calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Sobre o gênero literário sátira menipéia, verifica-se ainda incipiente o estudo, entretanto não só as bases caracterizadoras dessa modalidade de escrita eram de conhecimento dos escritores clássicos da antiguidade como também eles escreviam de acordo com esse gênero e de acordo com as próprias intenções dessacralizadoras. Assim essa estrutura textual que na modernidade talvez possa suscitar dúvidas era praxe dos escritores gregos e romanos, e conseqüentemente o leitor da época ao deparar-se com esse gênero textual possuía a exata noção de tal gênero ter como propósito abolir a aura de sagrado e de grandioso de alguma coisa ou de alguém. Um gênero que faz críticas como a sátira menipéia insere-se no denominado gênero baixo, em contraposição à epopéia, à tragédia, por exemplo. Sêneca, para a completa compreensão dos aspectos derrisórios contra Cláudio, utiliza-se da sátira menipéia exatamente por pertencer a este gênero a fusão do formal com o informal, do alto com o baixo, de pessoas conhecidas e ditas de uma sociedade elevada que se portam e se apresentam com características de um estrato mais baixo da sociedade.

Dessa forma, Sêneca dá a conhecer em seu texto *Apocolocintose do divino Cláudio* o governante morto de Roma sem nenhum véu que poderia enobrecê-lo. A ira contida por muitos anos devido ao exílio sofrido e depois a constatação da inabilidade de Cláudio liderar os romanos fazem com que Sêneca ponha para fora, após a morte desse *princeps*, tudo aquilo que lhe presenciou na corte. A *Apocolocintose do divino Cláudio* trata disso, portanto. E a partir dessa experiência de leitura a respeito das características da menipéia, procuramos deixar a tradução do texto para o português, em nosso trabalho de pesquisa, o mais próximo possível da idéia latina, porque como Umberto Eco mesmo afirma, em uma tradução “nunca se diz a mesma coisa, pode-se dizer *quase* a mesma coisa”³⁰⁹. Nessa escolha de tradução e não de simplesmente uma versão para a nossa língua, conservamos a segunda pessoa, que quase não se usa em português – principalmente em textos de gênero baixo –, mas que aqui assume uma

³⁰⁹ *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Editora Record, p. 10.

importante função, pois é particularidade da menipéia uma mistura de estruturas formais com informais, de formas cultas com palavras da coloquialidade.

Constatamos que a *Apocolocintose* é um texto popular, todavia de extremo rigor em sua estrutura interna. A partir disso, começamos a investigar com mais profundidade esta sátira e vimos que Sêneca mostra toda a genialidade intelectual por ser este texto uma enorme massa de erudição e conhecimento relativos ao mundo antigo. Não só por ser Sêneca um grande intelectual, mas também constatamos que a sátira menipéia apresenta um grande manancial de relações intertextuais, quase ou igual a uma colcha de retalhos em que cada pedacinho tem muito a dizer. Por conseguinte, afirmamos que essa é uma peculiaridade da sátira menipéia, ou seja, é um gênero que se forma encadeando outras várias formas de escrita. Procuramos evidenciar, em nossa pesquisa, algumas conexões que a *Apocolocintose* estabeleceu com a literatura grega e romana, mas salientamos de antemão que isso pode representar uma pequena parte do que de fato a *Apocolocintose* é: uma infinita rede de significações e de sugestões.

A *Apocolocintose do divino Cláudio*, portanto, é uma genuína sátira menipéia, e a abundância de detalhes, a riqueza nas imagens propostas faz com que nós, leitores, nos debruçemos sobre ela com o intuito de investigação. Essa idéia – a de investigar – mais o trabalho de pesquisa a respeito de uma língua extremamente rica como a latina estão presentes nesta nossa pesquisa de Mestrado. Nesse texto pouco conhecido em língua portuguesa, Sêneca, o grande filósofo estóico, deixou de lado essa austeridade de caráter e rigidez moral para nos presentear com um texto único e revelador das entranhas do poder na Roma do século I d.C.

BIBLIOGRAFIA

Textos

- PETRÔNIO, *Satyricon*. SENECA, *Apocolocyntosis*. Londres: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 2005. 497 p.
- SÉNÈQUE. *L'Apocoloquintose du divin Claude*. Texto estabelecido por René Waltz. Paris. Editora Les Belles Lettres, 1934. 26 p.

Dicionários e gramáticas

- ALMENDRA, Maria Ana e FIGUEIREDO, José Nunes de. *Compêndio de Gramática Latina*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1977. 287 p.
- FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de Latim-Português*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1993. 1240 p.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005. 555 p.
- PRIOR, Richard E. e WOHLBERG, Joseph. *501 latin verbs*. New York, EUA: Barron's Educational Series, Inc, 1995. 548 p.
- RAGON. *Gramática Latina*. São Paulo, Brasil: Editora do Brasil, 1961. 316p.
- SARAIVA. *Novíssimo dicionário Latino-português*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000. 1297 p.

Artigos

- BRAREN, Ingeborg. O mausoléu de Augusto e a *Apocolocintose* de Sêneca. *Clássica*, São Paulo, 7/8: 165-170, 1994/1995.
- CORASSIN, Maria Luiza. Sêneca entre a colaboração e a oposição. *Letras Clássicas*, São Paulo, nº. 3: 275-285, 1999.
- FAVERSANI, Fábio. A concepção de Estado em Sêneca. *Boletim do CPA*, Campinas, nº. 5/6: 223-234, jan./dez. 1998.
- GRAMMATICO, Giuseppina. Silencio y furor em la *Apokolokynthosis* de Sêneca. *Letras Clássicas*, São Paulo, nº. 3: 109-127, 1999.
- OLIVA NETO, João Ângelo. Riso invectivo vs. Riso anódino e as espécies de iambo, comédia e sátira. *Letras Clássicas*, São Paulo, nº. 7: 77-98, 2003.
- VAN RAIJ, Cleonice Furtado de Mendonça. A filosofia da dor nas *Consolações* de Sêneca. *Letras Clássicas*, São Paulo, nº. 3: 11-21, 1999.

Obras de apoio

- A VIDA E OS FEITOS DO DIVINO AUGUSTO/ TEXTOS DE SUETÔNIO E AUGUSTO. Trad. de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 139 p.
- ALFÖDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença. 1989. 264 p.
- ANDERSON, William S. *Essays on Roman Satire*. Editora Princeton University. 1982.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997. 114 p.
- ARISTÓTELES. *De anima*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006. 359 p.
- AZEVEDO, Fernando de. *No tempo de Petrônio*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962. 190 p.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1981.
- CARCOPINO, Jérôme. *A vida cotidiana em Roma no apogeu do Império*. Lisboa: Edição Livros do Brasil Lisboa, s/d. 369 p.
- CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo, Edusp. 1996. 280 p.
- CÉSAR, Caio Júlio. *Commentarii de bello Gallico*. Edição anotada por Joaquim Freire de Macedo. Lisboa: Aillaud e Cia, sd. 311 p.
- CÍCERO. *Cartas a Ático*. Madrid: Editorial Gredos, 1996. 2 volumes.
- D'ÓNOFRIO, Salvatore. *Os Motivos da Sátira Romana*. Marília, Editora Alfa, 1968.
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007. 458 p.
- FEDRO. *Fábulas*. Trad. de Antônio Inácio de Mesquita Neves. São Paulo: Editora Átomo, 2001. 165 p.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Ed. Cultrix, 1957.
- GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992. 317 p.
- GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 2001. 354 p.
- _____. *O século de Augusto*. Lisboa: Edições 70, 1992. 111 p.

- _____. *Senèque*. Paris: Editora PUF, 1994. 128 p.
- HOMERO. *Ilíada*. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa, Portugal: Editores Biblioteca Independentes, 2007. 501 p.
- _____. *Odisséia*. Tradução de G.D. Leoni. São Paulo: Editora Atena, 1960. 399 p.
- HORACE. *Satires*. Les Belles Lettres. Paris. 2002. 243p.
- HORACIO. *Sátiras*. Madrid: Alianza Editorial, 2001. 162 p.
- JUVÉNAL. *Satires*. Paris: Les Belles Lettres, 2002. 341 p.
- LAERTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988. 361 p.
- LUCIANO DE SAMÓSATA. *Diálogos de los dioses*. Madrid, Espanha: Ediciones Clásicas, 2006. 62 p.
- _____. *Diálogos dos mortos*. Tradução de Henrique G. Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. 214 p.
- MARCIAL. *Epigramas*. Lisboa, Portugal: Edições 70. 4 volumes. 2000.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora Unesp. 654 p.
- OVÍDIO. *Metamorfosis*. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2003. 612 p.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica, vol. 1 e 2*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990. 557 p.
- _____. *Romana: Antologia da cultura latina*. Coimbra, Portugal: Editora Universidade de Coimbra, 1994. 292 p.
- PETRÔNIO. *Satíricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2008. 272 p.
- _____. *Satyricon*. Tradução de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Editora Crisálida, 2004. 323 p.
- PROPÉRCIO. *Elegias*. Edição bilíngüe de Francisca Moya e Antonio Ruiz. Madrid, Espanha: Catedra Letras Universales. 2001. 693 p.
- ROMANELLI, R.C. *Os prefixos latinos*. Belo Horizonte: Editora da Universidade de Minas Gerais, 1964. 135 p.
- SÊNECA. *As troianas*. Tradução de Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo: Editora Hucitec, 1997. 156 p.
- _____. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 713 p.

- _____. *Cartas Consolatórias*. Tradução de Cleonice Furtado Mendonça Van Raij. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 1992. 122 p.
- _____. *Octavia*. Tradução de Zelia de Almeida Cardoso. São Paulo, 2002. Texto inédito. 122 p.
- _____. *Sobre a brevidade da vida*. Trad. de Willian Li. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1993. 79 p.
- _____. *Tratado sobre a clemência*. Tradução de Ingeborg Braren. Petrópolis: Editora Vozes, 1990. 215 p.
- SÉNECA. *Medea*. Madrid, Espanha: Editora Gredos, 2001. 156 p.
- SÉNÈQUE. *Octavie*. Paris: Les Belles Lettres, 1998. 126 p.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à Poética Clássica*. São Paulo: Editora FTD, 1967. 151 p.
- SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Tradução de Sady-Garibaldi. São Paulo: Editora Atena, 1962. 417 p.
- TÁCITO. *Anais*. Rio de Janeiro: Clássicos Jackson Editores, s/d. 447 p.
- _____. *Obras Menores*. Lisboa, Portugal: Livros Horizontes Editora, 1974. 153 p.
- VERGILI, P. Maronis. *Opera*. New York, Estados Unidos: Oxford Classical Texts, 1988. 42 p.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006. 93 p.
- VEYNE, Paul. *A Sociedade Romana*. Lisboa: Edições 70, 1993. 254 p.
- VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Editora Crisálidas, 2005. 256 p.

Referências em meio eletrônico

<http://bestlatin.net/zoo/mus.htm>

http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/home.html

<http://www.dirtyoldcoins.com/natto/id/nero.htm>

<http://www.thelatinlibrary.com/>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)